



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**LÍVIA SANTOS DE FREITAS**

**O USO DO LIVRO ELETRÔNICO E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO  
NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:  
UM ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA DA ÁREA DE SAÚDE DA UFBA**

Salvador  
2015

**LÍVIA SANTOS DE FREITAS**

**O USO DO LIVRO ELETRÔNICO E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO  
NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:  
UM ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA DA ÁREA DE SAÚDE DA UFBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes.

Salvador  
2015

F866 Freitas, Lívia Santos de

O uso do livro eletrônico e a mediação da informação na biblioteca universitária: um estudo de caso da Biblioteca da área de saúde da UFBA/ Lívia Santos de Freitas. – Salvador, 2015.

178 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2015.

1. Livro eletrônico. 2. Mediação da informação. 3. Biblioteca universitária. I. Gomes, Henriette Ferreira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. III. Título.

CDD: 028.7

CDU: 028.5

**LÍVIA SANTOS DE FREITAS**

**O USO DO LIVRO ELETRÔNICO E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA DA ÁREA DE SAÚDE DA UFBA.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, defendida e aprovada em 31 de agosto de 2015, pela banca examinadora:

---

Henriette Ferreira Gomes - Orientadora

Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2006.

---

Helen Beatriz Frota Rozados - Membro externo

Doutora em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

---

Aida Varela Varela -Membro interno

Doutora em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, UnB, 2003.

À Marinalva, minha querida e amada mãe, que sempre me guiou na minha jornada. A Luiz, meu pai, por ensinar-me que o estudo, esforço e dedicação é o caminho mais acertado para o sucesso. A minha avó Maura, pelo seu amor, dedicação e por estar comigo em todos os momentos da minha vida. E ao meu amor Franklin, pela compreensão, apoio e paciência dedicados.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a vida, a saúde, sabedoria, conhecimento e persistência para ir em busca da realização dos meus sonhos.

A minha querida mãe, Marinalva, por acreditar em mim e sempre me incentivar a lutar por meus ideais.

Ao meu esposo Franklin, pelo apoio, paciência e amor dedicados. Você foi fundamental para que eu alcançasse mais esta vitória.

Aos meus colegas do mestrado, em especial, Fábio Gomes e Fábio Jesus, por compartilharmos juntos as angústias, alegrias e conhecimentos.

A minha querida Professora e Orientadora Henriette Ferreira Gomes, por ensinar-me com paciência e amor o caminho da pesquisa científica. A Senhora foi extremamente dedicada e, por vezes, me senti embalada no seu conhecimento e sabedoria. Obrigada por me ajudar nessa caminhada e que Deus lhe abençoe grandemente na sua jornada.

À Aldacy, minha querida “chefe”, amiga e colega bibliotecária. Obrigada por desculpar minhas ausências em função da pesquisa, por me incentivar a buscar os meus objetivos e por tantas vezes me ouvir.

À Mariana Freitas, pela atenção, cuidado e empenho na revisão deste estudo.

Agradeço às Professoras Helen Beatriz Rozados, Aida Varela e Hildenise Novo e ao Professor Edvaldo Couto por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho, contribuindo com a reflexão construída ao longo dessa trajetória no mestrado.

Enfim, muito obrigada a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste estudo.

“O novo produz surpresas, espantos, resistências,  
mas os avanços dificilmente ocorrem  
sem uma certa dose  
de estranhamento.”  
(PERROTI; VERDINI, 2008).

## RESUMO

O uso do livro eletrônico e a mediação da informação na Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA constituem a temática desta dissertação, que teve como intuito verificar se a disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material. Desdobrando-se como objetivos específicos buscou-se avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas; verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA; identificar as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes; verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos. Quanto ao nível de investigação a pesquisa caracterizou-se como descritiva, cuja investigação se deu através de um levantamento para identificar os cursos da área de saúde contemplados com livros eletrônicos, associado ao método documental para analisar os programas das disciplinas dos diversos cursos da área de saúde e ao método de estudo de caso para verificar a incorporação do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA. Para a obtenção das informações optou-se pela adoção da técnica de entrevista junto aos docentes, bibliotecárias, servidora técnica-administrativa e gestora do Sistema de Bibliotecas da UFBA e aplicação de questionário junto aos discentes das disciplinas selecionadas para composição da amostra que foi constituída por 3 (três) disciplinas do Curso de Medicina e 2 (duas) do Curso de Nutrição. A análise dos dados realizou-se a partir da integração das abordagens quantitativas e qualitativas. Os resultados demonstraram que não houve uma incorporação do livro eletrônico às bibliografias básicas e complementares das disciplinas da área de saúde da UFBA; que a frequência de uso desse dispositivo ainda é muito pequena, apesar dos usuários enumerarem diversas facilidades para o seu uso, a exemplo da facilidade de uso e compartilhamento de conteúdos; como dificuldade foi apontado o cansaço visual e constatou-se limitações nas práticas de mediação da informação desenvolvidas pelos bibliotecários. Resultados esses que, analisados à luz da literatura que sustentou este estudo, geraram como principal conclusão a necessidade de construção de uma política institucional promovida pelo SIBI/UFBA para que de fato, haja um estímulo ao uso dos diversos dispositivos de informação disponíveis nas suas bibliotecas, entre eles o livro eletrônico, assim como, a elaboração e promoção de ações mediadoras para o desenvolvimento no estudante de competências para realizar a busca, o acesso e uso das fontes de informação em sua plenitude e em quaisquer formatos e suportes.

**Palavras-chave:** Livro eletrônico. Mediação da informação. Biblioteca universitária.

## ABSTRACT

The use of e-book and mediation of information on Health University Library of UFBA constitute the theme of this dissertation, which had the intention to verify the availability of electronic books to graduate students community healthcare UFBA has resulted in use effective this material. Unfolding specific objectives sought to assess the degree of incorporation of the electronic book in the basic and complementary bibliographies of disciplines; check the use frequency of the electronic book in the subjects of the courses of healthcare UFBA; identify the strengths and difficulties of use of the electronic book by students and teachers; check for mediating actions developed by librarians to encourage the use of electronic books. As for the research level research was characterized as descriptive, whose research was made through a survey to identify the healthcare courses awarded eBooks associated with the documentary method to analyze the programs of disciplines from various area courses health and case study method to check the incorporation of the electronic book in the subjects of the courses of healthcare UFBA. To obtain the information we opted for the adoption of the interview technique with teachers, librarians, technical-administrative server and manager of the UFBA Library System and a questionnaire to the students of the subjects selected for the sample composition consisted of 3 (three) disciplines of Medical Course and 2 (two) of the Nutrition Course. The data analysis was carried out from the integration of quantitative and qualitative approaches. The results showed that there wasn't incorporation of electronic book to basic and complementary bibliographies of the disciplines of health course UFBA; the frequency of use of this device is still very small, despite the users enumerate several facilities for its use, such as the ease of use and content sharing; difficulty was appointed as eye strain and it was found limitations in information mediation practices developed by librarians. The results were analyzed based on literature that supported this study, generated as main conclusion the need for building an institutional policy promoted by SIBI/UFBA so that in fact, there is a stimulus to the use of various information devices available in their libraries, including the e-book, as well as, the development and promotion of mediating actions to develop the student skills to perform the search, access and use of information sources in its fullness and in any format and media.

**Keywords:** Electronic book. Mediation of information. University library.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sistema de Bibliotecas da UFBA	66
Figura 2 – Plataforma <i>Dot.Lib</i>	67
Figura 3 – Acesso aos livros eletrônicos a partir do Catálogo <i>on-line</i> da UFBA	68
Figura 4 – Plataforma <i>Dot.Lib</i> de acesso aos livros eletrônicos da UFBA	69
Figura 5 – Visualização do conteúdo dos livros eletrônicos na plataforma <i>Dot.Lib</i>	70
Figura 6 – Divulgação dos novos livros eletrônicos assinados pela UFBA	125
Gráfico 1 – Número de acessos aos livros eletrônicos da UFBA 2010-2014	106
Quadro 1 – Caracterização dos livros eletrônicos frente aos livros impressos	47
Quadro 2 – Modalidade de formato de texto de preferência dos docentes para indicação de leitura	90
Quadro 3 – Indicação de textos em formato eletrônico pelos docentes	103
Quadro 4 – Percepção dos docentes sobre a leitura de textos em formato eletrônico por parte dos docentes	113

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição percentual dos discentes por sexo e faixa etária	83
Tabela 2 – Frequência de leitura integral de texto acadêmico-científico pelos discentes	84
Tabela 3 – Nível de habilidade no uso do computador e frequência de utilização pelos discentes	85
Tabela 4 – Utilização das bibliotecas da UFBA e sua finalidade	86
Tabela 5 – Uso dos dispositivos de informática das bibliotecas da UFBA	87
Tabela 6 – Preferência dos discentes quanto à modalidade de formato de texto acadêmico-científico	89
Tabela 7 – Leitura do livro eletrônico pelos discentes	90
Tabela 8 – Preferência sobre a natureza do texto do livro eletrônico	91
Tabela 9 – Distribuição percentual da frequência de leitura do livro eletrônico pelos discentes	92
Tabela 10 – Distribuição percentual dos discentes por tempo de leitura na tela do computador	93
Tabela 11 – Posse de dispositivo próprio para leitura de livros eletrônicos	94
Tabela 12 – Dispositivos utilizados para leitura de livros eletrônicos	95
Tabela 13 – Conhecimento dos discentes quanto à existência de livros eletrônicos na UFBA	96
Tabela 14 – Fontes por meio das quais os discentes tomaram conhecimento sobre os livros eletrônicos da área de saúde que integram o acervo da UFBA	97
Tabela 15 – Formas de utilização dos livros eletrônicos pelos discentes da UFBA	98
Tabela 16 – Modos de leitura dos livros eletrônicos pelos discentes da UFBA	99
Tabela 17 – Distribuição percentual dos discentes que identificaram a existência de livros eletrônicos da UFBA nas bibliografias das disciplinas	100
Tabela 18 – Fatores apontados pelos discentes para o desconhecimento da existência dos livros eletrônicos da área de saúde no acervo da UFBA	101
Tabela 19 – Distribuição percentual dos estudantes que fazem uso dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA em atividades acadêmicas e/ou de pesquisa	108
Tabela 20 – Distribuição percentual da frequência de uso dos livros eletrônicos da UFBA	108
Tabela 21 – Distribuição percentual das percepções dos discentes sobre a leitura na tela do computador, <i>e-readers</i> ou <i>tablets</i>	110
Tabela 22 – Percepção dos discentes quanto às facilidades da leitura de livros eletrônicos	111
Tabela 23 – Percepção dos discentes quanto às dificuldades da leitura de livros eletrônicos	112

## LISTA DE SIGLAS

BUS	Biblioteca Universitária de Saúde
CI	Ciência da Informação
DDA	<i>Demand Driven Acquisition</i>
DRM	<i>Digital Rights Management</i>
HUPES	Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos
ICS	Instituto de Ciências da Saúde
IES	Instituição de Ensino Superior
ISC	Instituto de Saúde Coletiva
JISC	<i>Joint Information Systems Committee</i>
PDA	<i>Patron Driven Acquisition</i>
REUNI	Programa de Apoio aos Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais
RI	Repositório Institucional
SIBI	Sistema de Bibliotecas
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
VPN	<i>Virtual Private Network</i>

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	14
2	<b>QUADRO TEÓRICO E EMPÍRICO</b>	17
2.1	A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: UM ESPAÇO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	17
2.2	A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO	25
2.3	MEDIAÇÃO NO CONTEXTO DOS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	32
2.4	DO LIVRO IMPRESSO AO LIVRO ELETRÔNICO	39
2.4.1	<b>O conceito de livro eletrônico, a evolução do dispositivo e outras questões</b>	42
2.4.2	<b>O livro eletrônico e a biblioteca universitária</b>	49
2.4.2.1	A leitura em ambiente digital: uso dos livros eletrônicos	58
2.4.2.2	O livro eletrônico e a Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA	63
3	<b>METODOLOGIA</b>	72
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	73
3.2	UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA	73
3.2.1	<b>Critérios da seleção da amostra</b>	74
3.2.2	<b>Técnicas e instrumentos de coleta de dados</b>	76
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	78
3.4	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	79
4	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	81
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO AOS HÁBITOS INFORMACIONAIS	81
4.2	GRAU DE INCORPORAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO NAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E COMPLEMENTARES	90
4.3	FREQUÊNCIA DE USO DO LIVRO ELETRÔNICO NAS DISCIPLINAS DOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE	106
4.4	FACILIDADES E DIFICULDADES DE UTILIZAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO PELOS DISCENTES E DOCENTES	109
4.5	AÇÕES MEDIADORAS DESENVOLVIDAS PELOS BIBLIOTECÁRIOS PARA ESTIMULAR O USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS	113
5	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	117
5.1	OS HÁBITOS INFORMACIONAIS E A INCORPORAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO	117

**SUMÁRIO**  
**(continuação)**

5.2	LIVRO ELETRÔNICO: FACILIDADES E DIFICULDADES QUANTO AO SEU USO	128
5.3	O BIBLIOTECÁRIO E O SEU PAPEL NO USO DOS DISPOSITIVOS DE INFORMAÇÃO DIGITAL	132
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	139
	<b>REFERÊNCIAS</b>	145
	<b>APÊNDICES</b>	153
	<b>ANEXO</b>	175

## 1 INTRODUÇÃO

A informação digital é uma constante para todos nós, lidamos com ela a todo o momento, seja quando recebemos ou enviamos uma mensagem por *e-mail*, ao utilizarmos um caixa eletrônico bancário, na realização da leitura de um letreiro na rua ou de um jornal eletrônico. Portanto, na atualidade a informação digital é indissociável das atividades que realizamos, estando a tal ponto enraizada no cotidiano social que, também o livro eletrônico já se constitui uma realidade na sociedade contemporânea.

Por muitos séculos, o livro impresso constituiu o dispositivo de leitura mais consagrado e inalterado, tendo alguns melhoramentos quanto a sua forma física, aos processos de editoração e até mesmo à comercialização, porém sempre se concretizou como um dispositivo palpável, que pode ser folheado, riscado e, ainda, armazenar as anotações sobre as impressões de leitura.

Entretanto, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação ocorreram mudanças intensas em diversos setores da sociedade, e também em relação ao livro. A partir do momento em que as informações passaram a ser disseminadas em formato digital através da *web*, o livro deixou de ser exclusivamente impresso para também assumir a modalidade de formato adaptado para o ambiente digital, do mesmo modo em que surgiram os formatos eletrônicos para os periódicos.

Uma vez que o livro fora adaptado para o ambiente digital, as instituições foram demandadas a trabalhar com esse dispositivo, a exemplo das bibliotecas, que passaram a se posicionar e se preparar para o livro eletrônico, passando a disponibilizar esse novo dispositivo aos seus usuários. Principalmente as bibliotecas universitárias perceberam que os estudantes, cada vez mais, frequentemente fazem uso de informações digitais por meio dos seus celulares, *notebooks* e *tablets*, sendo o livro eletrônico, nessa perspectiva, um importante dispositivo de registro e disseminação do conhecimento, além de ser compatível com as transformações tecnológicas vivenciadas na atualidade.

O livro eletrônico trouxe desafios para as bibliotecas universitárias, que pouco a pouco têm buscado se adaptar à incorporação desse novo dispositivo de informação aos seus acervos. Contudo, trabalhar com o livro eletrônico não é uma tarefa fácil, pois não se trata apenas de adquirir uma coleção de livros dessa natureza, mas envolve ações e práticas de gestão de coleções digitais, processamento técnico, divulgação, treinamento de pessoal para trabalhar com esse dispositivo e, acima de tudo, realizar ações de mediação que estimulem o acesso e uso dos livros eletrônicos. Entende-se que é necessário se considerar que durante

séculos, os hábitos de leitura estiveram atrelados ao uso do suporte impresso e, por mais que os estudantes universitários estejam familiarizados, em grande medida, com os dispositivos eletrônicos, estes tiveram sua educação formal alicerçada no livro impresso, sendo esta a referência que eles possuem quando necessitam realizar atividades de estudo, pesquisa e uma leitura mais prolongada.

Nesse contexto, surge a inquietação da pesquisadora, que na sua experiência profissional pôde observar as limitações quanto ao desenvolvimento de ações mediadoras, por parte do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIBI/UFBA), que pudessem estimular os estudantes de graduação da área de saúde quanto à utilização dos livros eletrônicos do acervo da instituição, motivando a escolha da temática para a realização do seu estudo no Mestrado em Ciência da Informação. Dentro desse tema, o **problema de pesquisa** consistiu em verificar se a disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material.

A resposta a este problema de pesquisa teve como **objetivo geral** verificar se a disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse dispositivo da informação, desdobrando-se como **objetivos específicos**, buscou-se avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas; verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA; identificar as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes; verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos.

O estudo foi realizado através da adoção das abordagens qualitativa e quantitativa, se caracterizando como pesquisa de natureza aplicada, de nível descritivo. Quanto aos **métodos** utilizados para investigação e resposta ao problema de pesquisa adotou-se o levantamento para identificar os cursos da área de saúde contemplados com livros eletrônicos, associando ao método documental, a fim de analisar os programas das disciplinas dos diversos cursos da área de saúde e ao método de estudo de caso para verificar a incorporação do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA, a partir de uma amostra composta por 7 (sete) docentes, 174 (cento e setenta e quatro) discentes, 2 (duas) bibliotecárias, a superintendente do SIBI no período de aquisição do acervo de livros eletrônicos e 1 servidora técnico-administrativa responsável pela aquisição.

Quanto à **fundamentação teórica e empírica** deste trabalho, no que tange a temática

da biblioteca universitária adotou-se os estudos de Burke, Gomes, Targino, Caregnato, juntamente com as contribuições sobre a mediação da informação de Almeida Júnior, Perrotti, Pieruccini, Santos e Gomes. Para traçar um histórico sobre o livro, da antiguidade até os dias atuais, culminando com o livro eletrônico tomou-se como referencial Chartier, Magalhães, Reis e Rozados, Serra e Alonso-Arévalo, Cordón Garcia e Gómez Diaz. Contudo, outros estudos embasaram este trabalho, contribuindo para configurar a pesquisa empírica e subsidiar a discussão dos resultados encontrados.

Os **resultados** obtidos através da pesquisa apontaram que não houve a incorporação do livro eletrônico às bibliografias básicas e complementares das disciplinas da área de saúde da UFBA, que a frequência de utilização da coleção de livros eletrônicos da UFBA ainda é muito pequena entre os discentes e, inexistente entre os docentes, embora estes tenham enumerado diversas facilidades para o seu uso, como o compartilhamento de conteúdos desses livros entre os colegas, o fácil acesso, a facilidade de deslocamento físico e a obtenção de informações atualizadas. Mas, em contrapartida, os discentes e docentes apontaram como dificuldade para o uso intenso do livro eletrônico o cansaço visual. Observou-se também que as ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários ainda são limitadas, restringindo-se a treinamentos de usuários quando demandados, à confecção de anúncios divulgando a existência de livros eletrônicos no acervo, o envio de *e-mails* aos docentes e a emissão de informativos na *homepage* do SIBI. Assim, observou-se a carência de uma política institucional promovida pelo SIBI/UFBA para que, de fato, ocorram ações voltadas ao estímulo da utilização pelos discentes dos diversos dispositivos de informação disponíveis nas bibliotecas da UFBA, entre eles, o livro eletrônico. Entre estas ações destaca-se a necessidade de realização sistemática de treinamento dos estudantes para que possam buscar e acessar as fontes de informação em sua plenitude.

Para apresentar o desenvolvimento deste estudo, a dissertação está organizada em seis seções, incluindo esta introdução, a apresentação dos referenciais teóricos e empíricos, a metodologia adotada, seguida da apresentação e discussão dos resultados à luz da literatura e, por fim, as considerações finais a que se chegou ao término da pesquisa.

## 2 QUADRO TEÓRICO E EMPÍRICO

Para a construção deste capítulo buscou-se um referencial teórico que sustentasse uma compreensão acerca do livro eletrônico, em especial, no contexto de uso das bibliotecas universitárias. Para tanto, inicialmente, se apresenta uma breve explanação sobre a universidade, suas atividades e o papel desempenhado pelas bibliotecas universitárias. Na sequência, são apresentados os estudos sobre a mediação da informação e a inserção desta no âmbito dos novos meios de comunicação e informação, subsidiando mais diretamente o principal foco desta pesquisa, que foram os livros eletrônicos, da sua origem até os dias atuais, perpassando por questões relativas a sua conceituação, evolução dos dispositivos de leitura e direitos autorais. Nas demais subseções são apresentadas reflexões acerca do livro eletrônico e da biblioteca universitária, da leitura em ambiente digital, destacando-se os resultados empíricos advindos de estudos de outros pesquisadores relativos ao uso do livro eletrônico e, por fim, uma descrição em torno do processo de aquisição do livro eletrônico e a constituição da Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA.

### 2.1 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: UM ESPAÇO DE MÚLTIPLAS LEITURAS

A universidade é uma instituição muito antiga e tem sua origem nas várias nações europeias no período da Idade Média. Esse surgimento ocorreu em um momento de construção das grandes nações e comunidades do saber, que sofreu demasiada interferência, tanto de questões de cunho religioso quanto ideológicas. (BURKE, 2003). A universidade nasceu de uma quebra de elo entre os mosteiros medievais e o tipo de conhecimento que vinha surgindo no mundo ao seu redor, o racionalismo científico e o capitalismo, transformando-se em um espaço próprio para o pensamento livre, para a constituição da sociedade moderna, do indivíduo e, conseqüentemente, de novas relações sociais.

Assim, caracterizada como espaço do saber e do conhecimento, a universidade é entendida como um local que “[...] conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias e valores, [e] regenera essa herança ao reexaminá-la [e] transmiti-la.” (MORIN, 2000, p. 81). Essa ideia de universidade a coloca como centro responsável pela transmissão do saber teórico e científico e a formação de indivíduos capacitados ao desenvolvimento crítico de suas capacidades mentais e profissionais. Considerada desta forma, durante séculos a universidade constituiu-se como centro de geração do pensamento novo, de vanguarda, entretanto, houve períodos de maior acomodação, em que ela não

acompanhou o processo de desenvolvimento da sociedade, principalmente nos Séculos XVI, XVII e XVIII. (PAVIANI, 1984).

O retorno ao papel primordial da universidade enquanto centro de pesquisa ocorreu no Século XIX quando da fundação da Universidade de Berlim e foi através desse modelo clássico alemão que houve a associação entre o processo de ensino-aprendizagem e as atividades de pesquisa científica, tornando-se assim, a universidade um espaço social propício para a construção do conhecimento científico. (SILVA, 2009).

O avanço da ciência e das nações está intimamente ligado ao processo de construção do conhecimento, à valorização da educação em seus vários níveis e da união desta última ao contexto do ensino superior e da pesquisa científica, visto que é, sobretudo, no ensino superior que se estabelece a prática da pesquisa, a qual é desenvolvida almejando o alcance do desenvolvimento social e humano. Nesse contexto, o ensino, a pesquisa e extensão passaram a ser indissociáveis e a se constituírem em pilares essenciais da universidade.

A universidade tem uma participação no desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade, pois por intermédio do ensino voltado à formação de profissionais qualificados, função privativa e exclusiva das instituições de ensino superior, coloca o aluno em contato com um estoque de conhecimentos, que permitirá ao mesmo exercer uma determinada profissão de forma qualificada e com potencial criador. Por outro lado, através da pesquisa, a universidade tenta reduzir a distância entre o que é ensinado e a fronteira inovadora do conhecimento, conduzindo o aluno e o docente no caminho das questões sociais que permeiam o seu ambiente interno e externo, levando-os à extensão, que é um compromisso social da universidade, com a realização de um conjunto de ações e interlocuções dirigidas a comunidade, mas vinculadas às atividades de ensino e pesquisa.

Para que a universidade cumpra o seu papel social é fundamental que esteja acessível à sociedade, permitindo um acesso democrático a todos aqueles que venham buscar um espaço para a construção e aprimoramento do saber. Porém, é sabido que para o alcance deste papel, um longo caminho ainda necessita ser percorrido e barreiras sociais, econômicas e políticas precisam ser vencidas para que a universidade torne-se, de fato, um espaço democrático do conhecimento.

Lado a lado ao surgimento das universidades estão as bibliotecas universitárias que, pela sua própria natureza, são integradas a uma Instituição de Ensino Superior (IES), para atender as necessidades de informação de toda a comunidade acadêmica em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, como observa Vergueiro (1993). Reforçando essa ideia, Oliva Marañón (2012, p. 67) diz que: “La biblioteca universitaria se concibe como una colección de

materiales documentales cuya misión es desarrollar la enseñanza y la investigación, pilares esenciales para el avance de la Universidad.”<sup>1</sup>

As bibliotecas universitárias têm como sua essência ser uma instituição capaz de subsidiar e apoiar o papel desempenhado pelos professores, pesquisadores e alunos no ensino, aprendizagem e na pesquisa científica, visto que são essas atividades que impulsionam as descobertas e alimentam o desenvolvimento da ciência. E, o seu papel social reside em aproximar os sujeitos de tempos históricos diferentes, ou seja, produtores e consumidores de informação e, ao mesmo tempo, desenvolver atividades que possibilitem a esses sujeitos o acesso, o uso e apropriação da informação para benefício próprio, em prol de um crescimento cultural e intelectual.

A instituição biblioteca universitária, apesar do papel desempenhado perante as IES, tem enfrentado nos últimos anos do Século XX e início do Século XXI dois grandes desafios: a diminuição dos seus orçamentos e a necessidade de adaptação às tecnologias de informação e comunicação (TIC), que vem exigindo dela mais do que atividades tradicionais de representação, organização e disseminação da informação, mas papéis e ações que a aproximem dos seus usuários e as mantenham como instituições essenciais nos processos de ensino, pesquisa e extensão da universidade. (GOMES, 2008a).

Historicamente, as bibliotecas são compreendidas como espaços culturais disponíveis à sociedade, voltadas ao benefício social e educacional de uma determinada comunidade e, por esta razão, tende a espelhar os paradigmas sociais, econômicos e informacionais de cada época. Desde a antiguidade até o início do Século XX, tinha-se um modelo de biblioteca denominado tradicional, que priorizava as grandes coleções e os edifícios majestosos, este modelo era caracterizado por ter o seu foco central no acervo, na guarda/custódia e preservação dos documentos antigos e raros, sendo formados por suportes materiais predominantemente impressos. As bibliotecas eram consideradas locais privilegiados para conservar a produção de registros escritos, sonoros e gráficos, portanto, locais para a formação da memória e identidade nacional.

O paradigma custodial e patrimonialista é predominante nessas bibliotecas e, conforme Silva (2010), desenvolveu-se a partir de uma formação localizada e centrada no *locus* profissional (arquivos, bibliotecas e museus), com suas tarefas e exigências práticas que estavam acima de eventuais inquietações teóricas e reflexivas. Havia uma preocupação com os documentos como fontes indispensáveis à produção de ciência e até mesmo uma

---

<sup>1</sup>A biblioteca universitária é concebida como uma coleção de materiais documentais, cuja missão é desenvolver o ensino e a pesquisa, pilares essenciais para o avanço da Universidade (Tradução livre).

consciência de acesso aos conteúdos, porém, erroneamente, esses documentos não estavam acessíveis a todos e os obstáculos de acesso eram os mais diversos, dificultando o desenvolvimento social e educacional de vários povos.

O modelo tradicional de biblioteca, assim como, de outras instituições de cultura e memória é facilmente caracterizado e relacionado à gênese e evolução do Estado-Nação liberal e capitalista, porém a transição para um modelo de Estado cultural democrático demandou aparelhos culturais que permitissem a fruição dos bens materiais e imateriais pela sociedade, assim, pouco a pouco, foi sendo gerado o paradigma pós-custodial, informacional e científico. (SILVA, 2010).

O paradigma pós-custodial é fruto de um contexto histórico mais complexo, advindo de uma pós-revolução industrial e de duas grandes guerras, no qual há um crescimento vertiginoso da produção científica e, conseqüentemente, de serviços de informação fornecidos pelas bibliotecas. Esse mesmo momento histórico foi denominado por Castells (2000) de Sociedade da Informação ou Sociedade em Rede.

Com a acelerada revolução tecnológica ocorrida após a segunda guerra mundial vivenciou-se o aparecimento e disseminação da televisão, dos computadores e comunicações via satélite que colaboraram para que ocorressem mudanças nos paradigmas existentes. Para Silva (2010), a revolução tecnológica em curso deixou de ser uma questão de meios para se converter numa questão de fins, pois não eram somente novas máquinas ou meios, mas também novas linguagens, sensibilidades, saberes e escrita que estava a predominar no campo da produção do conhecimento.

A visão tradicional focada no acervo, no documento, na materialidade do objeto se modifica, pois a informação passa a ser produzida e a transitar rapidamente no tempo e espaço, porém segundo Silva (2010), sem que ocorresse a “morte do documento”, pois para este autor é um equívoco pensar a desmaterialização da informação, visto que quando alguém externaliza o que pensa tende a buscar um suporte material que veicule, registre e preserve as suas palavras e pensamentos.

O paradigma pós-custodial dá um novo sentido ao documento, que é o de informação (são as representações mentais e emocionais codificadas), mais o suporte (podendo ser o analógico ou digital). Contudo, essa informação, presente no documento, apresenta uma nova dinâmica para a sua reprodução e comunicação introduzida pelas TIC, pois uma vez que o documento passa a existir em diferentes suportes, isso permite que a informação circule mais facilmente e esteja acessível a um número maior de pessoas.

A biblioteca no paradigma pós-custodial não abole a guarda e preservação do

documento, pelo contrário, há um imperativo pela conservação da memória, mas de forma qualificada, que permita uma gestão da informação com maior eficiência e eficácia. O documento não deixa de existir enquanto documento, mas o seu valor não está em si mesmo (impresso, microfilme ou digital), e, sim, no que carrega consigo, ou seja, na informação.

Nesse panorama, a biblioteca ganha novos contornos, pois ela assimila a tecnologia às atividades do cotidiano, faz uso do computador para automatizar rotinas antes manuais, como emprestar e devolver livros, realiza pesquisas bibliográficas, faz uso de *softwares* para gerenciar o acervo, tornando essas tarefas mais práticas e rápidas e, ao mesmo tempo, diversifica o próprio acervo informacional com suportes multimídias como as fitas magnéticas, o CD-ROM, o DVD e outros.

Ressalta-se que, a passagem do paradigma custodial e patrimonialista ao paradigma pós-custodial, informacional e científico não decorre, exclusivamente, de fatores instrumentais e práticos como do uso das TIC às atividades rotineiras, pois se assim fosse, não haveriam resquícios do paradigma custodial no imaginário social sobre biblioteca, o bibliotecário e até mesmo a sobrevivência desse na atualidade. Exemplificadamente, Targino (2010, p. 43) faz alusão,

[...] àquelas instituições que possuem boas condições de funcionamento ou, no mínimo, razoáveis, mas priorizam acervo, armazenagem, recursos materiais, instalações, equipamentos etc. em detrimento da provisão ou antecipação de informações ao público-alvo. Podem até não armazenar grandes acervos. Podem até manter conexão à internet à disposição dos usuários, mas os serviços estão distantes da ação cultural no sentido estrito do termo, em que profissional e público são atores e agentes sociais, distantes do estereótipo do elemento passivo e amorfo.

Nesse sentido, é necessário que haja uma mudança de ênfase no aparato técnico para uma abordagem mais centrada nos processos informacionais e comunicacionais e na capacidade simbólica dos seres humanos em assimilarem a informação. Mas para que isso ocorra, é indispensável uma nova postura do profissional bibliotecário, que deve ir além das suas tarefas tradicionais, avançando na formulação, implantação e manutenção de programas de gerenciamento do acesso e uso da informação, com a construção de projetos voltados ao desenvolvimento de competências de seus usuários para maior e melhor apropriação da informação.

A biblioteca do Século XXI deve se remodelar às exigências da sociedade da informação, adotando uma postura mais diferenciada quanto aos seus serviços e produtos, voltando-se cada vez mais para as demandas dos usuários, não importando o suporte ou

localização física da informação. Ela tem de assumir um posicionamento mais ativo em face do acesso e uso da informação, pois há uma nova concepção e preocupação a respeito do desenvolvimento cultural, econômico, educacional e cognitivo dos sujeitos sociais. As exigências do mercado profissional e o crescimento das nações como um todo requerem indivíduos capacitados e dotados de múltiplas e distintas habilidades e competências, e essa condição só é possível através do uso e apropriação devida da informação. (SANTOS, 2009).

As bibliotecas e, sobretudo, as universitárias, têm um amplo campo de atuação para ser trabalhado à luz da aprendizagem autônoma dos usuários frente aos serviços e produtos de informação de forma democrática, dando oportunidade àqueles que se encontram em condições de desvantagem social e que, por caminhos diversos, tiveram acesso à universidade.

Sem perder de vista o foco no apoio às atividades de ensino, pesquisa, extensão, e mais recentemente à inovação, as bibliotecas universitárias enfrentam dificuldades para o desempenho de suas funções, pois precisam lidar cada vez mais com as mudanças advindas do uso progressivo das TIC, e isto diz respeito aos ambientes virtuais de aprendizagem, a educação à distância, aos repositórios informacionais, os arquivos abertos, livros eletrônicos, direitos autorais de conteúdos digitais, entre outros, resultando em demandas de produtos e serviços a eles relacionados. (SOUSA, 2009).

As TIC têm provocado transformações de grande alcance no ambiente e atividades desenvolvidas pelas bibliotecas. Anteriormente a estas transformações, havia um predomínio do suporte papel na composição dos acervos informacionais, entretanto esta composição tem sido alterada substancialmente e já é comum encontrar nos acervos de muitas bibliotecas materiais informacionais dispostos em formato digital.

Essa nova disposição da informação em formato digital leva ao surgimento de dispositivos informacionais próprios ao momento tecnológico vivenciado e isso, inclusive, interfere nos modelos de bibliotecas existentes. Tornou-se comum falar-se em bibliotecas digitais, compostas por recursos informacionais em formato eletrônico, mas também em bibliotecas híbridas, com espaços, serviços e coleções simultaneamente físicos e eletrônicos, sendo este último modelo o mais habitual para alguns autores e até mesmo para as bibliotecas.

A absorção contínua das TIC ao ambiente da biblioteca universitária faz com que tenha seus produtos e serviços informacionais ampliados, como também sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem na universidade. Nessa perspectiva, Dudziak defende que a

[...] consonância entre as atividades desenvolvidas pela biblioteca e os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados pelas instituições educacionais é o fator que determina seu real sentido. Essa consonância é alcançada por meio do entendimento das estruturas curriculares, bem como a interação com a comunidade e a integração ao modelo político-educacional almejado pela instituição. A clareza com relação aos objetivos e atividades pertinentes à biblioteca, como serviço de informação que é, dentro de sua comunidade também são fatores determinantes nessa integração. (DUDZIAK, 2001, p. 102).

Assim, há que se pensar a biblioteca em uma relação possível e até mesmo necessária entre as atividades desenvolvidas por esta e os programas de ensino, pesquisa e extensão das universidades, visto que muitos indivíduos, ao ingressarem no ensino universitário, em princípio, já possuem um conjunto de conhecimentos acumulados que os distinguem e os aproximam, porém há outros grupos que mesmo inseridos no ambiente da universidade encontram-se em processo de formação e estes demandam práticas específicas e mais ativas para o desenvolvimento da leitura proficiente, da escrita e de competências informacionais que irão auxiliá-los na vida acadêmica, social e cultural. (SANTOS, 2012).

Nessa perspectiva, Caregnato destaca o potencial da biblioteca universitária e do seu papel central no processo de ensino-aprendizagem:

Bibliotecas acadêmicas desempenham um papel central no processo educacional; além de apoiar a pesquisa, o ensino e o aprendizado através da provisão do acesso à informação, elas também devem oferecer serviços voltados para o aprendizado de métodos e técnicas de busca e uso da informação e exploração dos recursos informacionais, tanto para atividades relacionadas ao curso imediato de estudo quanto para as necessidades da vida profissional futura. (CAREGNATO, 2000, p. 48).

Considerada como espaço ideal para a troca de saberes e experiências, a biblioteca universitária busca auxiliar o sujeito a desenvolver e expandir seus saberes conceituais e procedimentais referentes à própria informação, dotando-o de capacidade para saber pesquisar, definir caminhos de busca, localizar, selecionar, organizar informações, avaliá-las e explorar os múltiplos recursos disponíveis. Para tanto, a biblioteca universitária oferece ao sujeito o seu acervo informacional em formato físico e eletrônico e este acervo, considerando que é o registro compartilhado do conhecimento acumulado, constitui-se na base utilizada pelo sujeito para a realização de suas atividades acadêmicas e de pesquisa.

Fazendo alusão a Estação do Conhecimento de Perroti e Verdini (2008, p. 37), a biblioteca universitária deve:

Constituir-se de materialidades, da reunião orgânica e criteriosa de recursos informacionais diversos [...], de coleções informacionais devidamente organizadas e tratadas e, por outro lado, de imaterialidades, de relações de sujeitos com os significados e as linguagens culturais, de intercâmbios simbólicos, de processos socioculturais múltiplos e devidamente desenvolvidos.

Para que a biblioteca alcance com êxito o cumprimento de seu papel enquanto colaboradora para o processo de ensino-aprendizagem, é indispensável que ela produza e compartilhe com sua comunidade práticas voltadas para o acesso, busca e utilização de seus dispositivos informacionais. Essas práticas devem ser realizadas visando, sobretudo, o benefício do usuário e a satisfação da sua necessidade de informação e, para tanto, o bibliotecário deve lançar mão da mediação da informação.

À primeira vista, a mediação da informação pode apresentar-se como um conceito intuitivo, abrangente e não consensual na área da Ciência da Informação (CI), porém muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas e já há um pensamento crítico e reflexivo sobre a mediação na CI. A mediação está presente em todas as etapas do fazer bibliotecário, por esta razão, deve ser compreendida e analisada para permitir uma prática mais acertada e aliada à teoria, por parte de seus atores, visto que a ideia apregoada pelos profissionais da informação e, que faz parte do seu senso comum, é que a mediação pode ser representada pela imagem de uma “ponte”, na qual há a relação entre dois pontos, contudo, sem interferências no transcorrer de um lado a outro do percurso. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008a).

Entretanto, essa perspectiva da mediação da informação não é apropriada, visto que desconsidera a complexidade que envolve o processo de mediação. Por consequência, contém equívocos que precisam ser revistos, principalmente pelos profissionais da informação, pois nenhuma ação de mediação, seja direta ou indireta, deve ocorrer sem que se vislumbre o usuário, sendo este ativo no processo de mediação, ele participa, interage e não se comporta como um mero receptor que está do outro lado da ponte esperando que a informação chegue até ele.

Para compreensão da mediação da informação e como esta vem a corroborar com o acesso, uso e apropriação da informação em seus diversos dispositivos, faz-se indispensável adentrar nos meandros da mediação e como se imbrica à informação, à linguagem e à transferência da informação.

## 2.2 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O homem tem diferentes necessidades, de ar, água, alimento, abrigo e também uma necessidade essencial para a sua sobrevivência, a informação. A informação é primordial, ela traz o novo, é o fluxo contínuo de estímulos ao cérebro humano e é quem orienta os indivíduos, assim como as sociedades. (SHERA, 1977).

A informação é imprescindível para a dinâmica do mundo atual e ela adquiriu tamanho *status* que é empregada na denominação do momento histórico no qual vivemos, a chamada Era da Informação. Não é possível falar em informação, sem nos debruçarmos sobre a construção do conhecimento, pois um decorre do outro, da transformação dos fenômenos sociais e informacionais experienciados pelo sujeito e internalizados através dos signos.

O processo de construção do conhecimento não ocorre de maneira aleatória. Na realidade, constitui-se de uma interação dos sujeitos entre si, com a informação acessada e utilizada e a bagagem cultural oriunda das mais diversas experiências sensoriais e simbólicas vivenciadas tanto no plano individual, quanto dos grupos com os quais nos relacionamos, pois são essas relações que permitem a produção de sentido, uma vez que, conforme Bethelheim (1980 *apud* PERROTTI; VERDINI, 2008), “[...] somos seres do significado, ganhamos existência humana na cultura, sobrevivemos como espécie diferenciada graças à possibilidade de constituirmos um mundo simbólico, plasmado nas interações com o mundo e o outro.”

Os atos de informar e de informar-se demandam diferentes dinâmicas e interações, somente possíveis, com o auxílio da linguagem e da comunicação. (PERROTTI; VERDINI, 2008). A linguagem é o ponto de partida da atividade mental, sendo por meio dela que o homem controla e transforma o seu comportamento e o do outro. O surgimento da linguagem representou um salto significativo na esfera da evolução humana, pois através dela o homem pôde transmitir aos seus contemporâneos o conhecimento acumulado sobre caça, pesca, plantio e as ideias, ainda que primitivas, do seu mundo ao redor.

Entretanto, transmitir informações exclusivamente através da oralidade representou uma limitação tanto de fronteiras temporais quanto espaciais. Era necessário um salto maior no processo de comunicação, alguma forma de registro gráfico que permitisse um transcender da memória humana e uma perpetuação das experiências vividas. Assim, surgem as representações gráficas nas paredes das cavernas, as inscrições em pedras, peles e papel.

O homem é engenhoso e criativo, principalmente quando se trata da sua sobrevivência, porém para sobreviver é necessário perpetuar, passar adiante conhecimentos, experiências, percepções, ou seja, transmitir para sobreviver ao tempo, ao espaço, às

intempéries e toda espécie de obstáculo que se interponha ao conhecimento. Nessa perspectiva, a compreensão de Debray (2000, p. 15-16) sobre transmissão é que esta “[...] é essencialmente um transporte no tempo [...]. Transmitimos para o que vivemos, cremos e pensamos não venha a morrer conosco [...] a transmissão faz-se geograficamente, procura ocupar o espaço, toma a forma de trajetos e influências, mas é para fazer história em melhores condições.”

Logo, quando o homem produz o registro das informações, dos seus valores ou de suas experiências, ele o realiza visando não apenas a preservação da história e cultura, mas também assegurar a possibilidade de outros indivíduos terem acesso àquilo que foi registrado, podendo, a partir daí, produzir e desenvolver novos conhecimentos. Esse é o objetivo da transmissão, no entanto, para que ele se cumpra faz-se necessário o uso dos signos linguísticos, que são representações que possibilitam ao sujeito a entrada em uma esfera mental na qual ele relaciona representação simbólica, escrita e fonética. Por conseguinte, depreende-se que a realização da comunicação e o acesso à informação só são possíveis através dos signos e símbolos e que estes, por sua vez, são a mola propulsora da transferência da informação e, conseqüentemente, da mediação.

A transferência da informação, no enfoque da Ciência da Informação, segundo Gomes (2008a, p. 2) “[...] é a etapa inicial e subsidiária do processo de construção do conhecimento, na qual ocorre a comunicação dos conhecimentos estabelecidos.” Esta etapa inicial ocorre numa correspondência entre ações de transmissão de informação, acervo informacional ou objetos culturais pertencentes ao ambiente social e o sujeito ávido pela construção do conhecimento. Desta forma, fica claro que a ocorrência da transferência da informação só se torna possível através dos dispositivos materiais, nos quais estão registradas as informações, como os livros, documentos e objetos culturais diversos e todos estes são concebidos com base em símbolos próprios e relacionados a uma língua ou código social.

Segundo Ribeiro (2010, p. 65) “[...] a língua e os símbolos fundam as mediações, porque asseguram, no decurso do uso que é feito pelos sujeitos, a apropriação específica dos códigos coletivos.” O que leva à compreensão de que a (de)codificação linguística e simbólica é um primeiro e elementar tipo de mediação que levará às subsequentes. Compartilhando desse mesmo entendimento, Silva (2010, p. 4) explica que “[...] a língua é a primeira mediação, porque por ela se organizam as relações entre os homens, dando-lhes sentido e permitindo-lhes representar, simbolicamente, o real que é percebido.”

É importante a compreensão de que há vários tipos de mediação, a exemplo da mediação na área jurídica, dos conflitos, de mediações institucionais e também, culturais.

Contudo, o foco desta pesquisa está na mediação cultural, mais especificamente, na mediação da informação, que ocupa um lugar relevante entre os tipos de mediações culturais praticadas pelas bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus.

Davallon (2007, p. 4) compreende que a mediação cultural é empregada de forma abrangente para os diversos tipos de mediação estética, artísticas e dos saberes, e esta é compreendida, como “[...] fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro.”

A mediação da informação centra-se na dinâmica dos indivíduos em suas relações sociais e possibilita o compartilhamento de informações, a negociação de termos, regras e práticas, ela é imprescindível nas atividades desenvolvidas pelas bibliotecas universitárias, pois é um elemento essencial para favorecer o processo de construção de sentido e apropriação da informação pelos sujeitos.

Destaca-se que a mediação da informação está presente em todo o desenvolvimento do sujeito histórico, pois segundo Peixoto e Carvalho (2011), a percepção da realidade se concretiza por um processo de mediação entre o sujeito e o mundo, por intermédio da cultura, com seus diferentes signos e dispositivos produzidos. Sendo que, estes dispositivos - tecnológicos, comunicacionais ou materiais - poderão favorecer a mediação e apropriação, pelo indivíduo, do patrimônio e da experiência acumulada pela humanidade e conhecimentos e competências desenvolvidas pelo grupo no qual está inserido.

A biblioteca, na medida em que compartilha os seus dispositivos informacionais com a comunidade a qual serve, também concretiza o processo de mediação, porém essa mediação recebe a denominação de mediação da informação, pois a biblioteca busca, através do seu acervo informacional, de sua estrutura física e de pessoal, tornar possível o contato do usuário com a informação, contribuindo para o desenvolvimento de competências de leitura e produção escrita, coadjuvantes da construção do conhecimento. (GOMES, 2008a).

Entre as várias concepções acerca da mediação da informação, no campo da Ciência da Informação, a que se apresenta mais largamente utilizada foi concebida por Almeida Júnior (2008b, p. 46), e consiste em:

Toda interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

A mediação da informação envolve todo o fazer do profissional bibliotecário, pois ela está intrínseca às atividades de seleção, aquisição e processamento técnico, consideradas atividades meio da biblioteca, como também às ações de disseminação da informação, treinamentos de usuários e serviços diversos do setor de referência, nomeados de atividades-fim.

Para Almeida Júnior (2008a), a mediação da informação pode se dar de duas formas: implícita ou explícita. No cotidiano das bibliotecas universitárias, várias atividades técnicas como catalogação, classificação, indexação, construção de base de dados bibliográfica institucionais são realizadas com a finalidade de facilitar a rápida recuperação da informação. Estas atividades rotuladas como técnicas ou de “serviços internos” ocorrem em espaços informacionais sem a presença física ou remota do usuário. Contudo, ainda que o usuário não esteja presente no momento da concepção e realização dessas atividades, todas elas são desenvolvidas visando atender a uma necessidade informacional, portanto, ocorre uma mediação indireta ou implícita da informação.

Na mediação explícita, há um alto grau de interlocução entre o bibliotecário e o usuário, e a presença deste último se constitui indispensável, ainda que esta não venha se concretizar fisicamente, como o que ocorre nos serviços de referência online e de disseminação seletiva da informação. (SANTOS, 2012). Essa espécie de mediação é, de fato, o encontro de duas esferas: a do sujeito ávido por suprir uma necessidade de informação e o bibliotecário, que auxiliará esse sujeito na busca da informação, são, portanto, duas culturas e dois mundos distintos em situação de negociação com o fim único de tornar a informação desejada alcançável e acessível. Entre outras práticas, o serviço de referência oferecido pelas bibliotecas é o que se apresenta mais claramente para o bibliotecário como prática de mediação da informação, pois é nesse momento de comunicação direta entre este e o sujeito que busca a informação que se realiza a ação de interferência direta com fins de facilitar o acesso, uso e apropriação da informação.

O serviço de referência é o portal de entrada de uma unidade de informação, que constitui-se em um serviço que introduz ou busca introduzir o sujeito ao ambiente da biblioteca, de seus serviços, funcionalidades, organização física, é onde ocorre a formação do usuário e de sua percepção a respeito da biblioteca. É através deste serviço desenvolvido pelo bibliotecário, na condição de mediador, que haverá um favorecimento à construção da autonomia do sujeito, uma aproximação deste com as fontes materiais disponíveis na biblioteca. Esse serviço de referência vai além dessas ações que conhecidamente são de sua responsabilidade, apontando, inclusive, caminhos para o encontro de fontes informacionais

em espaços físicos e virtuais de outras bibliotecas/unidades de informação.

Outro viés do serviço de referência está voltado para os aspectos imateriais da informação. O sujeito tem acesso, comumente, às fontes de informação disponíveis na biblioteca, porém há informações que só chegam ao alcance desse sujeito através de uma postura do mediador, que lhe apresenta as redes de interlocutores e colaboradores, com os quais poderá entrar em contato para alcançar a informação. Nesta situação, a biblioteca é a mediadora do encontro do sujeito com as questões imateriais da informação, com a interpretação de outros, com intencionalidades em torno dela.

Apesar de haver uma categorização na literatura e na prática biblioteconômica quanto às atividades que se constituem em práticas de mediação explícita e implícita, é necessário que os bibliotecários compreendam e valorizem cada uma dessas formas de mediação, pois para que haja a ocorrência da mediação explícita é mister que a implícita tenha sido realizada adequadamente. Assim, não há que se falar em atividades técnicas como se estas estivessem desprovidas do olhar sobre as necessidades de uma comunidade de usuários, pelo contrário, as atividades de organização e representação da informação devem ser concebidas buscando-se a consonância com os estudos de usuário e os processos de mediação direta ou explícita da informação.

Verifica-se que a mediação da informação não ocorre sem que haja um momento de tensão, representada pela negociação, e nesse momento há nuances de interferências do bibliotecário, que devem ser controladas para que não venham a macular o processo de mediação. Nessa questão, Almeida Júnior (2008, p. 5) pontua que o bibliotecário

[...] não é imparcial e neutro e, assim, a mediação da informação sofre interferências. [...] a interferência não deve ser negada, mas, sim, explicitada, afirmada, tornada consciente para que, criticamente, o profissional possa lidar com ela de maneira a amenizar/minimizar possíveis problemas que dela decorram.

A interferência é constante e indissociada do fazer do profissional bibliotecário, pois está presente no tratamento descritivo dos itens informacionais, na construção do cabeçalho de assunto, na escolha do esquema de classificação, na determinação dos títulos que compõem o acervo informacional e na organização da biblioteca, porém deve ser minimizada para não “[...] contaminar a ação de mediação e a resposta ao problema do usuário.” (VARELA; BARBOSA; FARIAS, 2014, p. 150). Na realidade, a interferência deve ser entendida no sentido de possibilidade, clareza e consciência na atividade de mediação implícita e explícita da informação, pois quando essa mediação é realizada de forma

consciente o bibliotecário pode acionar recursos de controle e censura, minimizando sua influência e concepções no processo de transmissão da informação. (GOMES, 2014).

O papel do mediador é fundamental para se dialogar com o usuário, seja no modo presencial ou virtual, pois ele não se perde em meio aos motores de busca existentes na internet, pelo contrário, o mediador ajuda a refinar os interesses e resultados de pesquisas. O mediador, seja ele o bibliotecário, o arquivista, o museólogo ou tantos outros profissionais que trabalhem com dispositivos de informação, pode vir a ser e carregar consigo o que Ortega y Gasset (2006, p. 67) nomeia de “[...] função viva, ou seja, um estímulo para pensar, assimilar, fazer com que o conteúdo do livro [conteúdo informacional] seja verdadeiramente apropriado pelo usuário.”

Percebe-se assim, o importante papel a ser desempenhado pelos bibliotecários, pois estes têm acesso, e trabalham diariamente com os registros do conhecimento humano em seus formatos impressos e digitais, podendo potencializar o uso dos dispositivos culturais como a biblioteca e tornar efetivo, através de várias atividades, o acesso e uso do acervo informacional, indo além, fazendo com que haja realmente uma ação capaz de provocar uma produção de sentido e significados, conforme um dos aspectos da mediação da informação abordados por Perrotti e Pieruccini (2007).

Nesse sentido, o bibliotecário é agente portador de uma responsabilidade social que deve ser considerada por este no processo de desenvolvimento dos sujeitos, uma vez que ele se coloca na condição não somente de mediador de dois mundos distintos, mas, de educador, e a sua postura é decisiva para a construção de uma imagem institucional da biblioteca no espaço social, pois a sua ação reproduzirá, dentro e além deste espaço, os paradigmas que lhe são inerentes. Na esfera da biblioteca universitária, essa tarefa deve ser realizada com mais afinco, uma assistência intelectual e técnica, visto que os sujeitos participantes desse espaço estão envolvidos nos processos de ensino, pesquisa e extensão da universidade.

As atividades desenvolvidas pela biblioteca universitária visam não somente a uma satisfação de necessidade de informação imediata, mas, além de tudo, auxiliar o sujeito na construção e desenvolvimento de habilidades e competências informacionais, para que o mesmo possa se apropriar de um domínio das fontes e dispositivos de informação. Essas atividades podem ser as mais diversas possíveis, incluindo práticas que incentivem o hábito de leitura, escrita e pesquisa que dotarão o sujeito de ferramentas cognitivas e socioculturais para que venha lidar com a informação em toda a sua complexidade e alcançar o que Perrotti e Verdini (2008) denominam de aprendizagens informacionais.

Para que isso ocorra é imprescindível que o bibliotecário, na condição de agente

mediador, tenha competência e conhecimento das questões dinâmicas que envolvem a educação, assim como um domínio dos sistemas de informação e suas linguagens para saber selecionar e apresentar os conteúdos necessários ao alcance dos objetivos pedagógicos inerentes às práticas de ensino na universidade. Como também, ter uma atenção voltada para a criação e potencialização da demanda pelo uso dos dispositivos de registro do conhecimento disponíveis, sejam eles livros com informações registradas em suporte papel ou ainda dispositivos tecnológicos como o livro eletrônico.

O processo de aprendizagem depende profundamente do ambiente social no qual o sujeito está inserido, segundo a concepção socioconstrutivista de Vygotsky (1991). Entretanto, este ambiente, na atualidade, está imerso nas tecnologias da informação e comunicação digitais e essa nova realidade de equipamentos, produtos, serviços e conteúdos digitais trazem para a biblioteca universitária a preocupação em acompanhar esses avanços para continuar servindo a sua comunidade.

Entre os avanços que mais diretamente impactaram o cotidiano das bibliotecas universitárias, sem sombra de dúvidas, foi o crescimento exponencial dos conteúdos digitais e, consecutivamente, a inserção do livro eletrônico na educação formal em seus vários níveis, desde as séries iniciais do ensino fundamental até o ensino superior, o que provocou, por sua vez, a adequação da biblioteca a essa realidade, no sentido de absorver o livro eletrônico como novo dispositivo de informação.

Os materiais informacionais são dispositivos de transferência da informação, todavia essa informação só será acessada e utilizada pelos sujeitos por meio da mediação direta e indireta da informação. (SANTOS, 2012). Por esta razão, o livro eletrônico constitui-se em um dispositivo informacional, que demanda da biblioteca universitária ações no sentido de torná-lo conhecido e acessível para a sua comunidade de usuários.

Para a compreensão do livro eletrônico enquanto dispositivo de transferência da informação se faz necessário o entendimento do que venha a ser, de fato, um dispositivo no campo da Ciência da Informação. Segundo Peuriccini (2007), o conceito de dispositivo foi prioritariamente desenvolvido por Foucault e era entendido como conjunto de peças que constituem um mecanismo, um aparelho qualquer. Logo, esse conceito foi ampliado, configurando-se como noção de toda ação, de elementos humanos ou materiais, realizada em função de um objetivo a ser atendido.

Porém, Peuriccini (2007, p. 5) afirma que o dispositivo é “[...] signo, mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais que atingem os

comportamentos e condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos.” Nesse sentido, a biblioteca pode ser entendida como um dispositivo de informação composta por diversos outros dispositivos que permitem a relação entre sujeitos e informações registradas. (SANTOS, 2012).

As bibliotecas utilizam-se de meios técnicos, linguagens e formas de interação intencionais, visando a relação entre os sujeitos e o universo simbólico (documentos, fotografias, livros, revistas) que elas armazenam, organizam e tratam tecnicamente para possibilitar o acesso, uso e, em uma escala mais complexa, a apropriação da informação. Para o alcance desses últimos elementos é indispensável que o sujeito tenha domínio ou a orientação necessária para apropriar-se dos dispositivos de informação, com suas lógicas de uso e saberes, ou seja, ser dotado de uma competência informacional que o permita fazer uso proficiente da biblioteca, seus produtos e serviços. (PEURICCINI, 2007).

Vigotsky (1991) entende que a atividade humana é mediada por ferramentas, que facilitam a ação e – quando incluídas no processo comportamental – alteram o fluxo e a estrutura das funções da mente. Essas ferramentas, na realidade, são os dispositivos utilizados no processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, que podem ser mediados por agentes específicos, no caso do dispositivo biblioteca, pelo bibliotecário.

Na contemporaneidade, os dispositivos de informação estão cada vez mais elaborados, assim como os sujeitos estão cada vez mais exigentes quanto aos produtos e serviços de informação prestados pelas bibliotecas, o que leva à necessidade de uma prática de mediação da informação mais apropriada à realidade que se apresenta. Assim, requer-se um estudo a respeito da mediação no contexto dos novos meios de comunicação e informação.

### 2.3 MEDIAÇÃO NO CONTEXTO DOS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A mediação constitui um aspecto importante dentro dos estudos de Psicologia, Educação e da Ciência da Informação, pois ela articula a ação, a comunicação e a vida social do homem. Contudo, este homem, por sua vez, não age diretamente sobre o mundo, mas através de ações mediadas por dispositivos materiais e simbólicos próprios do contexto social em que está inserido.

Na atualidade, esse contexto social está envolto nas constantes evoluções das TIC que vem, pouco a pouco, provocando alterações nas relações e interações sociais,

dissociando-as cada vez mais do ambiente físico e do contato face a face, estendendo-se no espaço e proporcionando uma ação à distância através de uma interação mediada por computadores. Tornando assim, uma relação humana baseada na ação instrumentada e dialógica, decorrentes da utilização do computador e da internet, que se interpõem entre o homem e o processo de apropriação da informação. (PEIXOTO; CARVALHO, 2011).

Nos contatos e relações estabelecidas entre os sujeitos inseridos em determinadas práticas sociais, como a que ocorre no contexto de usos e pesquisas realizadas em bibliotecas universitárias, pode-se notar que sempre ocorre a disponibilização de informações em suportes midiáticos como os livros, revistas, CD ou DVD, porém pouca ou nenhuma preocupação há sobre as possíveis implicações do uso desses dispositivos sobre o conhecimento ou práticas de pesquisas desenvolvidas pelos sujeitos.

Ano a ano vem ocorrendo a inserção das TIC nos ambientes informacionais diversos e, inclusive, na biblioteca universitária, assim como o uso de informações em formato digital vem se incorporando aos processos históricos, sociais e educacionais. O que leva a ideia de que as informações em formato digital estão presentes, em grande medida, no cotidiano das pessoas, ocasionando inclusive uma mudança do suporte escrito impresso para o digital. Essa mudança tem provocado olhares diferenciados sobre o dispositivo mais antigo e duradouro de inscrição do conhecimento, a saber, o livro impresso. Uma vez que, a informação circula em formato digital pela rede mundial de computadores e que a sua produção também ocorre em formato similar, assim não haveria um caminho distinto a ser seguido pelo livro, senão ter a sua adaptação também para o suporte digital.

O livro eletrônico, nesse contexto, torna-se um novo dispositivo de acesso, uso e apropriação da informação, pois ele permite, enquanto recurso tecnológico, uma interação entre o sujeito e uma determinada estrutura de informação e, além disso, carrega consigo as características do livro tradicional, mas com os requisitos de disseminação, transmissão e comunicação da informação propiciados pelo ambiente digital.

Nesse novo cenário, composto por dispositivos de informação variados, já não é possível a manutenção de práticas de mediação sem a devida adequação ao momento histórico e social, pois os usuários não são os mesmos de algumas décadas atrás, pelo contrário, são denominados nativos digitais por fazerem parte de uma geração de indivíduos que, segundo Zimmerman (2012), têm acesso a computadores e tecnologia digital desde o nascimento, e que dominam o manuseio de diversas ferramentas da *web*, leem, escrevem, criam e pesquisam por meio de suportes em formato digital. Tudo isso leva a seguinte questão: que espécie de mediação está a surgir quando nos deparamos com uma realidade que não é só real e palpável,

mas, também virtual?

Como dispositivo de informação, o livro eletrônico demanda práticas mediadoras próprias para o desenvolvimento de habilidades e competências concernentes a sua materialidade enquanto objeto, pois apesar de convivermos há alguns anos com as TIC, e estas já estarem inseridas em contextos variados, inclusive da educação, não se pode vislumbrar, como observa Pieruccini (2007, p. 2), que a “[...] construção do conhecimento ocorra natural e espontaneamente, sem implicar aprendizagens complexas e múltiplas para que se realize.” E, como afirma Sorj (2008, p. 62, tradução nossa), o acesso às mídias não assegura por si só o uso potencial das mesmas, dado que “[...] a capacidade intelectual e profissional de cada usuário para usufruir ao máximo de cada uma das tecnologias de comunicação e informação é tão importante quanto o próprio acesso.”

Desta forma, há que se pensar a mediação da informação na contemporaneidade em consonância com a abrangência das tecnologias digitais, pois agora não é somente a busca significativa pela informação que está em questão, mas também o domínio e uso desses dispositivos para se alcançar uma nova ordem histórica, de concepções, modos e recursos de configuração da sociedade e da informação. (PIERUCCINI, 2007).

Para o alcance de tal objetivo, é necessário um transcender da prática da mediação passiva à mediação pós-custodial<sup>2</sup>, pois como advoga Silva (2010, p. 25), “[...] com a multiplicação e complexidade dos serviços de informação na internet a função mediadora institucional dos seus respectivos atores e agentes não desaparece, mas pode transformar-se e coexistir com um emergente tipo de mediação apropriada ao momento histórico vigente.”

O avanço e o uso das TIC nas atividades da biblioteca universitária contribuem para que a filosofia da mediação pós-custodial seja incorporada nesse ambiente, porém a tecnologia por si só não garante sucesso às instituições, pois o paradigma custodial ainda sobrevive, de fato, na atualidade, mesmo naquelas instituições que aparentam acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas, mas que apresentam o elemento humano ainda enraizado a uma cultura que esconde, oculta ou dificulta o acesso à informação.

Em tempos não mais vindouros, o que acreditava-se ser o futuro já bateu à porta das bibliotecas, como a revolução digital, se faz necessário uma mediação menos passiva e até mesmo influenciadora de comportamentos informacionais, pois os usuários, em sua maioria nativos da internet, tendem, em muitos casos, ao domínio do uso das TIC, embora ainda esbarrem nas dificuldades quanto ao manuseio das ferramentas de pesquisa, o que torna ou

---

<sup>2</sup>Expressão adotada por Ribeiro (2010) e Silva (2010).

mantém imprescindível a figura do mediador que auxilie o usuário no processo de busca e uso da informação.

O bibliotecário, dentre outros profissionais da informação, é o sujeito que assume a responsabilidade quanto à prática da mediação da informação no ambiente da biblioteca universitária. Ele tem a missão de tornar acessível, por meio das atividades de processamento da informação, todo o conhecimento acumulado pelas diversas gerações, assim como, de fazer conhecer ao seu público a riqueza desse conhecimento materializado nos mais diversos suportes. Assim, o bibliotecário tem um papel social que segundo Sousa (2009, p. 78), “[...] nunca teve tanta importância como nesses novos tempos em que vivemos, não mais com a carência, mas sim com o excesso de informação disponibilizada na forma impressa, virtual e através dos canais de mídia de massa, cada vez mais modernos.”

Tem-se, portanto, mais uma oportunidade de transformação das práticas biblioteconômicas frente à tecnologia digital. Visto que, invés de ameaça as tecnologias tornam-se aliadas no processo de inovação e reinvenção do papel das bibliotecas universitárias e nesse contexto, surge o que Ribeiro (2010, p. 68) nomeia de mediação emergente, “[...] deslocalizada ou dispersa, institucional, coletiva, grupal, pessoal e até anônima, interativa e colaborativa.” Neste tipo de mediação os valores, objetivos, desejos se mesclam no sentido de realçar a colaboração e o sujeito em suas escolhas individuais.

A biblioteca universitária vem, pouco a pouco, desenvolvendo ações para tornar o seu ambiente físico cada vez mais adequado às atividades que propiciem o acesso, uso e apropriação da informação, e isso é visível através de espaços criados para acomodar dispositivos eletrônicos como o computador e *notebooks*, assim como, a disposição de redes sem fio para que a comunidade tenha acesso à internet com maior comodidade.

A adequação do espaço físico é um passo inicial numa escala que envolve, principalmente, ações autônomas e intencionais no sentido de tornar a ação mediadora realmente emergente, interativa e colaborativa. Essa ação mediadora emergente ocorre quando a ação não é provocada por um estímulo externo, a pedido do usuário, mas procede, antecipando-se às possíveis necessidades do sujeito e, como exemplo, têm-se os treinamentos de usuário frente a um novo serviço ou dispositivo de informação, como o livro eletrônico.

É necessário destacar que a adoção do livro eletrônico pelas bibliotecas universitárias tem implicação direta no uso e apropriação da informação e, conseqüentemente, na produção do conhecimento, pois a leitura quando efetuada a partir de textos em formato impresso difere da realizada em uma tela de computador ou em outro dispositivo eletrônico utilizado para tal fim, pois o tempo de exposição de leitura em tela é distinto e vai exigir mais do que Barreto

(2009) nomeia de fluência digital.

A fluência digital diz respeito a uma “[...] competência a mais para lidar com os instrumentos de suporte do texto digital, é uma aptidão chamada de letramento digital [...]” (BARRETO, 2009, p. 11-12). Essa assimilação da informação digital exige do sujeito uma decodificação dupla; em um primeiro estágio, haverá o acesso e decodificação do conteúdo; e na segunda etapa, a apropriação cognitiva válida para qualquer tipo de informação. O que leva a compreensão de que ser digitalmente fluente envolve não apenas saber como usar os dispositivos de acesso aos conteúdos digitais, mas usar as ferramentas tecnológicas de navegação na *web*, assim como construir “coisas significativas” com estas ferramentas.

Para o desenvolvimento de suas atividades de mediação da informação, as bibliotecas universitárias devem considerar a fim de atender as necessidades de informação dos seus usuários, vários aspectos relacionados ao livro eletrônico; um deles diz respeito à percepção que o sujeito tem deste formato de livro. A princípio, este aspecto pode parecer irrelevante, todavia deve ser considerado com atenção quando o objetivo é validar um dispositivo de informação perante o seu público consumidor.

Normalmente, a percepção que o sujeito possui a respeito do livro eletrônico é totalmente distinta da que tem em relação ao livro impresso, e isso decorre de aspectos cognitivos que envolvem a recepção da informação, em um texto linear e fechado estruturalmente, que difere de um texto construído digitalmente e composto por diversos recursos de animação, som, *links* que poderão levar a outras páginas. Essa mudança de recurso pode gerar tanto uma aceitação quanto uma recusa deste dispositivo de informação. Por esta razão, esses aspectos devem ser considerados pelo bibliotecário, pois a percepção do usuário tenderá a influenciar no seu comportamento informacional e na maneira como este se relacionará com a busca da informação em seus diversos canais informacionais.

O comportamento informacional é, segundo Wilson (2000, p. 49, tradução nossa) “[...] todo comportamento humano relacionado às fontes e canais de informação, incluindo a busca ativa e passiva de informação e o uso da informação.” Entretanto, o comportamento informacional não é passível de ocorrência sem que haja uma necessidade de informação, que é uma experiência subjetiva que ocorre na mente do sujeito e que não é acessível ao observador externo que deseja identificá-la para atendê-la. Essa necessidade pode ser de vários tipos como: cognitiva, afetiva ou fisiológica e uma delas ou o conjunto delas pode desencadear um comportamento de busca informacional.

Wilson (1981) pontua que a necessidade informacional não ocorre sem que haja um motivo que ocasione o comportamento de busca, ou seja, o sujeito será motivado por questões

cognitivas, afetivas ou fisiológicas para iniciar o processo de busca da informação, que é uma tentativa intencional de encontrar informação em decorrência da necessidade de satisfazer um objetivo relacionado, geralmente, às atividades profissionais, educacionais e fatores pessoais de cada sujeito.

No ambiente da universidade, os discentes e docentes são impelidos a buscarem e usarem informações para suprir as demandas próprias da vida acadêmica, e ao realizarem esta tarefa, interagem com vários tipos de fontes de informação e sistemas como as bibliotecas, a rede interpessoal de relacionamentos, livros, artigos, a própria experiência, as crenças pessoais e outros. Esse é o momento oportuno para a prestação de serviços da biblioteca universitária, pois há uma demanda constante por informação por parte desse público, que necessita ser prospectado e atraído para a biblioteca.

Há um equívoco ao se pensar que o público da biblioteca universitária é cativo de seus produtos e serviços porque atuam num contexto de construção do conhecimento que é dependente da busca, do acesso e uso da informação. Na atualidade, verifica-se que, cada vez mais sujeitos buscam informações na internet e que, por consequência, utilizam menos os serviços das bibliotecas, o que leva a necessidade destas redirecionarem, requalificarem e ampliarem os serviços por elas oferecidos, de modo a alcançar os seus usuários. Isso implica em conhecimento do perfil, das necessidades e comportamento informacional dos sujeitos e das variáveis que intervêm no processo de busca informacional, que são na ordem de oito: pessoais, emocionais, educacionais, demográficas, sociais ou interpessoais, de meio ambiente, econômicas e relativas às fontes (acesso, credibilidade, canais de comunicação). (WILSON; WALSH, 1996).

Na variável pessoal, o sujeito busca informações que estejam de acordo com o seu interesse, necessidade e atitudes existentes. Nessa proposição, ele realiza uma busca por informações que correspondam a sua imagem estereotipada e evita, consciente ou inconscientemente, mensagens que estejam em conflito com a sua predisposição. Na variável emocional, a busca informacional ocorrerá de acordo as possíveis limitações ou barreiras emocionais que o sujeito interpõe entre ele e a informação, como por exemplo, a incapacidade de tomar decisões, nervosismo quando necessita pedir informações, gerando, inclusive, limitação verbal.

No aspecto educacional, verifica-se que sujeitos com nível educacional mais elevado tendem a buscar mais informações e apresentam um comportamento de busca ativo. Contudo, nos estudos de Wilson e Walsh (1996) há uma diferenciação entre o conhecimento percebido e o conhecimento real. Os sujeitos que possuem pouca percepção sobre determinado

conhecimento tendem a buscar mais informações do que aqueles que têm um conhecimento real sobre o assunto.

Na variável demográfica são consideradas questões relativas à idade e sexo, sendo apontado que a busca por informações por sexo e idade é variável e dependerá de motivações. No exemplo de Wilson e Walsh (1996), mulheres em idade entre 30 e 49 recebem mais informações sobre saúde do que os homens e, isso decorre do papel, culturalmente instituído, de cuidadora. Já na variável social ou interpessoal, os problemas ou barreiras no processo de busca informacional são suscetíveis de surgir sempre que a fonte de informação é uma pessoa, ou onde a interação interpessoal é necessária para ter acesso a outros tipos de fontes de informação.

No aspecto meio ambiente, Wilson e Walsh (1996) apontam dois fatores: o tempo e culturas nacionais. No fator tempo, é verificado que o tempo disponível para busca da informação é determinante para que ela seja efetivada com sucesso. No aspecto das culturas nacionais, as diferenças entre as culturas são significativas para a transferência de informações e podem afetar a forma como membros de diferentes culturas veem a possibilidade de aquisição da informação.

As questões econômicas relacionadas com o comportamento de busca de informação se dividem em duas categorias: custos econômicos diretos e o valor do tempo, estas categorias podem ser aplicadas tanto para a busca em si da informação, quanto para ações subsequentes. Verifica-se que quanto mais elaborada é a busca da informação, mais tempo é consumido e, portanto, o preço final de uma informação pode elevar-se em função da equação valor agregado “informação x tempo de busca”.

Nas barreiras relativas às fontes de informação foram considerados os fatores como: acesso, credibilidade e canais de comunicação. O acesso é um requisito fundamental para se obter a informação necessária e a falta de uma fonte facilmente acessível pode inibir por completo a busca por informações, ou pode impor custos mais elevados do que o sujeito está disposto ou tem possibilidade de pagar. Já a credibilidade diz respeito à qualidade e precisão das fontes de informações prestadas. Caso essa qualidade e precisão não sejam assegurados, gerará uma desconfiança no sujeito quanto ao serviço de informação. O último fator são os canais de comunicação e, embora não seja estritamente uma característica da fonte, é através do canal de comunicação que a informação chega até o sujeito, podendo este ser um canal formal ou informal. Entre os canais formais estão os livros, periódicos científicos, teses e patentes; enquanto o canal informal poderá ser um contato interpessoal, um telefonema, listas de discussão, eventos e outros.

O livro eletrônico é compreendido como um canal de informação formal, sendo, portanto, mais um componente a ser introduzido e trabalhado nos estudos de necessidades e comportamento informacional dos sujeitos, pois as fontes informacionais sofreram alterações em decorrência da evolução tecnológica, o que torna necessário impulsionar as bibliotecas universitárias a acompanharem essas mudanças de modo favorável.

É possível verificar na literatura da Ciência da Informação que os livros eletrônicos têm suscitado a atenção de autores como: Procópio (2010); Magalhães (2013); Silva (2013); Reis e Rozados (2013, 2014), resultando em pesquisas que apontam para o estudo do livro eletrônico sob a perspectiva do bibliotecário, focalizando o desenvolvimento de coleções digitais, treinamento de pessoal e processamento técnico, assim como o desafio do direito autoral frente à disseminação dos livros eletrônicos e questões relativas ao mercado editorial. Porém, quando o foco é o usuário e sua percepção frente ao uso do livro eletrônico, os estudos tornam-se menos frequentes. Dessa forma, deve-se buscar compreender as repercussões, que a incorporação do livro eletrônico ao acervo informacional, provocam no comportamento informacional dos usuários e no cotidiano acadêmico, a fim de se estabelecer uma prática de mediação da informação mais acertada e voltada para o acesso e uso proficiente da informação.

Por esta razão, considerou-se importante conhecer a origem do livro eletrônico, os diversos conceitos atribuídos a ele, a evolução dos dispositivos eletrônicos para sua leitura, assim como, a inserção deste nos acervos informacionais das bibliotecas universitárias.

## 2.4 DO LIVRO IMPRESSO AO LIVRO ELETRÔNICO

A trajetória do registro da informação é muito antiga e remonta aos primórdios da civilização humana. O homem sempre teve necessidade de registrar os seus feitos e fatos históricos e isto demandou, ao longo do tempo, o desenvolvimento de técnicas de escrita e de suportes nos quais eram feitas as anotações.

Vários foram os suportes da escrita, iniciando-se com a inscrição em pedras, depois a utilização de blocos de argila, tecidos, cerâmicas, rolos de papiros, pergaminhos e, finalmente, o papel. Todos esses materiais foram utilizados para receber o texto escrito e muitos se aproximaram da forma do livro atual, sendo que a cada matéria-prima usada uma nova tecnologia se configurava como suporte da informação. Entretanto, somente após a invenção da imprensa por Gutenberg é que a grande revolução da cultura impressa aconteceu, possibilitando a multiplicação do número de textos em circulação, tornando-os mais baratos e

acessíveis, permitindo a cada leitor ler mais obras e a cada obra chegar a mais leitores. (CHARTIER, 1998).

Nesse sentido, o livro impresso é o meio mais antigo para armazenamento, recuperação e transmissão da informação, que sobreviveu no transcorrer dos séculos, sendo um dos maiores representantes das mudanças intelectuais e sociais ocorridas no momento de transição da Idade Média para a Idade Moderna. O livro foi alavancado pela invenção da imprensa de tipos móveis, juntamente com o surgimento das ideias de mercantilização e de lucro, impondo-se como dispositivo eficaz de comunicação, num formato que, durante séculos, se apresentou sem alterações substanciais. (BRETON; PROULX, 2002).

Nota-se, assim, que à medida que os suportes da informação escrita eram alterados, ocorriam mudanças nos modos de ler e escrever. A leitura antiga era realizada com base em uma forma de livro que nada tinha a ver com a atual. Este livro era um rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deveria segurar com as duas mãos para poder desenrolá-lo e, nessas condições, ou bem lia ou bem escrevia, as duas ações não eram possíveis em simultaneidade. Na Idade Moderna, após a imprensa de Gutenberg, uma nova forma de leitura passou a ser realizada, com o livro à mão tornou-se possível passar as páginas, fazer anotações e até comparar textos distintos.

A concepção do livro impresso permaneceu inalterada durante alguns séculos, apesar de ser um dos objetos culturais mais apreciados pela humanidade e ter a sua forma física bem mais elaborada - contando com o aprimoramento das ilustrações, simplificação dos estilos de escrita, uso de diversos tipos de papéis, adequação dos textos as necessidades especiais dos indivíduos - e sistematizada, principalmente quando destinado à comunicação do conhecimento científico, visto que passaram a ser publicados a partir de uma estrutura editorial mais consolidada, a serem submetidos a análises rigorosas para validar a qualidade dos textos e pertinência das informações nele contidas. (GOMES, 2000).

A produção em massa, industrial e informatizada de livros ganhou volume nunca antes imaginado, o que fez com que o seu uso deixasse de ser privilégio de poucos para se tornar um dos dispositivos da informação mais bem incorporado ao processo de construção do conhecimento, permanecendo assim até os dias atuais, apesar de uma nova revolução ocorrer na segunda metade do Século XX, ocasionada pelo computador e a internet.

O surgimento do computador desencadeou o desenvolvimento das TIC nos Séculos XX e XXI, provocando mudanças significativas tanto em termos de usos quanto de conteúdos comunicacionais e midiáticos. (MATHIAS, 2011). Registra-se, assim, o nascer de uma era, na qual a informação não está somente inscrita no suporte papel, na página de um livro, está

também em formato digital, em tempo real, a qualquer hora e lugar. Ocorreu a superação de fronteiras nunca antes imaginadas, pois agora se verifica uma rapidez sem precedentes nos processos informacionais, nos meios de registro, recuperação e disseminação da informação.

Castells (2000, p. 39) destaca que “[...] uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado.” Trata-se de um período marcado por transformações baseadas em novos modos de produzir e consumir informações, principalmente informações em formato digital. Essa informação é segundo Lê Coadic (2004, p. 4), “um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte [...]”. Sendo este suporte o impresso, o sinal elétrico, a onda sonora e até mesmo o digital.

Essas mudanças apontadas por Castells (2000) começaram a aparecer a partir das décadas de 1970 e 1980, com o uso cada vez mais intenso de computadores e da comunicação eletrônica. Já na década de 1990, com o advento da *web*, diversos produtos e serviços foram afetados, tendo novas maneiras de serem produzidos, comercializados e até mesmo consumidos. Alguns deles, inclusive, foram e têm sido substituídos. Nesse contexto, diferentes indústrias vêm sofrendo impactos por conta dessas mudanças. A indústria de bens informativos, da qual a música e os livros fazem parte, começou a sofrer grandes mudanças quando os seus conteúdos deixaram de ser exclusivamente analógicos, passando a ter sua produção, também, em formato digital. (SHAPIRO; VARIAN, 2003).

A sociedade da informação tem a sua disposição tecnologias que se multiplicam e modificam vertiginosamente, sendo uma delas o livro eletrônico, que surge com traços de uma nova mídia, capaz de alterar modos de registro, de distribuição, de leitura, assim como, as formas de relacionamento entre processos e indivíduos neles envolvidos, constituindo-se como um novo dispositivo de mediação da informação, sendo de interesse de estudo da Ciência da Informação.

As transformações ocasionadas por essa nova mídia pouco a pouco vão se delineando. Trata-se do livro com a mesma finalidade de antes, conforme observa Reis e Rozados (2014, p. 3), de “veículo de comunicação escrita”, com a mesma forma que os livros tradicionais, ou seja, contém capa, folha de rosto, sumário, capítulos, índices, glossário, entretanto, apresenta-se agora em novo suporte, com algumas características que o diferencia da sua versão impressa.

Para Gama Ramírez (2006, p. 12),

O livro eletrônico se refere a uma publicação digital não periódica, quer dizer, que se completa em um único volume ou em um número predeterminado de volumes e que pode conter textos, gráficos, imagens estáticas e em movimento, assim como sons. Também se nota que é uma obra expressa em várias mídias (multimídia: textos, sons e imagens) armazenadas em um sistema de computação. Em suma, o livro eletrônico se explica como uma coleção estruturada de bits que pode ser transportada e visualizada em diferentes dispositivos de computação.

O livro eletrônico desperta um outro olhar sobre questões relativas ao acesso à informação, aos hábitos de leitura, o direito autoral, a produção editorial e à relação existente entre o leitor e o livro e, esta última, sem sombra de dúvidas, é a mais significativa, visto que a maneira como as pessoas leem, sua relação com o texto e a informação depende das tecnologias utilizadas para registrar a palavra escrita. Desta forma, é fundamental conhecer um pouco mais sobre o livro eletrônico, seus vários conceitos e como ocorreu a evolução desse dispositivo até a atualidade.

#### 2.4.1 O conceito de livro eletrônico, a evolução do dispositivo e outras questões

A expressão livro eletrônico, *e-book* ou livro digital aparenta ser recente no prisma da literatura da área de Ciência da Informação e correlatas, cerca de uma década, porém a ideia retorna além no tempo, exatamente no início da década de 1970, quando então Michael Hart fundou o Projeto Gutenberg e nesse projeto foram digitalizadas as publicações que estavam em domínio público, o que contabilizou milhares de títulos eletrônicos em várias línguas. (MAGALHÃES, 2013). Portanto, a ideia do livro eletrônico não é um assunto novo, nem sequer uma questão do início do Século XXI. Como observa Procópio (2010), o livro eletrônico já é um assunto do século passado, embora o mercado editorial e consumidor só tenha se alertado para este novo dispositivo nesta última década.

Contudo, ainda há na literatura distorções a respeito do entendimento do que venha a ser o livro eletrônico, expressão que vem sendo utilizada de diversas maneiras para descrever realidades distintas. Alguns autores, classificados aqui como primeira corrente de estudo dos livros eletrônicos, relacionam esta expressão aos dispositivos móveis exclusivamente dedicados à leitura, os chamados *e-readers*, que armazenam livros eletrônicos ou digitais que só podem ser acessados através de um *software* de leitura apropriado.

Esses dispositivos, os *e-readers*, foram inspirados na ideia do protótipo da primeira máquina de leitura: o “*Memex*”, idealizada por Vanavar Bush em 1945 e descrita em seu ensaio “*As we may think*” como uma máquina que tinha por objetivo melhorar a memória

humana. A proposta do *Memex* era a de ser um dispositivo de armazenamento, leitura, recebimento, troca e recuperação da informação, o que equivaleria ao computador portátil ou de mesa, o *kindle* da *Amazon*, o *ipad* da *Apple* e tantos outros *tablets*, *e-readers* e aparelhos celulares que permitem a leitura, armazenamento e organização de livros e as mais diversas informações.

Como conceito mais apropriado para esta primeira corrente de pensamento está o de Cordón-Garcia que considera que:

Um livro eletrônico é qualquer forma de arquivo em formato digital que pode descarregar-se em dispositivos eletrônicos para sua posterior visualização. Trata-se de um arquivo digital que precisa de um elemento adicional para sua visualização, em dispositivo leitor, que deve conter um *software* adequado para a leitura do documento. Pode incluir elementos textuais, gráficos, sonoros e visuais integrados segundo o dispositivo de consulta: computador, *e-reader*, *tablet* ou outro. (CORDÓN-GARCIA, 2011, p.17, tradução nossa).

Essa ideia é reforçada por Sanz Domingo (2007, p. 2) quando este afirma que

[...] ó libros electrónicos son textos electrónicos que contienen características de formato especiales, las cuales permiten su lectura mediante software especializado. Los libros electrónicos tienen el aspecto de una pantalla, una pantalla que imita al libro o un libro que imita a la pantalla. Con este término se denomina tanto al nuevo dispositivo de lectura diseñado para leer libros electrónicos, como a las obras en sí mismas y a los programas que se pueden instalar tanto em ordenadores de sobremesa y portátiles, como en dispositivos especiales de bolsillo y que sirven para la lectura de estos libros digitales.<sup>3</sup>

Já outros autores, vistos como da segunda corrente, entendem e adotam a expressão livro eletrônico ou *e-book* para os textos digitalizados ou nascidos digitais, disponibilizados na rede e/ou em bases de dados de forma gratuita ou paga e que podem ser lidos nos mais diversos dispositivos eletrônicos, desde que haja compatibilidade entre o formato do arquivo digital e o *software* de leitura.

Nesse sentido, Pinheiro (2011, p. 14), conceitua o livro eletrônico como sendo “[...] uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens,

---

<sup>3</sup> Livros eletrônicos são textos eletrônicos que contém características e formatos especiais, que permitem sua leitura mediante software especializado. Os livros eletrônicos têm um aspecto de tela, uma tela que imita o livro e um livro que imita a tela. Com este termo se denomina tanto um novo dispositivo de leitura projetado para ler livros eletrônicos, com as obras em si mesmas e os programas que podem instalar tanto em computadores de mesa e portáteis, como em dispositivos especiais de bolso e que servem para a leitura destes livros digitais. (SANZ DOMINGO, 2007, p. 2, tradução nossa).

vídeo e áudio. Outras designações são: livro digital ou livro digitalizado. Muitas vezes utiliza-se, erradamente, o termo *e-book* para designar um *e-reader*.”

Na perspectiva da terceira corrente, há uma combinação dos dispositivos de leitura e o conteúdo do livro, sendo esta relação identificada em Procópio (2010, p. 45), no qual o autor para responder a questão do que seria um livro eletrônico divide o assunto em três partes:

- a) o *software reader* (aplicativo que auxilia na leitura do livro na tela);
- b) dispositivo de leitura (o recipiente ou suporte dos livros);
- c) o livro (o título em si ou a obra escrita).

O *reader*, segundo Procópio (2010) é um *software* ou aplicativo desenvolvido para auxiliar na leitura de livros nas telas de computadores de mesa, nas telas de computadores portáteis ou de bolso ou na tela de dispositivos dedicados. Entre os mais conhecidos estão os seguintes *softwares* que permitem a leitura de livros eletrônicos em diversos formatos: o *Acrobat eBook Reader*, HTML [e derivados] e PDF; o *MS Reader*: LIT [baseado em HTML, XHTML, XML e OPF]; o *PeanutPress Reader* ou *Palm Reader*; PRC e PDB [baseado em RTF]; e o *MobiPocket Reader*, considerado um dos melhores aplicativos para leitura de *e-books*.

Um aspecto do *reader* a se considerar é que, os softwares *readers* leem arquivos em formatos diferentes e são muitos os formatos para a edição de um livro digital, sendo que estes surgem, se modificam e desaparecem, porém existe uma tendência natural para a padronização dos livros eletrônicos em determinados formatos, estes são o PDF e o *ePub*, baseados em formatos padrão compatíveis com o HTML ou XML. Todavia, há outros sendo utilizados como o *eBook Pro*, o *Xkml*, o *pdb* [*MobiPocket Reader*], sendo estes considerados genuinamente próprios para o livro eletrônico, enquanto outros podem servir de base para a sua criação como o *rtf* [*rich text format*], *fla* [arquivos macromedia *flash*], o *txt* [bloco de notas] e muitos outros.

Já o dispositivo de leitura é o equipamento no qual será realizada a leitura do livro eletrônico, podendo ser o computador, *notebook*, *Palmtops*, *Handhelds* (computador de bolso), o celular, *tablet* e outros. Todos eles podem ser considerados suportes para a leitura digital, apesar do seu objetivo principal de venda não ser apenas esse, como ocorre com o *e-reader*, que é um dispositivo voltado especificamente para a leitura em meio digital e que tem a aparência e formato de um livro, apesar de não sê-lo, na verdade é um dispositivo portátil eletrônico, com tela plana de cristal líquido, colorida ou não, sensível ao toque de uma caneta ou ao dedo. (PROCÓPIO 2010).

Historicamente, o primeiro dispositivo de leitura foi o *Rocket eBook*, de 1998, *e-reader* pioneiro e que trouxe os *e-books* à ordem do dia quanto às invenções tecnológicas do mundo da leitura, desenvolvido pela *publisher NuvoMedia Inc.* Logo depois, surgiram o *MyFriend*, protótipo de um *e-reader* apresentado pela empresa italiana IPM-NET; o *LIBRIé*, da japonesa *Sony*, antecessor dos atuais modelos *Sony Readers*, desenvolvido em parceria com as empresas *E-Ink* e *Philips*; *CyBOOK*, desenvolvido pela francesa *Cytale* [chamado *Bookeen*, na sua segunda geração]; *HieBook*, desenvolvido com tecnologia XML [base do formato ePub] pela empresa *Korea eBook*; *eBookMan*, da empresa Franklin [até então especializada em dicionários e bíblias digitais] e muitos outros até a impressa apresentar o *Kindle*, da *Amazon*, no ano de 2007, e o *Nook*, da *Barnes & Noble* como preferidos do mercado consumidor. (PROCÓPIO, 2010).

Vale ressaltar que quase todos estes equipamentos pioneiros foram desenvolvidos antes ou no início da internet, desta forma não possuíam todas as funcionalidades presentes nos dispositivos atuais, apontadas pela rede, pelo mercado editorial e consumidor. Verifica-se que a tecnologia dos *e-readers* recentes supera muito os seus antecessores, a tal ponto de tornar a leitura digital muito próxima à leitura em texto impresso, exceto pelos inconvenientes relacionados ao consumo de energia, necessidade de aquisição de um equipamento para realizar a leitura do livro eletrônico e a relação estabelecida entre leitor e obra impressa, sendo esta última ligada muito mais a questões culturais do que à tecnologia propriamente dita.

O livro é a parte mais importante entre os aspectos do livro eletrônico enumerados por Procópio (2010), é o conteúdo propriamente dito elaborado pelo autor. Alguns livros eletrônicos constituem-se em representações fiéis dos livros impressos, podendo gerar inclusive a sua versão impressa, enquanto outros dispõem de recursos adicionais como os hipertextos e hiperlinks.

O livro eletrônico, assim como o livro impresso, é protegido pelos direitos autorais e esse é um aspecto muito importante a ser tratado quando da comercialização e uso desse dispositivo. A internet é um canal bastante eficaz para disseminação da informação, torna acessível toda espécie de material, seja ele protegido ou não pelos direitos autorais. Assim, segundo Reis e Rozados (2013, p. 65), “as obras podem ser facilmente copiadas, plagiadas, clonadas, manipuladas, alteradas, editadas e traduzidas pelo internauta, seja para uso próprio ou mesmo para fins comerciais, sem que haja um controle rígido ou fiscalização.”

Com o fim de proteger os direitos individuais e coletivos dos autores e editores, que foram criados alguns dispositivos legais que tratam sobre o direito autoral no Brasil, como a Lei n. 9.610/1998 e a própria Constituição Federal, em seu artigo 5º, parágrafos XXVII e

XXVIII, porém esses dispositivos por si só não garantem a inviolabilidade do direito autoral, seja para o livro impresso ou o livro eletrônico. Desta forma, para que os livros eletrônicos pudessem ser protegidos dos perigos de uma possível disseminação livre de seu conteúdo na internet foram criados mecanismos tecnológicos de *software* para resguardar que o *copyright*, ou seja, os direitos econômicos sobre as obras fossem respeitados.

O ambiente digital exige novas formas de proteção para o direito do autor, ocasionando a criação de alguns mecanismos de controle, as licenças de uso, para inibir que haja a utilização indevida do conteúdo de uma obra. Entre as licenças de uso podem ser verificadas desde permissões de acesso livre até formas de controle para limitar o acesso, como o *Copyleft*, o *Creative Commons* e o *Digital Right Management* (DRM). (REIS; ROZADOS, 2013). O *Copyleft* é uma licença que, segundo Santos (2009, p. 109), “[...] originou-se do movimento do software livre, baseado no princípio do compartilhamento de conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada à rede mundial de computadores.” Essa licença permite que qualquer pessoa possa copiar livremente uma obra, podendo realizar modificações e distribuir tanto a obra original quanto as derivadas dessa modificação.

O *Creative Commons* é uma licença gratuita, de caráter global, que tem por objetivo expandir a quantidade de obras criativas disponíveis ao público, permitindo a produção de outras obras a partir delas e o compartilhamento destas. (REIS; ROZADOS, 2013).

Contudo, a utilização da obra no modelo *Creative Commons* não é totalmente livre e desimpedida de restrições, há condições previstas nesse modelo que devem ser respeitadas pelos usuários das obras licenciadas. O *Creative Commons* oferece licenças que vão desde a proibição total do uso da obra até a disponibilidade em domínio público. (SANTOS, 2009).

O DRM que é uma sigla para *Digital Rights Management* e consiste em um avançado sistema de gerenciamento de direitos autorais que trabalha a conscientização do leitor em conjunto com tecnologias de criptografias para arquivos que auxiliam as editoras a determinarem as especificações de como os usuários poderão acessar os documentos digitais. (PROCÓPIO, 2010). Essas especificações podem delimitar se o documento poderá ser lido apenas em tela ou se o usuário terá autorização para fazer impressão (total ou parcial) deste; quantos *downloads* poderão ser realizados, assim como, se o conteúdo poderá ser modificado e outros aspectos, a depender da loja, livraria ou editora a negociar a venda da obra.

O sistema DRM não é válido apenas para livros eletrônicos, mas para músicas, películas, fotos e qualquer documento em formato digital que se pretenda proteger dos vários tipos de pirataria. Esse é um sistema bastante eficiente e seguro, que, se utilizado de maneira

coerente tende a proteger os direitos dos autores e editores, porém, para os usuários o DRM pode significar limitação de acesso e até mesmo bloqueio de uso da informação.

A evolução tecnológica dos dispositivos para leitura do livro eletrônico foi significativa em um curto espaço de tempo, assim como o desenvolvimento de mecanismos de proteção dos direitos autorais e o aumento da disponibilização de títulos em formato eletrônico, no entanto, todas estas mudanças não ocorreram somente no âmbito do material, mas também na relação do leitor com a escrita e a leitura, transformando as condições de transmissão e recepção do texto. O livro impresso, tal qual o conhecemos, está inserido em contextos sociais diversos, sua utilização está ligada a instituições e a um conjunto de práticas sociais que vão muito além de um simples formato de texto.

Comparativamente, os livros eletrônicos se assemelham em alguns aspectos ao livro impresso, no que se refere ao conteúdo, à formatação dos capítulos, à possibilidade de passar as páginas, entretanto, ele vai além ao apresentar funcionalidades próprias do ambiente digital, como os sistemas de busca, os *hiperlinks*, som e imagens interativas, agregando um valor a mais a esse dispositivo, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos livros eletrônicos e livros impressos

<b>Livro eletrônico</b>	<b>Livro impresso</b>
Possibilidade de compra e leitura via internet	Possibilidade de compra via internet e presencial
Possibilidade de uso de recursos multimídia e interatividade: aumento da fonte para leitura, inserção de anotações, marcadores, imagens vídeo, som e <i>hiperlinks</i>	Limitação ao texto escrito e imagens
Portabilidade de um grande número de títulos eletrônicos em função da capacidade de armazenamento dos dispositivos de leitura	O leitor se limita ao número de exemplares que pode levar consigo em virtude do peso
Instabilidade com relação à durabilidade do suporte	Permanência relacionada com a durabilidade do papel
Limitações do empréstimo em razão do modelo de negócio adotado pelas bibliotecas	Com a aquisição do exemplar o empréstimo passa a ser inteiramente livre por parte da biblioteca, porém restrito à capacidade do acervo informacional
Possibilidade de manipulação, plágio ou desrespeito aos direitos do autor	Possibilidade de plágio ou desrespeito aos direitos do autor e reprodução indevida
Necessita habilidade no manuseio dos dispositivos de leitura.	Não necessita habilidades com o uso dos dispositivos de leitura, apenas domínio de leitura.

Fonte: Adaptação de Dantas (2011, p. 25).

Como pode ser verificado em Dantas (2011), há muitas características que se assemelham entre um e outro formato de livros, estando as diferenças ligadas às questões de tecnologia (recursos multimídia e interatividade) e o mercado editorial, pois a instabilidade quanto à durabilidade do suporte e necessidade de habilidades quanto ao manuseio dos dispositivos de leitura estão ligadas diretamente à melhoria dos dispositivos de leitura para os livros eletrônicos e o desenvolvimento de uma competência digital voltada para o acesso e uso da informação em formato digital; enquanto que limitações ao empréstimo por parte das bibliotecas, assim como possibilidade de plágio ou desrespeito aos direitos do autor correspondem ao modelo de negócio adotado pelas editoras frente às bibliotecas e o desenvolvimento de mecanismos eficientes para inibir o uso indevido da informação, seja em formato digital ou impresso.

Os livros eletrônicos, o seu uso e incorporação são aspectos importantes a serem tratados pelas instituições que trabalham com o livro, principalmente as bibliotecas. Por algum tempo, o uso progressivo das TIC significou a substituição de algumas atividades manuais e o aprimoramento de outras, porém não reduziu o uso do papel e, conseqüentemente, dos dispositivos impressos. Pelo contrário, o livro impresso é um dispositivo da informação culturalmente instituído e que não parece está em vias de desaparecimento em virtude da comercialização e uso do livro eletrônico.

Conforme afirma Chartier (1998, p. 152),

[...] o texto vive uma pluralidade de existências. A eletrônica é apenas uma dentre elas, [...] vivencia-se um momento no qual há a possibilidade de coexistência entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação de textos: o manuscrito, o impresso e o eletrônico, sendo este último apenas uma entre a pluralidade de existências do texto.

É possível que o uso do livro impresso perdure ainda por longos anos, pois os textos copiados à mão sobreviveram, por um espaço de tempo, à invenção de Gutenberg, e até o Século XVIII e XIX existiam suspeitas a respeito do texto impresso, apesar desse já circular livremente no período especificado. Existe, hoje, um objeto que é a tela sobre o qual o livro eletrônico é lido, contudo, não está acessível a todos, pois há barreiras no acesso à informação ainda de difícil transposição para muitos sujeitos e isso significa que por muito tempo, ainda, se vivenciará estes dois tipos de dispositivos da informação: o livro impresso e o livro eletrônico.

Nessa perspectiva, há mais dúvidas do que certezas quanto ao desaparecimento do livro impresso e, ao se pensar o livro eletrônico, é necessário se questionar se esse novo

dispositivo será favorável ou não à diversidade linguística e cultural, se a sua democratização derrubará ou acentuará barreiras entre os ricos e pobres. Se o seu uso pela sociedade significará mais informação e, consecutivamente, conhecimento para tornar pessoas em cidadãos atuantes e modificadores de realidade.

Diante do exposto, os livros eletrônicos representam um desafio não somente do ponto de vista econômico, social e cultural, mas, também para os profissionais bibliotecários, principalmente, aqueles atuantes em bibliotecas universitárias, sendo requerido destes: conhecimento sobre o livro eletrônico, os modelos de negócio associados e as práticas de mediação voltadas para esse dispositivo. Por isso, a importância do estudo sobre o livro eletrônico e a biblioteca universitária.

#### **2.4.2 O livro eletrônico e a biblioteca universitária**

Não há que se negar o avanço e os impactos positivos ocasionados pelo uso das tecnologias digitais aos serviços praticados pelas bibliotecas universitárias. Na verdade, trata-se de um cenário que vem se modelando já alguns anos, a partir das décadas de 1960 e 1970 do Século XX, quando ocorreu um avanço da indústria eletrônica, aliada a uma acentuada valorização da informação e do conhecimento.

As bibliotecas sempre foram reconhecidas como o espaço tradicional para a guarda de acervos e disseminação da informação, mas por algum tempo se viram envoltas em uma antiga questão: como sobreviver às mudanças tecnológicas e quais as expectativas que rondam a biblioteca do Século XXI em meio à supremacia das TIC, mais especificamente, a internet. (TARGINO, 2010). Por um breve espaço de tempo, pensou-se nas novas tecnologias, sendo esta expressão empregada no sentido de estágio atual de desenvolvimento tecnológico, como uma possível concorrente aos serviços das bibliotecas, visto que ocorreu um crescimento do número de pessoas a utilizar a internet como fonte de informação, apesar dos materiais disponíveis na rede serem publicados sem que ocorra um controle efetivo quanto a sua validação.

Considerando o momento histórico, político e social vivenciado pelas várias instituições que trabalham com a informação, as bibliotecas, no geral, adaptaram-se bem à nova realidade, explorando o potencial das TIC e, aos poucos, agregando os benefícios destas aos serviços e produtos ofertados ou criando outros a partir dessas tecnologias, como foi o caso dos catálogos impressos que passaram a ser disponibilizados em formato digital, possibilitando uma pesquisa mais ágil e de forma remota ao acervo existente, assim como as

pesquisas em bases de dados especializadas, que permitiram uma redução no tempo de resposta às demandas dos usuários, ou seja, as mudanças tecnológicas em processo foram, paulatinamente, afetando os produtos e serviços das bibliotecas, inicialmente, quase que de forma despercebida, mas logo se constituindo como a chave para a reconceitualização dos sistemas de informação.

Sobreviver ao avanço das tecnologias configurou-se quase que uma palavra de “ordem” para as bibliotecas, o que demandou a absorção, inclusive, de novos dispositivos da informação, a exemplo dos periódicos eletrônicos em um primeiro estágio e mais recentemente, os livros eletrônicos, fazendo com que as bibliotecas viessem a gerir conteúdos impressos e digitais.

Sob esta ótica, Darnton (2010) ratifica a importância das bibliotecas ao explicar que estas podem acomodar os formatos impresso e digital nos seus acervos quando diz que,

[...] esta pode parecer a instituição mais arcaica de todas. Ainda assim, seu passado guarda bons presságios para seu futuro. Bibliotecas nunca foram depósitos de livros. Sempre foram e sempre serão centros do saber. Sua posição central no mundo do saber as torna ideais para mediar os modos impresso e digital de comunicação. Livros também podem acomodar os dois modos. Impressos em papel ou armazenados em servidores, eles corporificam o saber, e sua autoridade deriva de algo que excede a mera tecnologia que os tornou possíveis. (DARNTON, 2010, p. 16).

Como visto, as novas tecnologias têm fortalecido e favorecido a capacidade de serviço das bibliotecas, principalmente as universitárias. Neste cenário, o livro eletrônico é o elemento mais recente e, ainda, em fase de incorporação por muitas bibliotecas que despertaram para esse dispositivo não de forma acidental. Ao contrário, elas foram impulsionadas pela mudança de comportamento dos usuários, a disponibilidade de diversas fontes e suportes da informação, o desenvolvimento de novos modelos educativos e flexíveis, adotados pelas universidades, qual seja a educação à distância, sendo esta apoiada no uso das tecnologias da informação, de recursos eletrônicos como as revistas eletrônicas, base de dados científicas e do próprio livro eletrônico.

Há um contexto próprio para o aumento da importância dos livros eletrônicos nas universidades que está relacionado ao impacto e desenvolvimento das redes tecnológicas, a capacidade dos sistemas informáticos e as forças sociais e econômicas que fazem com que o livro eletrônico se apresente não apenas como uma disposição de conteúdo em formato digital, mas também como uma necessidade. Alonso-Arévalo, Cordón-García e Gómez Díaz (2011) especificam outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento de tecnologias

voltadas para o uso e aperfeiçoamento do livro eletrônico e estes se configuram em:

- a) o crescimento e ampla aceitação de outros recursos eletrônicos como revistas e bases de dados;
- b) o desenvolvimento de programas de ensino baseados na autoaprendizagem;
- c) a importância do ensino virtual, o *e-learning*;
- d) a facilidade com que a informação eletrônica pode ser criada, atualizada, copiada e difundida;
- e) o desenvolvimento cada vez mais arraigado da comunicação através de redes virtuais;
- f) o desenvolvimento de programas específicos para a elaboração de textos e manuais eletrônicos;
- g) a ampliação da oferta editorial e do setor no desenvolvimento de aplicações de software para livros eletrônicos;
- h) o crescimento da aprendizagem colaborativa;
- i) a melhoria das plataformas de difusão eletrônica;
- j) as iniciativas empreendidas por algumas universidades na substituição do papel por formatos digitais e na adoção de dispositivos como o *Kindle* e o *Ipad* para realizar essas transformações.

Como visto, vários foram os fatores que contribuíram para que ocorresse, em uma escala crescente, a adesão aos livros eletrônicos por parte das bibliotecas universitárias e estas estão caminhando em direção a uma realidade virtual, assumindo como uma de suas interfaces o modelo digital para atender melhor e de forma rápida as necessidades informacionais de seus usuários. É certo que este percurso não ocorreu sem entraves, algumas dificuldades iniciais foram sentidas, principalmente pela indústria editorial que realizou investimentos generosos na edição de livros eletrônicos e não obteve o retorno esperado no tempo almejado.

Muitas expectativas foram geradas no âmbito da edição do livro eletrônico nos anos 2000, esperava-se por uma revolução digital que transformasse a indústria editorial, tornando a edição e venda dos livros eletrônicos superiores a dos livros impressos, porém não foi essa a realidade a que se depararam diversas editoras pelo mundo. Os fracassos iniciais a respeito da venda dos livros eletrônicos ocasionaram, em um primeiro momento, a suspensão, o abandono e o desaparecimento de várias iniciativas editoriais voltadas à edição e comercialização dos livros eletrônicos. (ALONSO-ARÉVALO; CORDÓN-GARCÍA; GÓMEZ DÍAZ, 2011).

Todo o fracasso decorrente dessa fase de introdução dos livros eletrônicos ao mercado consumidor decorreu de uma falta de sincronia entre o comportamento do usuário e a comercialização de livros. Pensava-se que, com o livro eletrônico alcançariam o mesmo êxito advindo da comercialização de revistas eletrônicas, porém devido ao livro apresentar um formato monográfico, sua aceitação por parte do público foi relativa, pois este não era dividido em partes diferenciadas e composto de um número limitado de páginas que, comodamente, poderiam ser impressas ou lidas diretamente na tela de um computador, como pode ocorrer com as revistas, em razão disto, os livros eletrônicos não obtiveram a mesma resposta positiva que as revistas eletrônicas. Nesse mesmo período, algumas bibliotecas universitárias, entusiasmadas com o sucesso das revistas eletrônicas adquiriram coleções de livros que mais tarde cancelariam devido ao seu pouco uso. (ALONSO ARÉVALO; CORDÓN GARCIA, 2010).

As primeiras iniciativas de edição do livro eletrônico foram voltadas à leitura de entretenimento, mas logo perceberam que o mercado técnico-científico poderia representar um ganho em potencial para as editoras, inclusive as de cunho universitário. Nesse sentido, as atenções das editoras voltaram-se para as bibliotecas universitárias, em razão de essas serem as grandes consumidoras das edições científicas, o que faria com que os modelos de negócio desenvolvidos pelas editoras fossem, pouco a pouco, direcionados para estas instituições.

A aceitação e o uso do livro eletrônico pelo usuário da biblioteca universitária vêm ocorrendo gradativamente, em alguns países como a Espanha, Estados Unidos, México e Reino Unido se verificam o crescimento da utilização do livro eletrônico, tanto daqueles voltados ao entretenimento quanto daqueles de caráter técnico-científicos, inclusive com a existência de consórcios entre instituições universitárias, a fim de favorecerem o desenvolvimento de coleções de *e-books*. (HUBP, 2006 *apud* VELASCO, 2008).

No entanto, essas transformações não ocorreram de forma plena, sem que houvesse um esforço aplicado por parte dos profissionais envolvidos neste processo e um deles é o bibliotecário. Isto porque, a facilidade de acesso, manuseio e leitura de uma obra impressa ainda supera e muito a sua mesma versão eletrônica e os fatores que corroboram para isso são diversos, situando-se desde limitações digitais que se configuram na falta de experiência digital, falta de interesse e medo dos computadores até mesmo a possibilidade do sujeito não ser proprietário de um computador e não ter oportunidades significativas de uso da tecnologia. (BELLINI; GIEBELEN; CASALI, 2010). Há ainda problemas relativos à aquisição e manutenção de equipamentos para leitura, o desconforto visual ocasionado, em alguns casos, quando há o prolongamento do tempo de leitura em tela, sendo esta mais lenta e cansativa,

compatibilidade de software de leitura e formato do arquivo digital, preço do livro em formato digital, em muitos casos, similar ao livro impresso, e custo elevado de impressão como alternativa para leitura em tela, assim como dos dispositivos de leitura, entre diversos outros fatores. Esses são alguns dos pontos negativos que não podem ser ignorados quando da aquisição e uso dos livros eletrônicos.

Todavia, segundo Alonso-Arévalo, Córdón-García e Gómez Díaz (2011) e Serra (2014), as vantagens dos livros eletrônicos superam as desvantagens, que sob o ponto de vista das bibliotecas universitárias residem em:

- a) acesso remoto às obras e disponibilidade do acervo 24h;
- b) resolução dos problemas relacionados à capacidade de armazenamento do espaço físico da biblioteca, pois os livros eletrônicos não ocupam espaço em estantes ou prateleiras;
- c) podem ser pesquisados e acessados através do catálogo virtual das bibliotecas;
- d) realização de empréstimo a multiusuários de acordo com a política de circulação definida pela biblioteca;
- d) os livros eletrônicos não são perdidos, entregues com atrasos ou danificados;
- e) texto em formato multimídia, ou seja, enriquecido com diversos recursos como som, imagens e *hiperlinks*;
- e) portabilidade, ou seja, os arquivos podem ser compartilhados em diversos dispositivos;
- f) atendimento das necessidades informacionais de deficientes visuais.

Verifica-se que, o livro eletrônico traz uma série de vantagens para a biblioteca universitária, sendo uma ferramenta importante na disseminação do conhecimento, embora demande uma série de adaptações por parte da biblioteca quanto aos processos de aquisição, tratamento técnico das obras e serviços oferecidos aos usuários.

Até pouco tempo atrás, o livro, ao ser adquirido, passava a constituir patrimônio da biblioteca, sendo imediatamente submetido a todas as etapas do processamento técnico, assim como o seu uso estava condicionado às normas de circulação, uso e descarte determinadas pela biblioteca. No entanto, com o livro eletrônico é diferente, sendo necessário repensar o processo de desenvolvimento da coleção, garantindo a continuidade dos títulos no acervo, mensurando o uso que é feito das obras adquiridas, realizando o controle de acesso dos conteúdos, além de oferecer novas possibilidades de consultas e serviços.

Considerando o processo de desenvolvimento de coleções, as bibliotecas universitárias podem construir os seus acervos digitais de diversas formas, incorporando

desde a produção institucional, acadêmica ou corporativa, como também as obras em domínio público, as obras autorizadas pelos autores, conteúdo licenciado, adquirido através de fornecedores, obras impressas convertidas ao formato digital e obras lançadas por meio de sistemas de autopublicação. (SERRA, 2014). Entre essas possibilidades apresentadas para a construção de acervos digitais por parte das bibliotecas universitárias, a formação do acervo por meio de conteúdo licenciado adquirido através de fornecedores, é a opção que acarreta maior custo para essas bibliotecas e que, infelizmente, muitas delas têm de aderir, pois grande parte dos livros técnico-científicos em formato digital não está disponível gratuitamente ou em domínio público.

O mercado de venda de livros eletrônicos ainda não está alinhado às demandas da biblioteca, inclusive, algumas editoras têm resistência. Para que a biblioteca realize, satisfatoriamente, o processo de aquisição de livros eletrônicos é imprescindível que conheça os modelos de negócio oferecidos pelos fornecedores e as respectivas restrições de cada um deles. Há uma diversidade de modalidades de aquisição, mas, no geral, são mais comumente utilizados o modelo assinatura e aquisição perpétua e, de forma menos frequente, o *Patron Driven Acquisition* ou *Demand Driven Acquisition* (PDA, DDA ou aquisição orientada ao usuário) e o modelo *pay-per-view*.

O modelo assinatura ou licença de uso é um modelo no qual o distribuidor oferece acesso a um pacote de títulos à biblioteca por um determinado período de tempo, normalmente anual, sendo esses títulos definidos pelos editores entre aquelas obras no formato impresso que já apresentaram vendagem significativa. Dessa forma, a comercialização do título no formato digital não acarreta impactos negativos para essas editoras. O problema desse modelo é que ele exige uma dotação orçamentária suficiente para manter o custo da assinatura da coleção, a exemplo do que ocorre com os periódicos. Neste caso, a biblioteca tem apenas o acesso aos livros eletrônicos, porém eles não pertencem ao acervo, podendo ser suspenso o acesso caso não seja concretizada a renovação do contrato de assinatura. Além disso, os títulos que integram o pacote podem ou não constar entre os livros utilizados pelas bibliografias das áreas, havendo a possibilidade de conter títulos que não interessem à comunidade de usuários, assim como, o acesso à coleção ocorre através da plataforma dos fornecedores. Cabe ressaltar que, esse modelo de negócio é o que tem maior oferta no Brasil. (MAGALHÃES, 2013; SERRA, 2014).

O modelo aquisição perpétua é o mais tradicional, semelhante à aquisição feita de volumes físicos como se fossem em papel, porém no formato digital. É o modelo mais interessante para as bibliotecas, pois, nele, a seleção dos títulos pode ser realizada

individualmente ou por área do conhecimento e a biblioteca tem o acesso permanente à obra, podendo disponibilizá-la em sua própria página ou na plataforma proprietária do fornecedor, caso correspondente ao praticado pela UFBA através do SIBI. O ponto crítico deste modelo de negócio são os valores excessivos praticados pelos fornecedores, que exigem da biblioteca um alto investimento. (SERRA, 2014).

O modelo *Patron Driven Acquisition* ou *Demand Driven Acquisition* (PDA, DDA ou aquisição orientada ao usuário) é um modelo de compra no qual os usuários selecionam os livros eletrônicos, escolhendo-os a partir do catálogo *online* da biblioteca. Nesse caso, a biblioteca e o vendedor determinam a quantidade e o tipo de uso que acionam a compra do título por parte do usuário. Contudo, para que isso ocorra, é indispensável que a biblioteca incorpore o registro MARC do título ao seu catálogo, pois é dessa forma que o usuário terá conhecimento sobre a obra e, ao acessá-lo, será direcionado para a plataforma do fornecedor. Este modelo traz como benefício para as bibliotecas um número acentuado de publicações, porém exigirá dela um controle rígido sobre os acessos, para que estes não extrapolem o número determinado, resultando assim, em aquisições que comprometam o orçamento da instituição. (SIBERT, 2011 *apud* SERRA, 2014).

O quarto modelo é o *pay-per-view*, que se caracteriza por um tipo de assinatura em que seu valor é firmado conforme a quantidade de acessos e serviços pré-definidos para o título de livro eletrônico. Entre os serviços pré-definidos estão: acesso aos textos somente para leitura, permissão para leitura e impressão, realização de múltiplos acessos e outros. (SILVA, 2013). Este modelo é, normalmente, disponibilizado pelas editoras aos seus usuários individuais (pessoa física) e nele o leitor não necessita realizar a aquisição do livro eletrônico completo, poderá escolher entre um ou mais capítulos de uma obra, se for do seu interesse, realizando o pagamento de acordo com a escolha realizada. (SERRA, 2014).

Uma vez realizada a aquisição do livro eletrônico pela biblioteca através de um dos modelos anteriormente citados, surge outra preocupação que se configura em como disponibilizar o acesso dessas obras ao usuário final. A literatura apresenta duas variantes que geralmente são abordadas pelas bibliotecas para proceder a disponibilização de seus títulos eletrônicos, sendo a primeira através do empréstimo durante um determinado período do dispositivo leitor com um número de títulos inseridos neles. Esta ação constitui-se menos comum na realidade das bibliotecas brasileiras, em função das limitações financeiras para aquisição do dispositivo de leitura.

A segunda variante diz respeito a uma cópia temporal do livro eletrônico, com DRM, disponibilizado ao usuário por um período de tempo determinado e, ao final deste prazo, a

cópia ou autorização de acesso automaticamente expira, tornando impossível o acesso ao conteúdo inicialmente emprestado. Esse modelo é similar ao que ocorre com o livro impresso disposto pela biblioteca, porém difere no quesito garantia de entrega da obra quando do prazo extinto.

Além do que, fora apresentado pela literatura, ainda ocorre uma terceira variante identificada em bibliotecas nacionais e estrangeiras, que se refere à disponibilização do título ao usuário de forma totalmente gratuita, bastando que o usuário realize o *download* da obra em seu dispositivo eletrônico. Esta variante difere da anterior porque o prazo de consulta não expira e o usuário pode acessá-lo por prazo indeterminado.

Como se pode observar, a incorporação dos livros eletrônicos aos acervos das bibliotecas universitárias não se constitui tarefa fácil, apesar de já representar uma realidade para muitas dessas bibliotecas. Pois não se trata apenas de fazer a aquisição de uma coleção de títulos e colocá-los à disposição através de um *link* na página da biblioteca, envolve muitas questões relativas à gestão da coleção e, nesse quesito, leva-se em conta o planejamento de recursos, de mecanismos de difusão, bem como, as ações mediadoras para tornar a utilização do livro eletrônico real no panorama da biblioteca universitária.

A gestão de coleção de livros eletrônicos é uma tarefa que consome bastante tempo e demanda dedicação do bibliotecário, visto que, além de lidar com a variedade de modelos de negócio existentes, será necessário realizar o controle bibliográfico através dos registros MARC, sendo estes, muitas vezes, oferecidos por alguns fornecedores para que as bibliotecas possam incluí-los em seus catálogos; efetuar o acompanhamento das estatísticas de uso dos títulos da coleção, pois através dela serão verificados quais livros são demandados pelos usuários e, a depender do modelo de negócio contratado, efetuar as substituições de títulos quando estes não forem de interesse do usuário. Essa gestão exige também a realização do planejamento de recursos financeiros para a aquisição e manutenção das coleções de livros eletrônicos, lembrando que, na aquisição realizada no modelo assinatura, a instituição deverá realizar pagamentos periódicos para garantir a manutenção do acesso às obras. Mas, caso essa aquisição ocorra no modelo perpétuo, deve-se considerar de que modo as obras serão disponibilizadas, se na plataforma proprietária do fornecedor, sendo esse acesso permanente e garantido através de cláusulas contratuais específicas, ou o conteúdo será baixado no servidor da instituição. Neste caso, o bibliotecário terá de se preocupar com questões como: o espaço de armazenamento, *backup*, preservação digital, segurança e, com o passar do tempo, conversão dos arquivos à medida que os formatos forem atualizados. (SERRA, 2014).

Outros pontos a serem destacados quanto à gestão de coleção de livros eletrônicos

diz respeito aos mecanismos de difusão deste dispositivo e as ações mediadoras promovidas pelo profissional bibliotecário. Nos mecanismos de difusão podem-se considerar diversas estratégias de comunicação, a saber: anúncios na página *web*, artigos em imprensa e *blogs*, envio de mala direta aos usuários, cursos de formação para o corpo de funcionários da biblioteca e usuários, elaboração de tutoriais e guias de pesquisa. Quanto aos três últimos aspectos, são compreendidos como ações mediadoras diretas e indiretas. Ademais, os cursos de formação para a equipe da biblioteca e usuários são imprescindíveis, pois os profissionais, aí atuantes, devem aprender mais sobre os dispositivos de informação que a biblioteca disponibiliza para que tenham condições de auxiliar os usuários nas suas demandas. Nesse contexto, os guias e tutoriais tornam-se ferramentas no processo de capacitação dos usuários e da equipe.

Os treinamentos ou programas de capacitação são, marcadamente, uma das atividades que mais aproximam o usuário dos produtos e serviços ofertados pela biblioteca universitária, devendo este recurso ser explorado pelo bibliotecário para promover o acesso e uso dos livros eletrônicos. Notadamente, constata-se através de pesquisas como a realizada pelo *Joint Information Systems Committee* (JISC) em 2009 que, muitos investimentos realizados em aquisição de livros eletrônicos não apresentaram o resultado esperado, pois os usuários desconheciam a existência desse dispositivo e de que modo poderiam acessá-los. (SERRA, 2014).

Outro aspecto importante relacionado aos mecanismos de difusão dos livros eletrônicos, relaciona-se à incorporação, nas bases de dados bibliográficas das bibliotecas universitárias, da representação descritiva e temática dos livros eletrônicos. A promoção dessa ação por parte da biblioteca pode significar, em muitos casos, um dos elementos chave para o sucesso de uma coleção de livros eletrônicos, pois a depender do número de coleções que a biblioteca possua, terá vários fornecedores e, cada um com sua plataforma de acesso, tendo cada uma dessas plataformas ferramentas, critérios e refinamentos de busca variados, podendo ser uns mais fáceis e outros mais complexos. Contudo, gerará para o usuário dificuldades para acessar a coleção de livros eletrônicos, podendo ocasionar, inclusive, o desconhecimento da existência desse dispositivo. Assim, para evitar tal ocorrência, a biblioteca deverá proporcionar ao seu usuário um único local de consulta, tanto para os livros impressos quanto para os livros eletrônicos e a melhor maneira para realizar isto reside na incorporação da representação descritiva e temática dos livros eletrônicos às bases de dados bibliográficas.

Frente aos diversos aspectos apresentados, verifica-se que em relação à incorporação do livro eletrônico para o atendimento das necessidades de informação, a biblioteca

universitária precisa desenvolver estratégias de mediação da informação. Coadunando com Santos (2012, p. 26), “[...] os usuários da biblioteca universitária, em sua maioria estudantes de graduação e pós-graduação, apresentam perfis variados, no que tange aos aspectos sociais, culturais e/ou econômicos [...]” e esta variação faz com que os modos de busca, seleção, acesso, uso e apropriação da informação ocorram para cada um deles de forma diferenciada, o que também tenderá a impactar a forma como a biblioteca universitária precisa assegurar o acesso ao livro eletrônico, fator este determinante para o sucesso dessa iniciativa.

Para o desenvolvimento de mecanismos, atividades e ações voltadas à prática de mediação da informação em bibliotecas universitárias, visando o conhecimento e a utilização do dispositivo livro eletrônico, devem-se levar em conta as práticas de leitura dos sujeitos envolvidos e como o uso das tecnologias da informação tem impactado nessas mesmas práticas. Assim, faz-se necessário ao bibliotecário conhecer como tais práticas de leitura ocorrem no ambiente digital, em especial, dos estudantes universitários.

#### 2.4.2.1 A leitura em ambiente digital: uso dos livros eletrônicos

A leitura é uma habilidade, um processo e ao mesmo tempo uma atividade social que permite ao leitor conhecer, descobrir e interpretar o mundo sobre várias perspectivas. Costuma-se associar a leitura ao testemunho oral da palavra escrita, porém ela vai além deste entendimento e da decodificação de signos e símbolos, a leitura “[...] é o ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido.” (LÉVY, 2003, p. 36).

O ato de ler é uma atividade que está relacionada diretamente à realidade dos sujeitos leitores e das tecnologias utilizadas para registro da palavra escrita. E, assim, como as tecnologias mudam com o passar do tempo, da mesma forma ocorre com a experiência da leitura. Historicamente, a leitura se concretizou na oralidade através de textos que eram lidos em praças públicas, em reuniões familiares e encontros de amigos, ou seja, era uma atividade coletiva, porém, com o passar dos séculos, exatamente na transição entre a idade antiga e a idade medieval, essa leitura foi tomando o espaço individual, reservado e cerrado da alcova, da biblioteca, dos mosteiros e escritórios, solidificando-se como leitura silenciosa. (CHARTIER, 1998).

Para que houvesse a expansão da leitura silenciosa, foi necessário que ocorresse a multiplicação dos textos através das técnicas modernas da imprensa de Gutenberg e a redução do analfabetismo, visto que ela exigia do leitor uma autonomia quanto à capacidade de ler e

interpretar, pois não era intermediada pelo orador da praça pública ou pelo padre da paróquia, o que indicava que o leitor usufruía de uma certa liberdade para ler e percorrer os significados que essa leitura pudesse lhe proporcionar.

A liberdade leitora é retratada em comportamentos variados, nela o leitor do Século XVIII aparece em retratos ou gravuras em meio à natureza, deitado à cama, andando nas ruas, sentado no banco da praça. (CHARTIER, 1998). Contudo, essa leitura é realizada sempre em um suporte impresso, um livro ou um jornal. Já no final do Século XIX e início do Século XX, a leitura sofre uma transformação, pois o leitor tem a seu dispor, além do registro escrito, a possibilidade de representação do cotidiano através da fotografia e do cinema, o que leva a novas formas de acesso e apropriação da informação. Nesse aspecto, verifica-se uma ênfase na imagem e na oralidade e, de certa forma, um resgate de práticas de leitura próprias das sociedades antigas.

À medida que a revolução tecnológica traz ao cotidiano social novos dispositivos como: a fotografia, o rádio, a televisão, a fotocopiadora, o computador e muitos outros, as práticas de leitura vão se alterando, consecutivamente, o leitor se vê outra vez, entre a limitação e a liberdade, sendo essa limitação representada, inicialmente, pelas dificuldades de acesso e domínio das TIC, enquanto que a liberdade reside na possibilidade de escolha dos mais variados temas de leitura e dos dispositivos da informação para a realização desta.

O leitor do Século XX, diferentemente daquele do Século XVI, não sofre com a escassez dos livros, mas com o excesso de informações; ele tem, além do livro, a tela do computador ou do celular; o texto aparece no passar das páginas, num simples *click* do *mouse* ou no toque dos dedos. Essas diferenças apontadas indicam que uma nova leitura é realizada pelo sujeito leitor, sendo esta, a leitura em ambientes digitais.

A leitura realizada em ambientes digitais em muito difere da realizada nos suportes impressos tradicionais, visto que ela não tem as características da linearidade, da contextualidade bem definida e da leitura de cima para baixo, da esquerda para a direita e de uma página para a seguinte. (ERES FERNÁNDEZ; KANASHIRO, 2011). Pelo contrário, a noção de contextualidade é muito mais ampla do que no texto impresso, a leitura ocorre, não somente a partir do texto escrito, mas através das imagens, ícones, diagramação, *links*, exigindo outro tipo de conhecimento, que é o do manuseio das TIC e de processamento de leitura, visto que esta exige muito mais atenção e concentração do leitor.

A leitura digital tem uma particularidade que a diferencia das demais e isso diz respeito ao hipertexto. Essa expressão tão comum na linguagem contemporânea remete a ideia de um texto ligado a outros textos de temáticas semelhantes, cuja ligação é determinada pelo

autor da página, através de uma palavra ou expressão. O hipertexto é uma ferramenta que leva o leitor além do texto, oferecendo-lhe algo a mais, como uma explicação mais detalhada sobre uma palavra ou termo, uma imagem, um gráfico, uma referência simples ou cruzada, possibilitando a realização da leitura em vários sentidos e de forma aleatória. (FACHINETTO, 2005).

Segundo Lévy (1993), tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Assim, as possibilidades de navegação apresentadas pelos hipertextos fazem emergir um texto sem fronteiras nítidas que, ao mesmo tempo em que permite ao leitor ir além à compreensão do sentido do texto principal, pode fazê-lo perder-se nos caminhos que se derivam dele.

O hipertexto é um dos recursos disponibilizados nos livros eletrônicos, sem ele o livro em formato digital equivale, apenas, a um arquivo simples que foi reproduzido, de seu formato original impresso para a tela de um dispositivo. Nesse sentido, o recurso do hipertexto possibilita uma experiência diferenciada por parte do sujeito leitor frente ao objeto que o livro.

A leitura em ambiente digital possibilita a apreensão de textos não somente em jornais, revistas e páginas de *websites*, mas também em livros eletrônicos, sendo estes de suma importância na atualidade, pois até então se pensava a leitura de um livro apenas possível, do ponto de vista da comodidade física, no seu formato impresso. Contudo, com o desenvolvimento crescente dos dispositivos de leitura como os *tablets*, *ipads* e *iphones* a leitura de livros eletrônicos tem sido cada vez mais comum, principalmente no ambiente acadêmico.

Os livros eletrônicos têm ganhado cada vez mais espaço na educação, sendo utilizado nos diversos níveis de formação do sujeito, desde a educação infantil até o ensino superior. Entretanto, é no ensino superior que se manifesta um interesse crescente pelo livro em formato eletrônico, em função deste se apresentar como uma solução para problemas como: a disponibilidade da obra física, reservas, cumprimento de prazos de devolução, custo com conservação dos livros e tantos outros problemas que assolam a biblioteca universitária.

Nesse sentido, muitos estudos estão sendo realizados com o intuito de verificar como está ocorrendo a incorporação dos livros eletrônicos nas bibliotecas universitárias brasileiras e estrangeiras. Os dados apresentados, a partir destes estudos, revelam como tem se realizado o uso dos livros eletrônicos, o tempo dedicado à realização da leitura nesse dispositivo e com qual objetivo essa leitura é realizada.

Em pesquisa intitulada “Retratos da Leitura no Brasil” (2008), é apresentado o panorama sobre a situação da leitura e o comportamento do leitor brasileiro, como também, dados que permitem delinear, de forma embrionária, como tem ocorrido a leitura do livro eletrônico no Brasil, sendo que dessa pesquisa pôde-se verificar que: apenas 3% da população brasileira faz uso de livros eletrônicos (4,6 milhões), que 1% desses usuários realizam essa leitura 1 vez ao dia e, o mesmo equivalente, 1%, a fazem uma vez por semana e 1 vez ao mês, dedicando cerca de 1 hora e 37 minutos a essa leitura. A maior parte desse público leitor está na faixa etária entre 18 a 24 anos, pertencendo às classes A e B, possuindo nível superior completo; sendo que 45% deles concentram-se na Região Sudeste.

Apesar do estudo apresentado ser de natureza geral e ter sido realizado em 2007, ele revela, entre outras informações, que ainda é restrito o uso e, principalmente, o acesso ao livro eletrônico no Brasil, apesar de 9% da população realizar a leitura de textos na internet, pelo menos, uma vez ao dia. (AMORIM, 2008). Vale destacar que, o período de realização da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” coincide com o surgimento de iniciativas voltadas para a aquisição de coleções de livros eletrônicos pelas universidades brasileiras, por esta razão, os estudos que buscam verificar a incorporação e uso dos livros eletrônicos nas bibliotecas universitárias começaram a emergir há poucos anos.

Em levantamento bibliográfico realizado, já foi possível identificar pesquisas como a realizada no âmbito do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC), que objetivou investigar os fatores considerados determinantes para o uso, pelos estudantes dos programas de pós-graduação da UFC, dos livros eletrônicos que fazem parte do acervo do Sistema de Bibliotecas dessa Instituição. Nesta pesquisa foram obtidos os seguintes dados: cerca de 60% dos participantes desconhecem o acervo de livros eletrônicos da UFC, sendo que entre os principais fatores enumerados pelos discentes para justificar esse desconhecimento está na fragilidade da instituição em divulgar os livros eletrônicos pela biblioteca universitária e a falta de divulgação por parte dos professores. Entre os discentes que informaram ter conhecimento sobre os livros eletrônicos da UFC, 58% indicaram ter tomado ciência desta iniciativa acessando a página *web* da biblioteca da Universidade e, em um segundo nível, através de professores e amigos, porém não há indicação dos livros eletrônicos da UFC nos programas das disciplinas dos cursos de pós-graduação. Da parcela de discentes que conhece os livros eletrônicos, 71% deles sabem como acessar e usar estes livros e tiveram como motivação para utilizá-los o fato de ser gratuito esse acesso pelo portal da UFC. Outro resultado encontrado de suma importância foi que, 97% dos discentes que informaram desconhecer os livros eletrônicos da UFC costumam ler e realizar pesquisas em

ambiente virtual, apesar de preferirem o livro impresso.

Além da pesquisa acerca da experiência da UFC, foi possível identificar outro estudo sobre iniciativas de incorporação de livros eletrônicos aos acervos de bibliotecas universitárias, como o realizado sobre a Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contudo, as estatísticas de uso das coleções da UEL indicam que o acesso aos livros eletrônicos ocorre de forma tímida, apesar dessa Universidade possuir uma comunidade acadêmica significativa. (JESUZ; JOVANOVIČH, 2013).

Outras instituições como a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) vivenciam boas práticas e apontam resultados positivos quanto à agregação dos livros eletrônicos a seus acervos. Porém, é necessário ressaltar que as instituições Unicamp, USP e Unesp firmaram consórcio no intuito de diminuir custos e oferecer um número significativo de livros eletrônicos, nas diversas áreas do conhecimento.

Em pesquisa realizada por Veslaco (2008), que traçou um mapeamento do uso do livro eletrônico na prática científica do pesquisador brasileiro, observou-se que 60,7% dos pesquisadores brasileiros não utilizam o livro eletrônico. As principais razões enumeradas pelos participantes da pesquisa para o reduzido uso desse tipo de livro foram: o cansaço visual e a falta de divulgação dos *sites*, mas o item que mais chamou atenção foi o grande percentual de pesquisadores (41,5%) que desconheciam de bibliotecas que oferecem acesso a livros eletrônicos.

No panorama internacional, a incorporação do livro eletrônico nos acervos das bibliotecas universitárias tem ocorrido desde o início dos anos 2000, o que corrobora para que os estudos nesse âmbito estejam bem desenvolvidos. Em pesquisa realizada no Reino Unido pelo JISC National E-books Observatory, no período de 2008 a 2009, constatou-se que, 65% dos estudantes pesquisados, em um total de 40.000, afirmaram ter utilizado o recurso do livro eletrônico, em alguma ocasião, para fins de estudo e pesquisa. Sendo que, este mesmo grupo aprecia as vantagens dos livros eletrônicos como a disponibilidade a todo tempo e lugar, a capacidade de busca, portabilidade e acesso ao texto completo. Esse grupo revelou ainda, que as principais fontes de acesso aos livros eletrônicos foram as bibliotecas universitárias, e o catálogo foi o modo de acesso mais utilizado por 85% dos estudantes. Já a plataforma dos editores foi utilizada por 55% dos usuários. O conhecimento dos livros eletrônicos advindos através de cursos promovidos pela biblioteca foi indicado por 15% dos estudantes, sendo esse mesmo percentual atribuído aos anúncios nos *websites* das bibliotecas. (STELLE;

WOODWARD, 2009).

Por outro lado, esse mesmo estudo promovido pelo JISC National E-books Observatory revelou que desses 65% dos estudantes pesquisados que utilizam os livros eletrônicos, a maioria faz uso preferencialmente para fins de consulta referencial, e não para uma leitura continuada. Dentre esse mesmo grupo de participantes da pesquisa, 70% dos estudantes informaram utilizar capítulos avulsos, com um tempo de leitura de, aproximadamente, 13 minutos por sessão e 8 páginas visualizadas. Essa leitura era empregada como referência para complementar informações obtidas através de obras impressas, cuja leitura é efetuada em maior profundidade. (STELLE; WOODWARD, 2009).

Outro estudo desenvolvido pela editora Springer (2009), nos Estados Unidos, apontou que, no âmbito universitário, existe uma predisposição positiva por parte dos usuários para a utilização dos livros eletrônicos, pois como já havia uma cultura introduzida de uso dos periódicos eletrônicos na universidade, isso abriu portas para a comunidade acadêmica começar a aceitar o acesso a um outro tipo de dispositivo eletrônico, sendo este o livro eletrônico.

Considerando as experiências de uso de livros eletrônicos pelas universidades brasileiras e estrangeiras, justificou-se a realização deste estudo acerca do uso dos livros eletrônicos pertencentes ao acervo da Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA.

#### 2.4.2.2 O livro eletrônico e a Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA

A Universidade Federal da Bahia foi fundada no ano de 1808, quando o Príncipe Regente Dom João VI instituiu a Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro curso universitário do Brasil. Após este curso, muitos outros foram criados como o de Farmácia (1832), Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891) e Politécnica (1896). Posteriormente, no Século XX, Isaías Alves criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941).

Em 1946, a UFBA teve o seu primeiro reitor, Prof. Edgard Santos, que nasceu em Salvador, diplomou-se em Medicina e fez especialização em cirurgia pela Universidade de São Paulo. Na Bahia, ele ingressou na cátedra de Patologia e Cirurgia e dirigiu a Faculdade de Medicina da UFBA. Durante os 15 anos do seu reitorado, liderou o processo de federalização e implantou a infraestrutura física e de pessoal, escrevendo o primeiro capítulo de uma universidade integrada: artes, letras, humanidades e ciências. Logo assim, de Universidade da Bahia passou a chamar-se Universidade Federal da Bahia, recebendo nomes do cenário

internacional, inaugurando um hospital universitário, o Centro de Estudos Afro-Orientais e os *campi* do Canela, Federação e Ondina. (UNIVERSIDADE..., 2014a).

A UFBA cresceu muito nos últimos anos sob o reitorado de Naomar Monteiro de Almeida Filho e através do Programa de Apoio aos Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI). A Universidade deu início a uma reforma substancial, ampliando a oferta de cursos de graduação e investindo nas suas estruturas físicas, pavilhões de laboratórios, de aula, centro de idiomas, auditórios e outros. E, além das estruturas mencionadas, a UFBA é formada por um conjunto de bibliotecas que funcionam integradas ao sistema universitário de bibliotecas.

O Sistema de Bibliotecas da UFBA foi criado através da Resolução do Conselho Universitário n. 03, de 08.06.2009. O SIBI é um órgão estruturante que tem por missão promover e disseminar o acesso à informação, apoiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFBA. Ele é constituído por um conselho deliberativo, uma superintendência e um conjunto de 22 bibliotecas segmentadas em áreas do conhecimento: área I (ciências físicas, químicas, matemática e tecnologias); área II (ciências biológicas e profissões da saúde); área III (filosofia e ciências humanas); área IV (letras); área V (artes). Além das bibliotecas classificadas nas referidas áreas do conhecimento, o SIBI/UFBA também engloba bibliotecas especiais e universitárias, sendo estas últimas, a Biblioteca Isaías Alves - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Biblioteca Bernadete Sinay Neves - Escola Politécnica; Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa e Biblioteca Universitária de Saúde Prof. Álvaro Rubim de Pinho. (UNIVERSIDADE..., 2009).

Entre as bibliotecas universitárias enumeradas, uma recebe destaque que é a Biblioteca Universitária de Saúde Prof. Álvaro Rubim de Pinho (BUS), por ser a mais nova dentre o grupo de bibliotecas. Inaugurada em 30 de julho de 2010, foi construída no reitorado do Prof. Naomar Monteiro de Almeida Filho e é constituída por meio da unificação de sete acervos setoriais da área de saúde, a saber: da Escola de Enfermagem, Escola de Nutrição, Instituto de Ciências da Saúde (ICS), Instituto de Saúde Coletiva (ISC), Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), Faculdade de Odontologia e Faculdade de Medicina.

A BUS é uma biblioteca com instalações, mobiliário e espaços modernos que foi projetada sob a ótica da centralização de acervos por área do conhecimento. Esta biblioteca apresenta uma estrutura de grande porte pelo volume, representatividade do seu acervo e atendimento a um público especializado na UFBA, a comunidade da área de saúde. A BUS é a segunda biblioteca universitária a oferecer o serviço de referência aos seus usuários e entre

os serviços ofertados por este setor destacam-se: o treinamento de usuários em grupo, orientação individual no portal de periódicos CAPES e outras bases de dados, orientação de alunos ingressantes na utilização da biblioteca, realização de levantamento bibliográfico entre outros.

Desde a sua inauguração, a BUS disponibiliza aos seus usuários os livros eletrônicos da área de saúde. Esses livros passaram a fazer parte do acervo da BUS através de uma iniciativa do SIBI/UFBA de incorporar novas tecnologias a sua estrutura e acervo, cumprindo assim, uma de suas diversas atribuições, que consiste em realizar a aquisição de materiais bibliográficos em todas as modalidades de suportes, por meio de recursos próprios, da Universidade ou captados através de convênios e de outras fontes, definindo políticas de desenvolvimento das coleções que compõem o acervo do SIBI/UFBA.

Inicialmente, o *link* de acesso aos livros eletrônicos da área de saúde foram disponibilizados na *homepage* do SIBI, no sítio <[www.sibi.ufba.br](http://www.sibi.ufba.br)>, no qual, além destes livros, há o acesso para: o Catálogo *on-line* da UFBA, na plataforma Pergamum, o Repositório Institucional (RI), Portal de Periódicos Eletrônicos da UFBA, Portal de Periódicos da CAPES e dispositivos de comunicação como o “Fale conosco” e o *Twitter*. (Figura 1).

Figura 1  
Sistema de Bibliotecas da UFBA



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (2015).

Conforme se pode observar na Figura 1, na *homepage* do SIBI/UFBA há o *link* “Livros digitais assinados pela UFBA”. Através deste *link*, o usuário é remetido para a *homepage* da *Dot.Lib*, distribuidor de conteúdo *online* científico e acadêmico de várias editoras nacionais e internacionais, plataforma a partir da qual se realiza o acesso aos livros eletrônicos da Universidade Federal da Bahia, conforme demonstra a Figura 2.

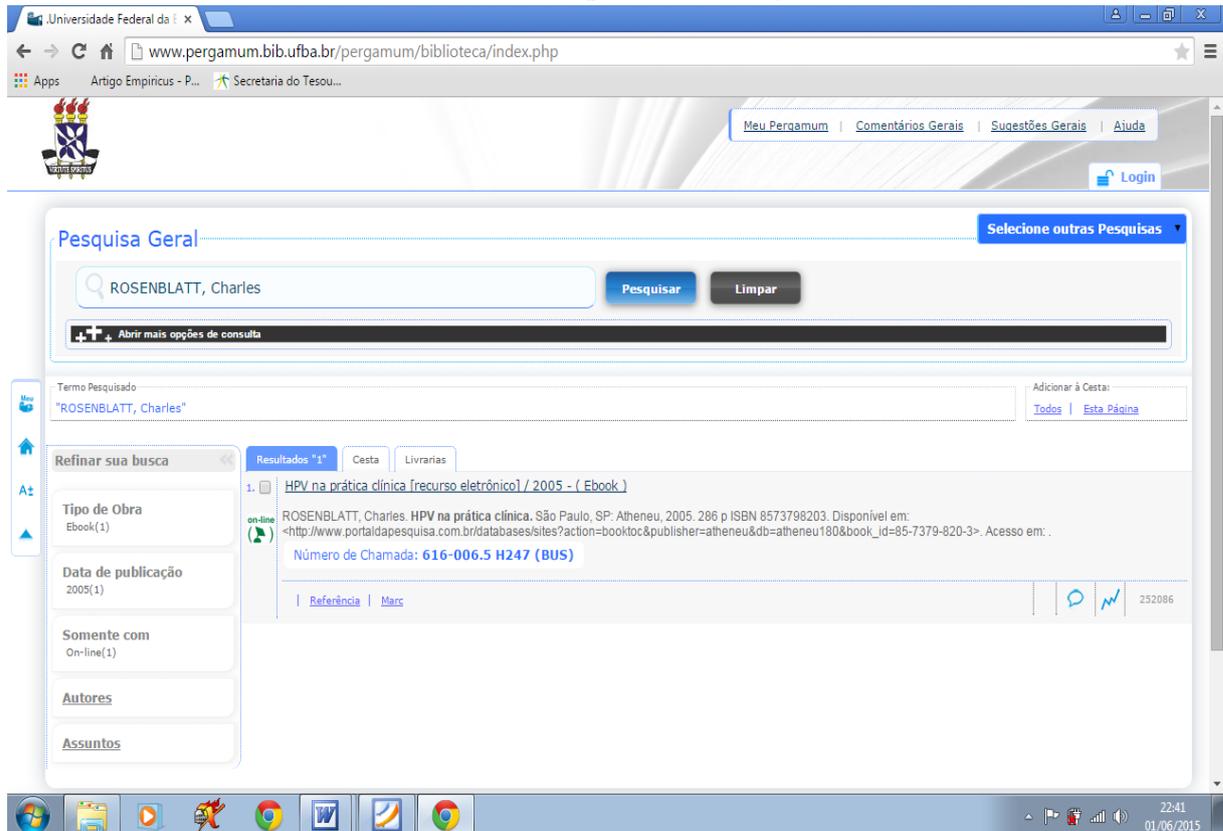
Figura 2  
Plataforma *Dot.Lib*



Fonte: PLATAFORMA *Dot.Lib* UFBA (2015).

Entretanto, além do acesso aos livros eletrônicos se realizar a partir da *homepage* do SIBI/UFBA, também passou a integrar, desde o final do segundo semestre de 2014, a Catálogo *on-line* da UFBA, na plataforma Pergamum, conforme pode ser verificado na Figura 3. A incorporação da representação descritiva e temática dos livros eletrônicos no Catálogo *on-line* da UFBA é muito importante, pois facilitou o acesso aos livros por parte dos usuários, visto que o processo de busca ao acervo bibliográfico institucional é a primeira ação praticada pelo usuário quando necessita realizar uma pesquisa bibliográfica.

Figura 3  
Acesso aos livros eletrônicos a partir do Catálogo *on-line* da UFBA



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (2015).

A primeira iniciativa de compra de livros eletrônicos do SIBI/UFBA ocorreu em 2009, quando foram selecionados 42 títulos distribuídos entre os 14 cursos da área de saúde existentes na UFBA. Porém, essa distribuição não ocorreu de forma homogênea e muitos desses títulos não foram adquiridos visando contemplar as bibliografias básicas e/ou complementares dos cursos, embora alguns desses títulos existirem na modalidade impressa no acervo da BUS.

A coleção apresenta como característica livros eletrônicos em português e em formato PDF. A modalidade de aquisição adotada foi a do acesso perpétuo ao conteúdo dos livros. Neste caso, o acesso às coleções digitais pode ser realizado pelos usuários remotamente, mediante configuração do *Virtual Private Network* (VPN), ou acessando a coleção por meio de computadores conectados à rede UFBA, não havendo limites de impressão ou *downloads*.

Na Figura 3, é possível observar a tela principal de acesso aos livros eletrônicos da UFBA através da plataforma *Dot.Lib*. Nesta tela, o usuário seleciona a editora desejada, no caso a *Atheneu*, e logo após será direcionado para uma tela na qual visualizará a relação dos títulos de livros eletrônicos disponíveis em ordem alfabética, conforme se visualiza na Figura

4. Destaca-se que, apenas os títulos que apresentam um ícone com a aparência de “folha” ao lado do número do ISBN que dispõem do acesso completo ao conteúdo das obras, os demais estão disponíveis pela editora a título de demonstração. Caso o usuário saiba o título do livro, poderá clicar diretamente na letra correspondente à inicial do título ou realizar a busca por área, editora e título.

No entanto, o usuário não tem a possibilidade de busca por assunto, nem por autor, o que indica um limite de identificação desse tipo de material e, assim, não há uma indicação prévia sobre a existência e a pertinência dos títulos de livros eletrônicos quanto aos objetivos de pesquisa do usuário.

Figura 4  
Plataforma *Dot.Lib* de acesso aos livros eletrônicos da UFBA

The screenshot shows the Dot.Lib platform interface. At the top, there is a navigation bar with links for 'PÁGINA PRINCIPAL', 'SUPPORTO', and 'CONTATO'. Below this is the 'PORTAL DA pesquisa' logo and a search bar. The search bar has a dropdown menu for 'ÁREA' (set to 'Todas as áreas') and a dropdown for 'EDITORA' (set to 'Atheneu'). A 'pesquisar' button is next to the search input field. Below the search bar, there is a section for 'LIVROS' with a 'Livro Disponível na Íntegra' icon. A list of books is displayed, each with a small icon (either a book or a leaf) and a list of titles and ISBNs. The list includes titles like '1800 Testes em Ginecologia e Obstetria', 'A Enfermagem na Cardiologia Invasiva', and 'A Gravida: Suas Indagações e as Dúvidas do Obstetra'. The bottom of the screenshot shows a Windows taskbar with various application icons and a system tray with the date '20/05/2015' and time '11:19'.

Fonte: PLATAFORMA *Dot.Lib* UFBA (2015).

Uma vez que, o usuário selecione um título entre os disponíveis, obterá informações sobre a autoria, ano, número de páginas, ISBN e visualizará a capa do livro e a divisão dos

capítulos. Informações adicionais, normalmente dispostas na folha de rosto e demais páginas pré-textuais só são visíveis ao usuário quando este clica no subitem “sumário da obra.” O acesso ao conteúdo do livro é feito capítulo a capítulo, o que gera uma fragmentação do texto, podendo levar o usuário a fazer o *download* apenas dos capítulos que forem de seu interesse ou que foram indicados pelo docente. (Figura 5).

Figura 5  
Visualização do conteúdo dos livros eletrônicos na plataforma *Dot.Lib*

The screenshot shows a web browser window displaying the table of contents for the book 'Abdome Agudo - Clínica e Imagem'. The browser address bar shows the URL: [portaldapesquisa.com.br/databases/sites?action=booktoc&publisher=atheneu&db=atheneu180&book\\_id=85-7379-687-1](http://portaldapesquisa.com.br/databases/sites?action=booktoc&publisher=atheneu&db=atheneu180&book_id=85-7379-687-1). The book cover is visible on the left, and the table of contents is listed below.

**Abdome Agudo - Clínica e Imagem**  
ANTONIO CARLOS LOPES; SAMUEL REIBSCHEID; JACOB SZEINFELD

Editora: ATHENEU  
ISBN: 85-7379-687-1  
Data: Abril de 2006  
Páginas: 230

**TABELA DE CONTEÚDO**

Sumário e Titulações

**PARTE I – FUNDAMENTOS BÁSICOS**

1. ANATOMIA DO ABDOME POR IMAGEM	3
2. SEMIOLOGIA CLÍNICA DO ABDOME	27
3. PROPEDEÚTICA DA IMAGEM	41

**PARTE II – ABDOME AGUDO**

4. ABDOME AGUDO – CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO	49
5. ABDOME AGUDO INFLAMATÓRIO	51
6. ABDOME AGUDO PERFURATIVO	79
7. ABDOME AGUDO VASCULAR	95
8. ABDOME AGUDO OBSTRUTIVO	111
9. ABDOME AGUDO HEMORRÁGICO	129
10. ABDOME AGUDO EM OBSTETRÍCIA	151
11. ABDOME AGUDO EM GINECOLOGIA	173

**PARTE III – CASOS DE ABDOME AGUDO**

CASO 1	193
CASO 2	197
CASO 3	199
CASO 4	205
CASO 5	209
CASO 6	213
CASO 7	217
ÍNDICE REMISSIVO	223

Fonte: PLATAFORMA *Dot.Lib* UFBA (2015).

A disponibilização de livros eletrônicos à comunidade da UFBA passou a ocorrer a partir de 2010, com o objetivo de despertar a atenção dos discentes e docentes para esse formato de livro, que vem sendo incorporado aos acervos de suas bibliotecas.

Contudo, a adoção do livro eletrônico como novo dispositivo da informação demanda uma nova dinâmica dos serviços bibliotecários que façam com que este dispositivo seja acessado e utilizado pela comunidade acadêmica da UFBA. A formação e desenvolvimento dos acervos das bibliotecas universitárias ocorrem visando, prioritariamente, atender às necessidades dos cursos de graduação, o que indica que o processo de seleção das fontes informacionais deva ser realizado buscando-se atender a este objetivo. Desta forma, a

aquisição de livros eletrônicos deverá ocorrer com este propósito, e não somente para acompanhar a evolução dos dispositivos da informação.

Nesta perspectiva, justificou-se que neste estudo também se verificasse a existência do uso efetivo do acervo de livros eletrônicos da UFBA pelos docentes e discentes da área de saúde, que foi a primeira área a ser contemplada com a incorporação desse tipo de dispositivo de informação.

### 3 METODOLOGIA

Pesquisar para conhecer e conhecer pelo caminho da pesquisa, esse é o trabalho do homem de ciência que busca, através de perguntas, sanar o desejo de desvendar o mundo, os fenômenos e o cotidiano. Demo (1996) argumenta que a pesquisa é como a atividade cotidiana, como uma atitude, um questionamento sistemático, crítico e criativo, a intervenção competente na realidade ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático.

A pesquisa é a atividade básica das ciências para indagação e entendimento da realidade. Ela surge de uma inquietação, de um problema que pode ou não fazer parte do cotidiano do pesquisador, mas que irá incomodá-lo a tal ponto de levá-lo a refletir sobre o seu objeto de pesquisa, seus objetivos geral e específicos, bem como as trajetórias teórica e empírica necessárias à lógica de construção da ciência.

O caminho da pesquisa deve ser trilhado com segurança e para tal, deve-se adotar métodos seguros, refletidos a partir do problema, da hipótese e dos objetivos traçados em uma pesquisa científica. Segundo Marconi e Lakatos, (2007, p. 83) “[...] o método é um conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimento válido e verdadeiro - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.”

Nesse sentido, buscou-se a definição do **problema** estudado nesta pesquisa, que consistiu no questionamento de se a disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material. A partir da análise da problemática do livro eletrônico no contexto das bibliotecas universitárias formulou-se a **hipótese** de que não há um uso efetivo da coleção de livros eletrônicos da UFBA em decorrência do desconhecimento dos discentes e docentes da área de saúde quanto aos títulos adquiridos, o que pode denotar alguma deficiência nas ações de mediação da informação e divulgação dessas obras, assim como no serviço de treinamento de usuários.

Desta forma, o **objetivo geral** da pesquisa consistiu em verificar se a disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material. Para o alcance do objetivo geral foram definidos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) **avaliar** o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde;

- b) **verificar** a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde;
- c) **identificar** as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes;
- d) **verificar** a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos.

Para alcançar esses objetivos se desenvolveu o delineamento da pesquisa com as definições do método e das técnicas adotadas, do universo e dos critérios de seleção da amostra, bem como dos instrumentos de coleta de dados, os procedimentos de coleta e tratamento dos dados obtidos para o desenvolvimento deste estudo.

### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada através da adoção da abordagem **qualitativa e quantitativa**, de natureza aplicada, tendo por nível de investigação **descritivo** para verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material. Quanto aos métodos, adotou-se o método do levantamento associado aos métodos documental e de estudo de caso. A adoção deste último método se justificou por se tratar do estudo do objeto da pesquisa no contexto da comunidade acadêmica da área de saúde, usuária dos produtos e serviços de informação da Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA.

### 3.2 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

Esta pesquisa teve por universo de investigação os discentes de graduação da área de saúde da UFBA, os docentes relacionados aos cursos dessa área, os bibliotecários atuantes na Biblioteca Universitária de Saúde, a superintendente do SIBI/UFBA responsável pela gestão das atividades do sistema no período da compra e disponibilização dos livros eletrônicos à comunidade UFBA, assim como o servidor técnico-administrativo responsável pelos processos de compras de livros no SIBI/UFBA. Todavia, em razão do número significativo de discentes e docentes do universo pesquisado, tornou-se imperioso delimitar uma amostragem representativa e que, ao mesmo tempo, atendesse ao rigor que demanda uma pesquisa científica. Sendo assim, adotou-se uma amostragem intencional, visto que há um conhecimento dos subgrupos selecionados e que compõe o universo da pesquisa.

### 3.2.1 Critérios da seleção da amostra

O passo inicial para delimitar a **amostra**, uma vez que o objetivo geral da pesquisa foi o de verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material, foi realizar um levantamento dos títulos de livros eletrônicos adquiridos pelo SIBI/UFBA e, a partir destes dados, relacionou-se cada um deles aos cursos da área de saúde (Apêndice A). Dos 14 (quatorze) cursos da área de saúde oferecidos pela UFBA, identificou-se através da análise de títulos que apenas 4 (quatro) desses cursos foram contemplados no processo de aquisição de livros eletrônicos no período de 2009-2010, a saber: Medicina, Nutrição, Enfermagem e Farmácia.

Uma vez identificados os cursos de graduação contemplados com a aquisição de títulos de livros eletrônicos, partiu-se para a análise da estrutura curricular dos mesmos, para a partir do critério de intencionalidade se selecionar a amostra da pesquisa. Nesse momento, foram levantados os programas das disciplinas dos cursos de Medicina, Nutrição, Enfermagem e Farmácia da UFBA a fim de se verificar nesses programas e, consecutivamente, nas bibliografias básicas e complementares de cada um deles, a adoção desses títulos, ainda que inicialmente no formato impresso. Dessa análise foram identificadas 5 (cinco) disciplinas nas quais houve a incorporação de títulos de livros em formato impresso equivalentes aos mesmos títulos eletrônicos, sendo 3 (três) disciplinas do curso de Medicina e 2 (duas) do curso de Nutrição. As disciplinas pertencentes ao curso de Medicina 2 (duas) são de natureza obrigatória e 1 (uma) optativa; no curso de Nutrição, as 2 (duas) disciplinas identificadas são de natureza obrigatória e todas ofertadas no semestre letivo de 2014.2 e 2015.1. Apesar de terem sido identificados entre os títulos adquiridos pelo SIBI, 1 (um) título de livro eletrônico voltado ao Curso de Enfermagem e outro ao Curso de Farmácia, não foram localizados nos programas das disciplinas desses Cursos.

Desse modo, a amostra começou a ser delineada a partir das disciplinas: MEDB28 – Ética e conhecimento humanístico V (83 discentes), MED231 – Internato I em pediatria (26 discentes) e MED225 – Neonatologia (10 discentes) do Curso de Medicina, além das disciplinas: NUT136 - Nutrição materno infantil (56 discentes) e NUT157 – Nutrição normal IV (47 discentes) do Curso de Nutrição, envolvendo seus docentes e discentes. A subamostra dos discentes foi composta daqueles matriculados nos semestres letivos de 2014.2 e 2015.1, perfazendo um total de **222 discentes**. No entanto, esclarece-se que, o semestre letivo 2015.1 foi envolvido apenas por conta da disciplina MEDB28 – Ética e conhecimento humanístico V,

em função da demanda específica da docente responsável por esta disciplina de que se submetesse o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da área de saúde da Universidade Federal da Bahia, frente a isso a coleta de dados foi suspensa. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e, somente após a sua avaliação e aprovação, conforme Parecer 964.172, foi possível examinar esta docente e seus alunos. Registra-se aqui que, o próprio Comitê de Ética, como pode se ver no Anexo A, avaliou que esta pesquisa em nada fere aos parâmetros éticos que regem as pesquisas biomédicas ou bio-clínicas, portanto, não haveriam implicações quanto a sua execução.

A subamostra de docentes partiu do mesmo princípio adotado para a determinação da subamostra de discentes, ou seja, os docentes responsáveis pelas disciplinas selecionadas. Contudo, há que se considerar que em algumas disciplinas do Curso de Medicina há um coordenador responsável, acompanhado de outros docentes que se subdividem entre a parte teórica do conteúdo e sua aplicação nas práticas clínicas. No caso específico das disciplinas MEDB28 – Ética e conhecimento humanístico V e MED231 – Internato I em pediatria foram selecionados os coordenadores da disciplina. Já na disciplina MED225 – Neonatologia havia, apenas, um docente para a parte teórica do conteúdo e outro para a parte prática, assim foram ambos selecionados.

No Curso de Nutrição também foram encontradas similaridades quanto ao curso de Medicina no que se refere à existência de um docente para o conteúdo teórico e outro para a prática clínica, neste caso, na disciplina NUT136 - Nutrição materno infantil foram selecionados ambos os docentes. Na disciplina NUT157 – Nutrição normal IV havia apenas uma docente que se dividia entre as ministrações teóricas e práticas. Desta forma, a subamostra dos docentes dessa pesquisa foi composta por 4 (quatro) professores do curso de Medicina, sendo 2 (dois) deles coordenadores e 3 (três) professores do Curso de Nutrição, constituindo-se, assim, a subamostra de docentes num total de 7 (sete) participantes.

Traçada a subamostra dos docentes e discentes chegou-se a conclusão de que seria importante, também, ouvir os servidores técnicos administrativos envolvidos no processo de seleção, aquisição, divulgação e acesso aos livros eletrônicos da área de saúde da UFBA. Desta subamostra participaram: a superintendente do SIBI na ocasião em que o projeto teve início, a servidora técnico-administrativa encarregada do processo de aquisição e as duas bibliotecárias que atuam na Biblioteca Universitária de Saúde, no setor de referência, que poderiam estar envolvidas com ações e atividades de estímulo ao uso e divulgação dos livros eletrônicos.

Determinada a amostra e suas subamostras passou-se a definição das técnicas e

instrumentos de coleta de dados.

### 3.2.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

A técnica da **entrevista** foi adotada para identificar as facilidades e dificuldades de utilização dos livros eletrônicos pelos discentes e docentes, avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde, assim como das percepções dos docentes, bibliotecários e servidor técnico administrativo envolvido com a aquisição, no que tange ao uso deste dispositivo de informação. Para a realização desta atividade foram desenvolvidos 4 (quatro) **roteiros de entrevista** a fim de, atender as especificidades de cada grupo de participantes da amostra desta pesquisa.

O primeiro instrumento de coleta de dados construído foi o roteiro de entrevista (Apêndice B) e este foi direcionado à superintendente do SIBI/UFBA do período de 2009-2010, elaborado com o objetivo de identificar os fatores que motivaram a compra de livros eletrônicos na UFBA e os critérios adotados para a seleção e identificação dos agentes envolvidos neste processo. A partir deste primeiro roteiro de entrevista foi gerado o segundo (Apêndice C), o qual foi aplicado junto à servidora técnico-administrativa responsável pelo processo de aquisição de livros no SIBI/UFBA. Este segundo roteiro de entrevista justificou-se pela necessidade de cruzamento de informações prestadas pela gestora e a responsável direta pelo processo de aquisição, a título de confirmações e esclarecimentos.

O terceiro roteiro de entrevista (Apêndice D) auxiliou na identificação da percepção das bibliotecárias que atuam na Biblioteca Universitária de Saúde a respeito do livro eletrônico e das ações mediadoras por elas praticadas a fim de tornar o livro eletrônico conhecido e utilizado pela comunidade acadêmica da UFBA.

O quarto roteiro de entrevista foi direcionado aos docentes integrantes da amostra, com o objetivo de avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde e identificar as facilidades e dificuldades na utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes. Além disso, neste roteiro, foram inclusas 4 (quatro) outras questões para, de alguma forma, observar as percepções dos docentes quanto ao grau de aceitação do livro eletrônico, assim como, um possível desenvolvimento de um comportamento de uso desse tipo de dispositivo (Apêndice E). Esclarece-se que, todas as entrevistas foram acompanhadas de Termo de Autorização e todos os participantes autorizaram a utilização das informações fornecidas para a elaboração

desta dissertação. (Apêndice F).

O segundo instrumento de coleta de dados elaborado foi o **questionário** (Apêndice G), acompanhado do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE) (Apêndice H), o qual foi aplicado junto aos discentes matriculados nas 5 (cinco) disciplinas selecionadas neste estudo. Este questionário foi composto por 28 (vinte e oito) questões divididas em 3 (três) blocos, assim distribuídos:

- a) bloco 1 – Dados pessoais;
- b) bloco 2 – Hábitos informacionais;
- c) bloco 3 – Livros eletrônicos da UFBA.

As perguntas que compuseram este questionário buscaram a coleta de informações que permitissem a identificação do nível de utilização da Biblioteca e seus recursos, dos hábitos de leitura de textos digitais e, mais especificamente, de livros eletrônicos. Também se buscou verificar quais as percepções dos discentes sobre este dispositivo de informação e, em uma última análise, o conhecimento e uso que fazem dos livros eletrônicos da área de saúde da UFBA.

Ressalta-se que, foram realizados pré-testes para avaliação dos instrumentos de coleta de dados e identificação de possíveis questões que demandassem ajustes, que foram realizados para validação. Os pré-testes aplicados aos discentes do Curso de Nutrição e docentes tanto dos Cursos de Medicina quanto de Nutrição reproduziram as características da amostra sem, no entanto, dela fazerem parte. Os participantes dos pré-testes foram selecionados considerando a conveniência e acessibilidade a esse público, sendo estes pertencentes às disciplinas dos Cursos de Medicina e Nutrição que poderiam adotar em seus programas alguns dos livros eletrônicos adquiridos pela UFBA.

Vale salientar que, para a subamostra dos servidores técnico-administrativos (superintendente, servidora técnico-administrativa responsável pelo processo de aquisição de livros no SIBI/UFBA e bibliotecárias), não foi possível à realização de pré-teste do instrumento de coleta de dados, o roteiro de entrevista, visto não existirem bibliotecários, superintendente e servidor técnico-administrativo com atividade similar e concernente com a área de saúde da UFBA.

Testados e ajustados os instrumentos de coleta de dados, deu-se início aos procedimentos de coleta de dados, a partir dos quais as informações foram obtidas junto à amostra selecionada.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O primeiro passo realizado para o procedimento de coleta de dados foi o estabelecimento de contato com os responsáveis pelos departamentos dos Cursos de Medicina e Nutrição. Tal contato se deu, num primeiro momento, através de telefonas e posteriormente de forma presencial, quando foram apresentados os objetivos da pesquisa e solicitado os nomes e contatos dos docentes que ministram as disciplinas selecionadas.

Após a obtenção dos nomes, *e-mails* e números de telefones dos docentes foram realizados os contatos com estes para apresentação da pesquisa e agendamento de local e horário para realização das entrevistas. (Apêndice I). Esta etapa foi cumprida no período de 12 de novembro de 2014 a 17 de dezembro de 2014, e todos os participantes colaboraram com a realização das entrevistas, assinando o termo de autorização para o uso das informações prestadas, quando reiterou-se o compromisso ético quanto ao sigilo da identificação pessoal.

Com a informação dos nomes dos docentes foi realizado um segundo contato, por meio de cartas de apresentação (Apêndice J e K) aos Colegiados dos Cursos de Medicina e Nutrição, visando à obtenção das listas dos discentes matriculados nas respectivas disciplinas selecionadas. Essas informações foram importantes no sentido de determinar o tamanho da amostra e garantir a não duplicação de questionários aplicados a alunos matriculados em duas ou mais disciplinas selecionadas.

A partir das entrevistas realizadas, foi solicitada uma segunda colaboração dos docentes no sentido destes cederem um encontro com cada turma para aplicação dos questionários junto aos discentes em sala de aula. Este passo foi o mais difícil e exaustivo para a pesquisadora, visto que alguns docentes só permitiram o acesso aos discentes nas aulas práticas de seus respectivos cursos, ou seja, nos ambulatórios de Nutrição e Medicina, nos quais os discentes estavam em atendimento clínico.

Esclarece-se que, na coleta de dados junto aos discentes foi necessária a realização de uma busca exaustiva por estes, principalmente daqueles do Curso de Medicina. Foi dada a pesquisadora, em algumas disciplinas, a possibilidade de adentrar a sala de aula no início ou ao final das aulas para aplicar os questionários. Entretanto, em ambos os casos, a pesquisadora permaneceu do lado externo da sala de aula e abordou cada discente que adentrava posteriormente a sala ou que estavam antecipando a saída.

A etapa de aplicação dos questionários aos discentes foi cumprida com afinco no período de 12 de novembro de 2014 a 12 de março de 2015. Todavia, do conjunto de 222 (duzentos e vinte e dois) discentes obteve-se sucesso na aplicação do questionário junto a um

total de 174 (cento e setenta e quatro), visto que 41 (quarenta e um) deles não foram localizados, 05 (cinco) haviam abandonado a disciplina e 02 (dois) deles responderam de modo incoerente e insuficiente às questões apresentadas.

Concomitantemente às entrevistas realizadas junto aos docentes e à aplicação de questionários junto aos discentes, foram feitos os contatos com as bibliotecárias atuantes na Seção de Referência da Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA, assim como com a superintendente do SIBI/UFBA e servidora técnico-administrativa responsável pelo setor de aquisição da instituição, ambas responsáveis por estes setores no período de 2009-2010. Todos os participantes elencados foram solícitos e atenderam ao pedido da pesquisadora quanto à concessão de entrevista para esta pesquisa e assinatura dos termos de autorização para o uso das informações prestadas. (Apêndice L, M e N). Coletada as informações, passou-se a etapa dos procedimentos para a análise dos dados.

### 3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de análise de dados teve uma abordagem tanto **quantitativa** quanto **qualitativa**. Para a ocorrência das duas abordagens partiu-se para a transcrição das entrevistas por cada subamostra e a leitura detalhada de cada questionário. Quanto aos questionários estes foram organizados, numerados e estabeleceram-se as categorias de análise para a criação e alimentação da base de dados da pesquisa no *Microsoft Office Excel*. Nessa etapa do processo foram identificadas as frequências e percentuais das informações levantadas junto à amostra selecionada, salientando que no questionário aplicado junto aos discentes não havia a abordagem qualitativa, pois não possuía questões abertas.

Passando-se a análise das informações obtidas por meio das entrevistas, ocorreu a leitura de todas as transcrições, primeiro do grupo de docentes quando buscou-se identificar informações passíveis de quantificação que foram categorizadas e inseridas em parte da base de dados destinada aos docentes. Nas demais questões abertas o conteúdo foi analisado qualitativamente para extração de menções ou exemplos feitos pelos docentes que melhor representassem ou caracterizassem as percepções deles com relação às questões de comportamento, facilidades e dificuldades quanto ao uso do livro eletrônico. Do mesmo modo, se procedeu com as transcrições das entrevistas realizadas junto às servidoras técnico-administrativas (superintendente, servidora técnico-administrativa responsável pelo processo de aquisição de livros no SIBI/UFBA e bibliotecárias).

Feito isto, os dados foram tratados quantitativamente gerando tabelas, quadros e

gráficos para a apresentação dos dados e, também, selecionados os depoimentos ilustrativos das percepções dos participantes da amostra obtidos pela pesquisadora, de modo qualitativo, que são apresentados na próxima seção.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos na etapa de coleta de dados junto à amostra selecionada: os docentes e discentes, as bibliotecárias, a superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA e a servidora técnico-administrativa responsável pelo processo de aquisição.

Para responder aos objetivos propostos nesta pesquisa os resultados serão apresentados em quatro etapas correspondentes aos objetivos específicos e contemplará na primeira subseção avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde. Na segunda subseção apresenta-se a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde, tanto por parte do discente quanto do docente; na terceira subseção são identificadas as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos docentes e discentes, e na quarta subseção apresenta-se os resultados quanto à existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos.

Como a amostra da pesquisa foi composta por cinco subgrupos, sendo estes os docentes, discentes, bibliotecários, superintendente do sistema de bibliotecas da UFBA e servidor responsável pelo processo de compras do SIBI/UFBA, percebeu-se a importância de caracterizar o grupo de discentes e docentes e seus hábitos informacionais, visto que são estes os usuários diretos dos livros eletrônicos e os que participam diretamente do processo de incorporação desses livros às bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA QUANTO AOS HÁBITOS INFORMACIONAIS

Antes de apresentar os resultados que foram obtidos para atender aos objetivos traçados na pesquisa sentiu-se necessidade de apresentar as informações obtidas quanto à caracterização dos hábitos informacionais, tanto dos discentes quanto dos docentes, para que de alguma maneira, perceber se esses hábitos teriam alguma influência acerca do grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde, sobre a frequência de uso do livro eletrônico nessas disciplinas, assim como, na identificação das facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes.

O subgrupo de discentes foi formado por estudantes dos Cursos de Medicina e

Nutrição, conforme já descrito no capítulo da metodologia, no qual, dos 222 estudantes matriculados nas disciplinas selecionadas e analisadas nesta pesquisa, apenas 174 discentes foram atingidos em função das dificuldades de acesso, sendo 81 do Curso de Medicina e 93 do Curso de Nutrição.

Ao tratar sobre a incorporação dos livros eletrônicos nas disciplinas básicas e complementares da área de saúde buscou-se, inicialmente, caracterizar a amostra quanto ao aspecto da idade, visto que uma das dificuldades de incorporação de recursos eletrônicos mais recentes parte de sujeitos que se encontram na fase adulta, enquanto que aos jovens o uso de tecnologias é mais facilmente aceito, pelo fato deste público já ter um convívio com elas. Nesse sentido, analisando a Tabela 1, pode-se constatar que entre os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição, há uma concentração maior destes na faixa etária entre os 21-25 anos (70,1%), a segunda faixa etária em indicações foi a de 26-30 anos (17,2%). Ressalta-se que há 4 (2,3%) discentes nas faixas etária entre 31 a 35 anos e 1 (0,57%) discente na faixa etária acima dos 36 anos.

Em relação ao sexo dos discentes, verificou-se também que há uma distribuição equilibrada entre o sexo feminino e o masculino entre os estudantes do Curso de Medicina, sendo constituído de 41 (50,62%) do sexo masculino e 40 (49,38%) do sexo feminino. No Curso de Nutrição há uma prevalência do sexo feminino, com 85 discentes (91,4%), e 8 (8,6%) do sexo masculino, porém este Curso, historicamente, possui um índice significativo quanto à presença do sexo feminino.

Tabela 1  
Distribuição percentual dos discentes por sexo e faixa etária

Faixa etária	Medicina				Nutrição				Total geral					
	Sexo				Sexo				Sexo				Faixa etária	
	FEM		MAS		FEM		MAS		FEM		MAS			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 20	5	12,5	8	19,51	4	4,7	0	0	9	7,2	8	16,3	17	9,8
21 a 25	27	67,5	24	58,54	66	77,64	5	62,5	93	74,4	29	59,2	122	70,1
26 a 30	8	20,0	8	19,51	11	12,94	3	37,5	19	15,2	11	22,5	30	17,2
31 a 35	0	0	1	2,44	3	3,52	0	0	3	2,4	1	2	4	2,3
acima de 36	0	0	0	0	1	1,2	0	0	1	0,8	0	0	1	0,6
<b>Totais parciais</b>	(40)	100,00	(41)	100,00	(85)	100,00	(8)	100,00	(125)	100,00	(49)	100,00	(174)	100,00
<b>Totais em %</b>	<b>49,38</b>		<b>50,62</b>		<b>91,4</b>		<b>8,6</b>		<b>71,84</b>		<b>28,16</b>		-	-
<b>Totais de casos</b>	<b>(81)</b>				<b>(93)</b>				<b>(174)</b>					

Fonte: Dados da pesquisa.

Para que haja a incorporação do livro eletrônico em uma determinada comunidade de usuários se faz necessária a existência de hábitos e práticas informacionais voltadas para a leitura, assim como o domínio de tecnologias e ferramentas de informática por parte do sujeito. Assim, buscou-se verificar a frequência de leitura de textos integrais por parte dos discentes, de forma geral, pois uma vez que esse estudante possua hábitos de leitura no suporte papel, é possível que este também a realize no texto em formato digital.

Os resultados obtidos quanto aos hábitos de leitura indicam, conforme pode-se verificar na Tabela 2, que, no geral, 76 (43,68%) dos discentes realizam a leitura integral de 5 a 10 textos acadêmico-científicos por mês e 49 (28,16%) deles leem integralmente uma faixa inferior a menos de 5 textos ao mês. Não foram identificadas diferenças significativas quanto à frequência de leitura integral dos textos entre os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição. Por outro lado, quando se analisa a quantidade de textos lidos integralmente por mês nos dois cursos, encontra-se um resultado que ratifica o depoimento do Docente de Nutrição 1, de que os discentes possuem dispositivos para leitura, porém dedicam “tempo curto para consulta de qualquer natureza.”

Tabela 2  
Frequência de leitura integral de texto acadêmico-científico pelos discentes

Frequência por mês	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 5 textos	21	25,9	28	30,1	49	28,2
Entre 5 a 10 textos	31	38,3	45	48,4	76	43,7
Entre 10 a 20 textos	19	23,5	15	16,1	34	19,5
Acima de 20 textos	10	12,3	4	4,3	14	8,0
Não sei informar	0	0	1	1,1	1	0,6
<b>Total</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

O nível de habilidade com o computador e a frequência de utilização do mesmo é uma informação importante a respeito dos discentes que participaram desta pesquisa, uma vez que a busca por informações em formato digital envolve um mínimo de habilidades com as tecnologias da informação e comunicação. Nesse sentido, cerca de 44 (54,3%) dos discentes de Medicina revelaram possuir nível intermediário de habilidades com o computador e 26 (32,1%) nível avançado, enquanto que no Curso de Nutrição 62 (67%) dos discentes informaram possuir nível intermediário e 18 (19%) nível avançado, conforme Tabela 3.

Quanto à frequência de utilização de computadores nas suas rotinas, 166 (95,4%) dos

discentes afirmaram fazer uso diário desse dispositivo e apenas 7 (4%) fazem uso dele apenas algumas vezes na semana. Esta informação é bastante significativa, pois indica o quanto a comunidade acadêmica da UFBA interage com as TIC e como esse dispositivo pode ser utilizados nas diversas atividades de ensino-aprendizagem.

Tabela 3  
Nível de habilidade no uso do computador e frequência de utilização pelos discentes

Nível de habilidades com o computador	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Básico	10	12,4	13	14,0	23	13,2
Intermediário	44	54,3	62	67,0	106	60,9
Avançado	26	32,1	18	19,0	44	25,3
Não sabe informar	0	0	0	0	0	0
Não respondeu	1	1,2	0	0	1	0,6
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>
Frequência de utilização do computador	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Raramente	0	0	0	0	0	0
Algumas vezes na semana	6	7,4	1	1,1	7	4,0
Todos os dias	74	91,4	92	98,9	166	95,4
Não uso computador	0	0	0	0	0	0
Não respondeu	1	1,2	0	0	1	0,6
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

A biblioteca é um ambiente de informação imprescindível para as atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação da Universidade, e como tal deve estar acessível através de seus acervos, espaço físico e pessoal capacitado para o atendimento de seus usuários. Devido à importância que a biblioteca possui na universidade buscou-se verificar junto aos discentes de Medicina e Nutrição se esses fazem uso da biblioteca e para qual finalidade. Os resultados obtidos revelaram, conforme os dados da Tabela 4, que 159 (91,4%) dos discentes fazem uso das bibliotecas da UFBA, destacando um nível de utilização da biblioteca por quase a totalidade dos discentes de Nutrição, já que 92 (98,9%) deles informaram esse uso.

Como se pode constatar na Tabela 4, 110 (69,2%) dos discentes fazem uso da biblioteca com a finalidade de identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura, mas ao analisar os dois Cursos de Medicina e Nutrição há uma diferença entre estes, pois os discentes do Curso de Nutrição superam de forma significativa os discentes do Curso de Medicina

quanto ao uso da biblioteca para fins de identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura.

Tabela 4  
Utilização das bibliotecas da UFBA e sua finalidade

Utilização das bibliotecas da UFBA e finalidade	Cursos				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Utiliza	67	82,7	92	98,9	159	91,4
Não utiliza	13	16,1	1	1,1	14	8,0
Não respondeu	1	1,2	0	0	1	0,6
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>
<b>Finalidade</b>						
Para identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura	36	53,7	74	80,4	110	69,2
Apenas para utilizar o espaço físico da biblioteca para estudo com material próprio	26	38,8	32	34,8	58	36,5
Uso do espaço físico da biblioteca para realização de encontros de trabalho em equipe	21	31,3	72	78,3	93	58,5
Outros: Portal de Periódicos CAPES e alternativa para a Internet	2	3,0	2	2,2	4	2,5
<b>Número de participantes</b>	<b>(67)</b>		<b>(92)</b>		<b>(159)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

A segunda finalidade que mais demandou atenção no que se refere ao uso da biblioteca por parte dos discentes está relacionada à utilização desse espaço físico para realização de encontros de trabalho em equipe. Esse tipo de uso atrai 93 (58,5%) do público estudantil dos Cursos de Medicina e Nutrição, contudo, percebe-se que inversamente a finalidade anterior, este quesito tem maior atribuição ao Curso de Nutrição (72 – 78,3%). Já a terceira finalidade de uso da biblioteca apontada pelos discentes foi a utilização do espaço físico para estudo com material próprio (58 – 36,5%) e, apenas 4 (2,5%) deles apresentaram interesses diversos como o acesso ao Portal de Periódicos da CAPES e como alternativa de obtenção das bibliografias indicadas em sala de aula e não localizadas na internet.

Os dados apresentados na Tabela 5 indicam a ocorrência de uso dos dispositivos de informática disponíveis nas bibliotecas da UFBA por parte dos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição e a frequência que isso ocorre, assim como, nos casos em que foi informado que não ocorre o uso dos dispositivos, solicitou-se ao discente que indicasse o motivo.

Assim, ao examinar a Tabela 5, verificou-se que dos 174 estudantes da amostra desta

pesquisa apenas 87 discentes dos Cursos de Medicina (21) e Nutrição (66) responderam a esta questão. Ao perguntar a estes discentes se fazem uso dos dispositivos de informática disponíveis nas bibliotecas da UFBA, 5 (5,7%) apenas, informaram fazer uso sempre destes dispositivos, sendo que estes foram do Curso de Nutrição, enquanto que no Curso de Medicina não houve nenhuma frequência apontada. Quanto ao uso, algumas vezes foi verificado em 36 (41,4%) das respostas apresentadas, sendo essa incidência significativa para o Curso de Nutrição. O uso esporádico dos dispositivos de informática teve os maiores valores percentuais apontados pelos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição, (17 – 19,5%) e (29 – 33,3%), respectivamente.

Tabela 5  
Uso dos dispositivos de informática das bibliotecas da UFBA

Frequência de utilização	Medicina		Nutrição		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sempre	0	0	5	5,7	5	5,7
Algumas vezes	4	4,6	32	36,8	36	41,4
Esporadicamente	17	19,5	29	33,3	46	52,9
<b>Total de participantes</b>	<b>(87)</b>					
<b>Motivos para não utilização</b>						
Usa equipamento próprio	12	13,8	11	42,3	23	26,4
Poucas máquinas disponíveis na biblioteca	3	3,4	2	7,7	5	5,7
Obtêm o material por outras vias (internet, colegas, etc.)	3	3,4	0	0	3	3,4
Preferência por livros impressos	1	1,1	0	0	1	1,1
Não necessita	6	6,9	0	0	6	6,9
Internet lenta na UFBA	1	1,1	0	0	1	1,1
Não informou o motivo	34	39,1	14	50	48	55,2
<b>Total de participantes</b>	<b>(87)</b>					

Fonte: Dados da pesquisa.

Vale ressaltar que, os discentes que mais utilizam a biblioteca e, conseqüentemente, os dispositivos de informática disponíveis no seu ambiente são os que cursam Nutrição, já que 32 (36, 8%) deles usam algumas vezes e 5 (5,7%) sempre fazem uso desses recursos da biblioteca, enquanto entre os discentes de Medicina, nenhum fez uso constante dos dispositivos de informática da biblioteca, apenas 4 (4,6%) usam algumas vezes e a grande maioria (46 – 52,9%) usa esporadicamente.

Os motivos que justificam o não uso dos dispositivos de informática das bibliotecas

pelos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição são diversos, mas o de maior relevância é o uso de dispositivo próprio, já que 23 (26,4%) deles responderam que usam o próprio computador. Porém quando se soma esse percentual dos 6 (6,9%) que informaram não necessitarem da utilização desse recurso da biblioteca, aos 5 (5,7%) que informaram que não usam em razão do número limitado de máquinas disponíveis nesse ambiente, verifica-se que esses tais motivos interferem no uso de um total de 34 (39%) dos discentes.

Por outro lado, constata-se que a maioria desses discentes (48 - 55,2%) nem mesmo sabe justificar o porquê de não fazerem uso dos computadores e recursos de informática disponíveis no ambiente da biblioteca. E, ao cruzar as respostas obtidas com relação a esta questão a outra referente ao uso da biblioteca (Tabela 4), constata-se que 14 discentes fazem parte do grupo dos que não utilizam as bibliotecas da UFBA e os demais, possivelmente, pertencem ao grupo dos que fazem uso do ambiente da biblioteca para estudo com material próprio e para realização de encontros de trabalho em equipe.

O uso das bibliotecas da UFBA, assim como de seus dispositivos de informática constituem fatores preponderantes nesta pesquisa, porquanto parte-se do princípio de que, uma vez que o discente constitui-se em utilizador do dispositivo biblioteca há uma grande probabilidade deste vir a conhecer os serviços e recursos ofertados por esta, podendo vir a participar de atividades de treinamento que levem ao conhecimento sobre o uso dos livros eletrônicos.

O acesso aos livros eletrônicos da área de saúde existentes no acervo da UFBA ocorre através da *homepage* do SIBI/UFBA e, para que este acesso ocorra plenamente, é indispensável que o usuário esteja conectado à rede UFBA, com computador próprio ou em qualquer máquina de uma das unidades de ensino ou biblioteca. No caso de um acesso remoto, o usuário necessita configurar o VPN da instituição, que é uma forma de acesso remoto criado pela Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) para dar acesso aos serviços e rede UFBA, com a mesma condição de segurança no acesso aos recursos realizado dentro da instituição. Os usuários contemplados com essa possibilidade de acesso são os docentes, os servidores técnico-administrativos, os funcionários terceirizados, além de discentes de iniciação científica e de pós-graduação.

Os discentes dos cursos de Medicina e Nutrição foram indagados sobre a modalidade de formato de textos acadêmico-científicos que preferem utilizar ao realizar a leitura de livros, e as respostas demonstram que 131 (75,3%) deles informaram ser o formato impresso o de sua preferência para consulta e leitura, conforme se pode verificar na Tabela 6, enquanto que 23 (13,2%) preferem o formato eletrônico e somente 20 (11,5%) desses discentes

responderam não ter preferência quanto ao formato do texto.

Tabela 6  
Preferência dos discentes quanto à modalidade de formato de texto acadêmico-científico

Modalidade de formato	Medicina		Nutrição		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Impresso	58	71,6	73	78,5	131	75,3
Eletrônico	15	18,5	8	8,6	23	13,2
Sem preferência	8	9,9	12	12,9	20	11,5
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Após realizada a caracterização dos hábitos informacionais dos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição, seguiu-se a caracterização dos hábitos informacionais dos docentes, sendo que essa subamostra foi composta por 7 (sete) docentes responsáveis pelas 5 disciplinas selecionadas neste estudo. Ressalta-se, como já foi explicitado anteriormente, que duas das cinco disciplinas possuem um docente responsável pelo conteúdo teórico e outro pelas atividades práticas, por esta razão o estudo foi realizado com os 7 docentes envolvidos com o ensino das disciplinas selecionadas para a amostra.

Todos os docentes entrevistados dos Cursos de Medicina e Nutrição são do sexo feminino e pertencentes ao quadro de docentes efetivos da UFBA. A maioria delas ingressou na Universidade em período anterior à compra dos livros eletrônicos da área de saúde, exceto uma docente, responsável pelas aulas práticas da disciplina NUT 136 – Nutrição materno infantil, que passou a integrar o quadro docente da UFBA a menos de 1 ano.

A primeira pergunta realizada aos docentes teve como objetivo verificar seus hábitos informacionais, mais precisamente, de identificar entre os docentes o hábito de selecionar textos para as disciplinas que ministram, e se estes têm preferência por textos em formato impresso ou eletrônico. Os resultados obtidos apresentaram a existência de um equilíbrio entre os docentes que preferem selecionar textos em formato eletrônico (3) e aqueles que revelaram não ter preferências (3), sendo que apenas um docente informou preferir o formato impresso, justificando que isso se dá por “[...] costume, hábito.”

Os docentes que revelaram preferir o formato eletrônico indicaram como fator para essa preferência, a possibilidade de enviar o conteúdo via *e-mail* para os discentes.

Quadro 2  
Modalidade de formato de texto de preferência dos docentes para indicação de leitura

Preferências por formato de texto	Curso		Total geral
	Medicina	Nutrição	
	Nº	Nº	Nº
Impresso	0	1	1
Eletrônico	2	1	3
Sem preferência	2	1	3
<b>Totais parciais</b>	<b>(4)</b>	<b>(3)</b>	<b>(7)</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi verificada também a experiência de leitura de textos acadêmico-científicos em formato eletrônico por parte dos docentes, sendo todos categóricos ao indicar que já realizaram esse tipo de leitura em formato eletrônico.

Após a caracterização dos hábitos informacionais dos discentes e docentes dos Cursos de Medicina e Nutrição da área de saúde da UFBA e a obtenção de algumas informações importantes para o estudo no que dizem respeito a esses hábitos, a próxima subseção passa a apresentar os resultados quanto ao grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos citados.

#### 4.2 GRAU DE INCORPORAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO NAS BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS E COMPLEMENTARES

Ao abordar os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição para verificar se estes já haviam realizado a leitura de algum tipo de livro eletrônico, dos 174 discentes participantes da amostra desta pesquisa 141 (81%) informaram que já realizaram a leitura nesse tipo de formato de texto, como pode ser observado na Tabela 7, contra apenas 33 (19%) que informaram não ter ainda realizado leitura de livros eletrônicos.

Tabela 7  
Leitura do livro eletrônico pelos discentes

Leitura do livro eletrônico	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
Sim	73	90,1	68	73,1	141	81,0
Não	8	9,9	25	26,9	33	19,0
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se pode constatar na Tabela 7, os discentes que apresentam maior índice de leitura do livro eletrônico são pertencentes ao Curso de Medicina (73 - 90,1%), enquanto que no Curso de Nutrição este número cai para 68 (73,1%). Contudo, para melhor avaliar o tipo de conteúdo lido nessa modalidade de livro, sentiu-se a necessidade de verificar a natureza dos textos de livro eletrônico que são objeto de leitura por parte dos discentes, obtendo-se como resposta a esta questão que, o texto acadêmico científico teve o maior número de indicações, com 129 (91,5%) da preferência, enquanto que a segunda maior indicação foi realizada para textos de literatura de ficção e textos ou livros de referência como demonstrado na Tabela 8.

Tabela 8  
Preferência sobre a natureza do texto do livro eletrônico

Natureza do texto do livro eletrônico	Medicina		Nutrição		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Texto acadêmico/científico	67	94,4	62	88,6	129	91,5
Literatura de ficção	29	40,8	19	27,1	48	34,0
Textos/Livros de referência	26	36,6	22	31,4	48	34,0
Outros	1	1,4	3	4,3	4	2,8
<b>Número de participantes</b>	<b>(71)</b>		<b>(70)</b>		<b>(141)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

Apenas 4 (2,8%) das indicações foram relativas à leitura de textos de outra natureza como: livros eletrônicos relacionados à religião e estilo de vida. Não foram verificadas diferenças significativas nos resultados obtidos que levassem a uma distinção entre os cursos participantes da pesquisa, pelo contrário, por se tratar de uma amostra composta por discentes universitários, há uma prevalência do texto acadêmico-científico como o mais lido em formato eletrônico.

Embora os discentes tenham delineado já efetuarem leituras em livros eletrônicos, buscou-se também verificar a frequência com que fazem isso. Neste sentido, constatou-se, conforme demonstrado na Tabela 9, que dos 141 discentes que informaram já ter realizado a leitura de algum livro eletrônico, apenas 54 (38,3%) destes a realizam sempre, enquanto que 53 (37,6%) realizam essa leitura algumas vezes e 34 (24,1%) esporadicamente.

Tabela 9  
Distribuição percentual da frequência de leitura do livro eletrônico pelos discentes

Frequência de leitura do livro eletrônico	Medicina		Nutrição		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sempre	37	50,7	17	25,0	54	38,3
Algumas vezes	23	31,5	30	44,0	53	37,6
Esporadicamente	13	17,8	21	31,0	34	24,1
						<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange a distribuição percentual dos discentes que realizam a leitura do livro eletrônico que foram 141 discentes, como demonstrou a Tabela 7, verifica-se que os estudantes do Curso de Medicina realizam sempre este tipo de leitura, com 37 (50,7%) e ao comparar este dado com o apresentado na Tabela 8, constata-se que cerca de 50% dos estudantes do Curso de Medicina realizam sempre a leitura de livros eletrônicos de natureza acadêmico-científicos, enquanto que 23 (31,5%) fazem essa leitura algumas vezes e uma pequena parcela desses estudantes a realiza esporadicamente (13 – 17,8%). Quanto aos estudantes do Curso de Nutrição, a frequência de leitura do livro eletrônico algumas vezes (30 – 44%) e esporadicamente (21 – 31%) supera a opção sempre (17 - 25%), contudo, ao confrontar esses dados com a Tabela 8, verifica-se que essas leituras são voltadas para livros eletrônicos de natureza acadêmico-científicos, assim como ocorre com os estudantes do Curso de Medicina.

A leitura do livro eletrônico demanda do sujeito maior atenção e concentração, assim como, um tempo de leitura na tela do computador ou outro dispositivo leitor. Desta forma, os dados levantados junto à amostra pesquisada demonstraram que, 65 (46%) do total de 141 discentes que informaram terem realizado a leitura de algum livro eletrônico, conforme se verificou na Tabela 7, dedicam acima de 60 minutos de tempo de leitura em tela do computador, enquanto 40 (28,4%) dedicam de 30 a 45 minutos e 31 (22%), deles dedicam de 15 a 30 minutos, conforme se visualiza na Tabela 10.

Tabela 10  
Distribuição percentual dos discentes por tempo de leitura na tela do computador

Tempo de leitura no computador	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
No máximo 15 minutos	0	0	5	7,4	5	3,6
De 15 a 30 minutos	6	8,2	25	36,8	31	22,0
De 30 a 45 minutos	21	28,8	19	27,9	40	28,4
Acima de 60 minutos	46	63,0	19	27,9	65	46,0
<b>Número de participantes</b>	<b>(73)</b>	<b>100,00</b>	<b>(68)</b>	<b>100,00</b>	<b>(141)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao tempo dedicado à leitura em tela do computador por parte dos discentes do curso de Nutrição há uma equivalência entre o tempo de 30 a 45 minutos e acima de 60 minutos, com 19 (27,9%) respondentes. Contrastando aos discentes do Curso de Nutrição, 46 (63%) dos estudantes do Curso de Medicina dedicam mais de 60 minutos de leitura no computador, número duas vezes maior do que daqueles que dedicam de 30 a 45 minutos, valor também superior aos estudantes de Nutrição que dedicam a mesma faixa de tempo.

Há que se considerar também que, ao associarmos as categorias 30 a 45 minutos e acima de 60 minutos temos concentrados nestas categorias cerca de 91,8% dos discentes do Curso de Medicina e 55,8% dos discentes do Curso de Nutrição. Nesse sentido, os estudantes do Curso de Medicina dedicam mais tempo de leitura na tela do computador.

Outro aspecto que foi levantado nesta pesquisa como fator que pode interferir na incorporação do livro eletrônico entre as fontes de informação utilizadas por parte dos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição é a posse de dispositivo próprio para a leitura de textos nesse tipo de suporte. Assim, foi perguntado aos estudantes se estes possuem os dispositivos necessários para realizarem essa leitura, obtendo-se a informação de que 114 (65,5%) deles possuem algum tipo de dispositivo que permite a leitura em tela, enquanto 54 (31%) indicaram não possuir dispositivo para tal finalidade, conforme demonstrado na Tabela 11. Ressalta-se, assim, que apesar de 141 discentes terem efetuado a leitura de algum livro eletrônico, conforme se constatou na Tabela 7, apenas 114 deles informaram possuir algum tipo de dispositivo que permite a leitura em tela.

Tabela 11  
Posse de dispositivo próprio para leitura de livros eletrônicos

Equipamento para leitura	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	56	69,1	58	62,4	114	65,5
Não	22	27,2	32	34,4	54	31,0
Não respondeu	3	3,7	3	3,2	6	3,5
<b>Número de participantes</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados obtidos na Tabela 11 indicam o quanto é significativo a inserção das TIC no cotidiano social dos discentes do ensino superior e, especificamente, das atividades educacionais das quais estes participam. Inclusive, em depoimento de um estudante do Curso de Medicina, este relatou ser muito comum o uso de *notebooks* e *tablets* em sala de aula, em detrimento dos habituais cadernos e blocos de anotações, para produção de anotações sobre os conteúdos tratados. Esse depoimento reforça a conclusão de que o uso das TIC é comum no ambiente da sala de aula, no qual o estudante além de realizar o registro das informações fornecidas e produzidas nas aulas, também confronta essas informações com pesquisas realizadas na internet, no momento em que essas aulas ocorrem. Essa informação também foi constatada pela pesquisadora nos vários momentos de coleta de dados, do qual foi necessário adentrar as salas de aula para realizar a aplicação dos questionários de pesquisa.

Considerando que, 114 (65,5%) dos discentes entre os 174 pesquisados possuem algum tipo de dispositivo que permite a leitura em tela como observado na Tabela 11, foi solicitado a esses estudantes que informassem qual(ais) dispositivos estes possuem, sendo que desses 114 discentes, 104 deles informaram possuir entre 1 ou mais dispositivos, enquanto os demais (10 discentes), apesar de terem indicado possuir dispositivo de leitura, não responderam ao pedido de especificação desse dispositivo. Destaca-se que não foram apresentadas alternativas no questionário aplicado aos discentes com a enumeração de dispositivos para que indicassem qual ou quais deles faziam uso para realizar a leitura de livro eletrônico. Pelo contrário, os dispositivos foram indicados pelas respostas dos discentes, conforme exposto na Tabela 12.

Quanto aos tipos de dispositivos que os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição informaram possuir o *tablet* (42 – 40,4%) obteve maior frequência, seguido pelo *notebook* (39 – 37,5%) e o computador (37- 35,6%). Não foi verificado nesta pesquisa o porquê da preferência por determinados dispositivos em detrimento de outros por parte dos discentes dos

Cursos de Medicina e Nutrição, porém acredita-se que o maior percentual atribuído ao *tablet* deve-se ao fato desse dispositivo possuir funcionalidades similares aos computadores, acrescido da portabilidade, visto que o seu tamanho é apropriado para ser transportado pelos estudantes. Salienta-se que o *notebook* e o computador não são equipamentos criados especificamente para a leitura eletrônica e apresentam diferenças quanto aos recursos de exibição de conteúdo quando comparados aos *macbooks*, *kindle*, *tablets* e *Ipads*.

Tabela 12  
Dispositivos utilizados para leitura de livros eletrônicos

Equipamento	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Tablet</i>	24	50,0	18	32,1	42	40,4
<i>Notebook</i>	14	29,2	25	44,6	39	37,5
<i>Iphone</i>	2	4,2	0	0	2	1,9
<i>Ipad</i>	9	18,8	1	1,9	10	9,6
<i>Macbook</i>	1	2,1	0	0	1	0,9
Computador	16	33,3	21	37,5	37	35,6
Celular	6	12,5	8	14,3	14	13,5
<i>Kindle</i>	1	2,1	0	0	1	0,9
<b>Número de participantes</b>	<b>(48)</b>		<b>(56)</b>		<b>(104)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que, apesar do *tablet* possuir maior adesão entre os discentes, ele é mais frequente entre os estudantes do Curso de Medicina, inversamente, pode-se dizer que os *notebooks* e computadores são mais utilizados pelos estudantes do Curso de Nutrição. Os demais dispositivos como os *macbooks*, *kindle*, *iphone*, *celulares* e *Ipads* foram os que tiveram menor indicação pelos discentes, sendo citados pelos estudantes do Curso de Medicina. Já os estudantes do Curso de Nutrição indicaram apenas o celular e o *ipad*.

Até esta etapa de apresentação dos resultados da pesquisa o estudo buscou informações sobre o uso de livros eletrônicos por parte dos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição da UFBA de maneira geral. Contudo, os livros eletrônicos da área de saúde que integram o acervo da UFBA são o foco desta pesquisa, assim, a partir dos resultados que se seguem será avaliado o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde. Para proceder a este objetivo foi perguntado aos discentes se estes tinham conhecimento acerca da existência de livros eletrônicos disponíveis para leitura no acervo do SIBI/UFBA. Das respostas obtidas, apenas 28 (16,1%) de um total de 174 discentes, informaram ter conhecimento sobre a existência

desses livros na UFBA, ao passo que 136 (78,2%) desconhecem totalmente a oferta desse recurso pela biblioteca com conteúdo da área de saúde, conforme pode ser verificado na Tabela 13.

Tabela 13  
Conhecimento dos discentes quanto à existência de livros eletrônicos na UFBA

Conhecimento sobre os livros eletrônicos da UFBA	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	11	13,6	17	18,3	28	16,1
Não	70	86,4	66	71,0	136	78,2
Não responderam	0	0	10	10,7	10	5,7
<b>Número de participantes</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados apresentados são alarmantes, visto que os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição, em sua grande maioria, como observado na Tabela 7, informaram já ter realizado a leitura de livros eletrônicos e 91,5%, conforme a Tabela 8, leem livros eletrônicos de natureza acadêmico-científico. Assim, o desconhecimento dos livros eletrônicos da área de saúde que integram o acervo da UFBA ocorre, mas não em decorrência da falta de interesse dos discentes ou deficiência no domínio das TIC, já que 60,9% dos estudantes declararam possuir nível intermediário de habilidades com o computador (Tabela 3), ou ainda pela não existência do hábito de leitura na tela do computador, uma vez que 46% desses estudantes realizam leitura em tela por um tempo acima de 60 minutos (Tabela 10). As razões para esse desconhecimento não estão relacionadas aos discentes, mas nas práticas ou deficiências nas ações que deveriam tornar os livros eletrônicos da área de saúde que integram o acervo da UFBA conhecidos pela sua comunidade.

Buscando identificar as fontes informacionais através dos quais os discentes tomaram conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA, foi solicitado aos 28 estudantes dos Cursos de Medicina e Nutrição que indicaram conhecer esses livros, conforme apontou a Tabela 13, que informassem como ocorreu esse conhecimento. Obteve-se a resposta quanto a essa questão de 26 discentes, sendo que 14 (53,8%) das respostas foram relativas à indicação de colegas do curso, enquanto que 13 (50%) foram relacionadas à indicação de um docente, já 8 (30,8%) das indicações informaram que esse conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA ocorreu através do acesso a *homepage* do SIBI, conforme pode ser verificado na Tabela 14.

Tabela 14  
Fontes por meio das quais os discentes tomaram conhecimento  
sobre os livros eletrônicos da área de saúde que integram o acervo da UFBA

Fontes de informação	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Acessando a <i>homepage</i> do Sistema de Bibliotecas	3	30,0	5	31,2	8	30,8
Indicação de um colega	8	80,0	6	37,5	14	53,8
Indicação do docente	4	40,0	9	56,2	13	50,0
Indicação do bibliotecário da seção de referência	0	0	0	0	0	0
Através de treinamento de usuário oferecido pela Biblioteca de saúde da UFBA	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	0
<b>Número de participantes</b>	<b>(10)</b>		<b>(16)</b>		<b>(26)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

Como observado na Tabela 14, os discentes tomaram conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos que integram o acervo da UFBA por mais de uma fonte de informação, sendo as mais importantes, o colega e o professor, enquanto que a *homepage* do SIBI aparece em terceiro lugar.

É interessante observar que os discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição em nenhum momento vinculam o conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos a uma informação fornecida pelo bibliotecário da seção de referência ou as ações de treinamento de usuário oferecidas pela Biblioteca de Saúde da UFBA, atividades estas que são ou deveriam ser desenvolvidas no cotidiano do Setor de Referência da BUS.

Ao realizar a análise dos dados verificou-se, ainda, que no somatório das categorias “indicação de um colega e indicação do docente” o resultado obtido supera três vezes mais a categoria “acessando a *homepage* do Sistema de Bibliotecas”, o que indica que as ações institucionais são insuficientes para divulgar os produtos e serviços oferecidos pelo Sistema de Bibliotecas da UFBA, visto que muitos discentes revelaram, informalmente, mas que foi registrado pela pesquisadora, que o desconhecimento dos discentes não era restrito somente aos livros eletrônicos da área de saúde, mas também a própria *homepage* do SIBI.

Após verificado como se deu o conhecimento a respeito da existência dos livros eletrônicos, entre aqueles que sabiam, foi questionado qual o procedimento adotado por eles para ter acesso a esses livros, quando 15 (8,6%) dos discentes informaram efetuar o download do livro completo, enquanto que 6 (3,4%) registraram fazer o download apenas dos capítulos

de interesse e 1 (0,6%) realiza o download apenas dos capítulos indicados pelo docente, como pode ser observado na Tabela 15. Do total de 174 discentes, 152 (87,4%) deles não responderam a esta questão, sendo que desses, 148 por desconhecerem os livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA e os 4 demais justificaram que, apesar de conhecerem a os livros eletrônicos, nunca fizeram *download* destes.

Tabela 15  
Formas de utilização dos livros eletrônicos pelos discentes da UFBA

Formas de utilização	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
Fez <i>download</i> do livro completo	3	3,7	12	12,9	15	8,6
Fez <i>download</i> apenas do(s) capítulo(s) indicado(s) pelo docente	1	1,2	0	0	1	0,6
Fez <i>download</i> apenas do(s) capítulo(s) do seu interesse	2	2,5	4	4,3	6	3,4
Não responderam	75	92,6	77	82,8	152	87,4
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

O uso do livro eletrônico para as atividades de estudo e pesquisa constitui o objetivo para o qual este foi adquirido pelo SIBI/UFBA, assim, considerando-se esta assertiva, solicitou-se dos discentes que informassem os modos como realizaram a leitura dos livros eletrônicos, sendo que, 11 (6,3%) dos respondentes informaram que fazem a leitura do texto completo na tela do computador, *e-reader* ou *tablet*, (Medicina 5 (6,2%) e Nutrição 6 (7,3%). Esse percentual é pequeno, porém ele representa um processo de adaptação do discente na realização de leituras de textos completos em tela de algum dispositivo voltado para esta finalidade. Por outro lado, o segundo modo de leitura mais indicado pelos discentes (5 – 2,9%) corresponde a leitura de apenas alguns capítulos na tela do computador, *e-reader* ou *tablet*, o que não destoia dos hábitos informacionais ora praticados com o livro impresso, cuja leitura também é fragmentada e parcial do conteúdo dos livros das bibliografias básicas e complementares. O terceiro modo de leitura mais praticado foi a do texto completo, mas impresso por meio de *download*, apontado por 4 (2,3%) dos discentes do Curso de Nutrição, conforme se verifica na Tabela 16.

Tabela 16  
Modos de leitura dos livros eletrônicos pelos discentes da UFBA

Modos de leitura	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Do texto completo na tela do computador, <i>e-reader</i> ou <i>tablet</i>	5	6,2	6	7,3	11	6,3
Do texto completo impresso por meio de <i>download</i>	0	0	4	4,2	4	2,3
Apenas de alguns capítulos na tela do computador, <i>e-reader</i> ou <i>tablet</i>	1	1,2	4	6,3	5	2,9
Apenas alguns capítulos impresso por meio de <i>download</i>	0	0	1	1,0	1	0,6
Apenas uma leitura de conhecimento para avaliação do conteúdo do texto	0	0	1	1,0	1	0,6
Não respondeu	75	92,6	77	80,2	152	87,3
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Os três modos de leitura do livro eletrônico informados como os mais utilizados pelos discentes indicam a existência de números ainda tímidos da prática de leitura em livros eletrônicos diante do grande percentual de estudantes, 152 (87,3%) que não responderam ao perguntado, o que sugere uma utilização reduzida dos livros eletrônicos na UFBA, contrariando o que se almeja para o desenvolvimento dessas coleções.

Apesar de nesta pesquisa já se ter identificado, no seu percurso metodológico, as disciplinas que possuem indicação em suas bibliografias básicas e complementares de títulos de livros impressos que possuem o equivalente em formato eletrônico, buscou-se verificar junto aos discentes se estes haviam identificado algum título de livro eletrônico da área de saúde nas bibliografias das disciplinas de seus cursos. Mas, apenas 21 (12,1%) deles informaram ter tomado conhecimento da existência de títulos de livros eletrônicos nas bibliografias indicadas. Observou-se que, alguns discentes, categoricamente, disseram não identificar a existência de livros eletrônicos do acervo da UFBA nas bibliografias das disciplinas, enquanto outros não souberam responder porque nem sequer têm o hábito de examinar o programa das disciplinas. Portanto, considerando isto, compreendeu-se que estes dois grupos poderiam ser somados aos que não responderam a questão por desconhecer os livros eletrônicos da área de saúde da UFBA, o que gerou um total de 153 (87,9%) de discentes que desconhecem essa coleção, dentro de uma amostra de 174 discentes que participaram da pesquisa, conforme pode ser observado na Tabela 17.

Tabela 17  
Distribuição percentual dos discentes que identificaram a existência de livros eletrônicos da UFBA nas bibliografias das disciplinas

Ocorrência de livros eletrônicos da UFBA nas bibliografias das disciplinas	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	6	7,4	15	16,1	21	12,1
Não	40	49,4	46	49,5	86	49,4
Não sabe	6	7,4	14	15,0	20	11,5
Não responderam	29	35,8	18	19,4	47	27,0
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Tais resultados permitem inferir que há um quase que completo desconhecimento dos discentes quanto à existência dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA, uma vez que estes livros não foram incorporados às bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos Cursos de Medicina e Nutrição. A parcela limitada de estudantes que informou conhecer estes livros registrou, por sua vez, que tomou conhecimento deles através da indicação de colegas (14 – 53,8%) e somente 13 (50%) por meio da indicação do docente. Isso demonstra que os discentes que tomaram conhecimento da existência desses livros eletrônicos, chegaram a eles de forma casual e espontânea, reforçando a inexistência de ações institucionais, planejadas e organizadas de modo sistemático para o desenvolvimento de uma cultura de uso do livro eletrônico na UFBA.

Quando efetivamente passaram-se as questões voltadas diretamente à obtenção de informações quanto ao grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos, partiu-se do pressuposto de que, muito possivelmente, grande parte dos discentes indicaria desconhecer a coleção de livros eletrônicos da UFBA, por esta razão, optou-se por solicitar a eles que indicassem os fatores que consideravam contribuir para esse quadro de desconhecimento.

Assim, o principal fator destacado, com 129 (86%) das indicações para justificar o desconhecimento dos livros eletrônicos do acervo da UFBA foi a falta de divulgação por parte dos docentes. Enquanto 99 (66%) das indicações afirmaram haver deficiências da Instituição e suas bibliotecas na divulgação dos livros eletrônicos, enquanto 93 (62%) das indicações afirmaram como fator que contribui para esse desconhecimento a falta de divulgação por parte dos bibliotecários, indicação que de algum modo, se relaciona com as deficiências da Instituição e suas bibliotecas (Tabela 18).

Tabela 18  
Fatores apontados pelos discentes para o desconhecimento da existência dos livros eletrônicos da área de saúde no acervo da UFBA

Fatores para desconhecimento dos Livros Eletrônicos da UFBA	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
Falta de divulgação por parte dos docentes	63	92,6	66	80,5	129	86
Falta de divulgação por parte dos bibliotecários	46	67,6	47	57,3	93	62
Deficiências da instituição e suas bibliotecas na divulgação dos livros eletrônicos	50	73,5	49	59,8	99	66
Não se sente motivado para buscar informações de serviços e acervo da biblioteca	14	20,9	8	9,6	22	14,7
Outro(s)	1	1,5	7	8,5	8	5,3
<b>Número de participantes</b>	<b>(68)</b>		<b>(82)</b>		<b>(150)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que, os discentes atribuem aos docentes a principal responsabilidade sobre o desconhecimento deles quanto à existência dos livros eletrônicos da área de saúde no acervo da UFBA. Isso se deve ao papel desempenhado pelo professor na condução das atividades acadêmicas desenvolvidas pelos discentes, visto que o docente atua não somente lecionando os conteúdos em sala de aula, mas também, indica caminhos de pesquisa e estudo, fontes de informação e estratégias de aprendizagem para que o estudante possa expandir os seus conhecimentos.

O segundo fator mais indicado pelos discentes foi as deficiências da Instituição e de suas bibliotecas na divulgação dos livros eletrônicos. Esse aspecto é bastante revelador, pois indica que o discente tem uma percepção formada a respeito da qualidade dos serviços prestados pelas bibliotecas da UFBA, como também, percebe e aponta as deficiências constantes nas ações institucionais voltadas aos serviços de informação como a biblioteca.

O terceiro fator destacado sinaliza a falta de divulgação por parte dos bibliotecários, isso indica que além das deficiências nas ações de divulgação e promoção dos serviços e produtos da biblioteca em nível institucional, o bibliotecário, na esfera individual, não tem cumprido com o seu papel adequadamente, a tal ponto dos discentes não reconhecê-lo como uma fonte de informação para a tomada de conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos, conforme demonstram a Tabela 14 e Tabela 18. Essa conduta do bibliotecário colabora para o desconhecimento por parte dos discentes, contrariando totalmente a missão que este deveria perseverar em cumprir enquanto mediador da informação.

Contudo, há uma observação imperiosa a ser realizada quanto à falta de divulgação do livro eletrônico por parte do bibliotecário e esta reside no fato de que grande parte do

atendimento prestado ao discente é realizado por auxiliares de biblioteca, que estão na linha de frente do setor circulante e que, por razões diversas, não conhecem ou não disponibilizam aos estudantes a opção do livro eletrônico como fonte de informação, embora na ausência de informação adequada, estes funcionários também não encaminhem os usuários para o setor de referência, para que possam receber atendimento especializado.

Aliado a isto, o discente, quando pensa em obter informações para leitura, não visualiza como primeira opção se dirigir ao Setor de Referência, eles veem como possibilidade para sanar a sua necessidade de informação o setor Circulante, no qual ele poderá, possivelmente, solicitar ajuda a um auxiliar de biblioteca e ter a sua necessidade atendida de forma parcial ou totalmente, ou ainda, realizar a busca por informação de forma autônoma, percorrendo as estantes, depois de uma consulta ao catálogo *online*, porém, em muitos casos, este discente não participou de atividades de ensino de uso da biblioteca que propiciam o conhecimento sobre as fontes de informações, uso do catálogo da biblioteca e da sua lógica de organização, o que poderá ocasionar resultados de busca por informação não satisfatórios.

Ainda na Tabela 18, verifica-se que 22 (14,7%) dos discentes não se sentem motivados para buscar informações sobre produtos, serviços e acervo das bibliotecas da Universidade, sendo esse comportamento possivelmente relacionado à falta de ações voltadas a atrair o usuário para o ambiente da biblioteca. Ocorreu, ainda, uma parcela de estudantes (8 – 5,3%) que realizou a indicação “outros”, porém não ocorreu a especificação dos fatores relacionados a essa resposta.

Como visto, segundo os discentes, há um conjunto de fatores que contribuem para o desconhecimento dos livros eletrônicos da UFBA, o que pode ser constatado nas respostas emitidas, que não se detiveram em uma única alternativa. Os discentes, em sua grande maioria, opinaram por meio da indicação de mais de uma alternativa, entre as opções apresentadas nesta questão.

Apesar dos docentes terem sido responsabilizados em expressivo percentual pelos discentes (129 – 86%) pelo desconhecimento quanto à existência dos livros eletrônicos, estes também se encontram em situação semelhante aos discentes, já que quando em entrevista foram indagados se já tinham tomado conhecimento da existência dos títulos de livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA, todos foram categóricos em afirmar que desconheciam esse fato, conforme demonstra a afirmação do Docente de Medicina 1 e a Docente de Nutrição 3:

Estou me sentindo até desatualizada. (Docente de Medicina 1).

Eu não me lembro se aqui na escola nós já tivemos alguma informação ou fomos informados que existe esse livro, essa via, essa fonte disponível de livro eletrônico na nossa universidade. Eu não me lembro, não me recordo. (Docente de Nutrição 3).

A partir dos depoimentos, depreende-se que, os docentes que se constituem nos maiores indicadores de bibliografias, estimulando seus discentes à leitura destas, são os que necessitam ter sua participação garantida nos processos de seleção e desenvolvimento das coleções das bibliotecas. É imprescindível um trabalho conjunto, no qual docentes e bibliotecários estejam em consonância, para que se alcance um resultado positivo de utilização das coleções existentes nos acervos das bibliotecas, e em especial dos livros eletrônicos.

Os docentes revelaram uma posição favorável à adoção de títulos em formato eletrônico, informando inclusive, que já trabalham com a indicação de textos eletrônicos junto aos seus discentes como demonstram os resultados obtidos nas entrevistas realizadas e registradas no Quadro 3, no qual 6 docentes, sendo 3 do Curso de Medicina e 3 do Curso de Nutrição confirmaram realizar a indicação de textos em formato eletrônico, enquanto apenas 1, sendo esta docente do Curso de Medicina, informou não fazer essa indicação em razão de alguns textos acadêmicos adotados por ela ainda não estarem disponíveis no formato eletrônico.

Quadro 3  
Indicação de textos em formato eletrônico pelos docentes

Indicação de textos em formato eletrônico	Curso		Total geral
	Medicina	Nutrição	
	Nº	Nº	Nº
<b>Faz indicação</b>	3	3	6
<b>Não faz indicação</b>	1	----	1
<b>Totais parciais</b>	<b>(4)</b>	<b>(3)</b>	<b>(7)</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Mesmo havendo um total desconhecimento dos docentes quanto à existência dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA estes, em sua maioria, se colocaram numa condição entusiasta, ao tomarem conhecimento da existência de livros eletrônicos nas coleções das bibliotecas da Universidade. Percebe-se assim, haver uma postura receptiva ao livro eletrônico, bastando que haja um envolvimento maior entre a biblioteca e o corpo

docente da instituição, no sentido de tornarem-se parceiros na construção de uma cultura de uso do livro eletrônico no contexto acadêmico.

A postura receptiva dos docentes quanto ao livro eletrônico foi comprovada quando foram questionados se já incorporaram ou veem a possibilidade de incorporar títulos de livros eletrônicos à bibliografia básica e complementar das disciplinas que ministram. Ao responderem a esta questão todos os docentes informaram que ainda não incorporaram, mas estão abertos a essa incorporação como demonstram algumas de suas afirmações:

Acho que tem toda a possibilidade diante da preferência do aluno por esse tipo de mídia. (Docente de Medicina 4).

Eu acho que é importante. (Docente de Medicina 2).

Os demais docentes apenas informaram que sim, demonstrando que há possibilidades para uma maior inserção do livro eletrônico no cotidiano acadêmico dos discentes da UFBA, desde que se cumpram as prerrogativas formais da construção e aprovação dos programas de disciplinas pelos diversos cursos existentes na Instituição.

O segundo fator mais citado pelos discentes para justificar a falta de conhecimento sobre os livros eletrônicos da UFBA foi a deficiência da Instituição e de suas bibliotecas na divulgação desse material. Neste quesito, vale destacar as ações que nortearam a primeira compra de livros eletrônicos, os agentes envolvidos e as práticas realizadas no processo de divulgação desse dispositivo.

A primeira compra de livros eletrônicos visou atender a área de saúde da UFBA, visto que essa área do conhecimento era uma das poucas a possuir publicações eletrônicas disponíveis comercialmente, sendo que, essa compra ocorreu no final do segundo semestre do ano de 2009, motivada pelo desejo de que as bibliotecas da Instituição acompanhassem o momento histórico pelo qual outras universidades, como a USP, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entre outras estavam passando, conforme foi ressaltado no depoimento da superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA no período:

Eu era convidada para todas as coisas. E eu queria que a engrenagem do Sistema de Biblioteca da UFBA fosse o mesmo dessas grandes potências: a USP, a UFRJ etc. E aí, eu comecei a querer aprender mais [...] E foi nessa ânsia do querer aprender e saber mais que eu disse: ‘não, tá na hora da gente ter na universidade os e-books’, que na época se chamava livros eletrônicos, e comecei a receber também visita dos livreiros, de várias empresas, das editoras e de instituições. (Superintendente do SIBI/UFBA).

Em conformidade com as informações cedidas pela então superintendente do SIBI/UFBA, e da servidora técnico-administrativa responsável pelo setor de aquisição e desenvolvimento de coleções do SIBI/UFBA, a seleção dos títulos de livros eletrônicos ocorreu através de indicação dos docentes. Segundo o depoimento da Superintendente, convites e ofícios foram enviados, juntamente com o catálogo das obras, aos docentes da área de saúde para que realizassem a indicação dos títulos de livros eletrônicos, porém não houve um retorno significativo que respaldasse essa compra, o que fez com que uma seleção complementar fosse realizada sob a responsabilidade da gestora do SIBI, conforme se constata no seu depoimento:

Eu fechei essa compra sob a minha responsabilidade. Eu vi que ali tinham clássicos da literatura médica, clássicos da literatura da área de saúde e fechei a compra, mas eu não recebi respaldo dos professores. Eu recebi uma lista ou duas, não me recordo muito e fui em cima de catálogos, em cima de pesquisas de outras universidades que já tinham adquirido e da própria editora. (Superintendente do SIBI/UFBA).

Como pode ser observado, não há participação docente na ação praticada pelas bibliotecas da UFBA no momento da seleção dos livros eletrônicos. Na realidade, há um problema histórico e crônico de falta de comunicação, integração e articulação das bibliotecas da UFBA no planejamento de estratégias adequadas que assegurem a participação efetiva do docente já na seleção dos livros impressos. Contudo, uma vez que este problema sempre existiu em relação aos livros impressos, ele apenas foi reproduzido no momento da seleção dos títulos de livros eletrônicos, gerando assim, uma dificuldade para que ocorra o uso efetivo desse dispositivo. Em consequência disso, o docente acaba desconhecendo a existência dos livros eletrônicos de sua própria instituição de ensino, ficando comprometida a incorporação desse material às bibliografias básicas e complementares das disciplinas, assim como, o cumprimento do seu papel de difusor do conhecimento científico, como pontuado e cobrado pelos discentes.

As estratégias utilizadas pelo SIBI/UFBA para tornar o livro eletrônico da área de saúde conhecido pela sua comunidade de usuários consistiram em envio de *e-mails* para os docentes expondo uma listagem de títulos adquiridos, assim como, a disposição de um *link* de acesso aos livros eletrônicos na *homepage* do SIBI.

Os livros eletrônicos adquiridos pela UFBA são de acesso perpétuo, porém eles estão armazenados na plataforma proprietária do fornecedor *Dot.Lib*. Contudo, embora estes livros tenham sido adquiridos no ano de 2009, só no final do ano de 2014 foram catalogados e

inseridos no Catálogo *on-line* da UFBA. Dessa forma, a identificação e o acesso a essa coleção só ocorria somente através da *homepage* do SIBI, sendo que este também é desconhecido para a maioria dos discentes e docentes da Instituição, situação esta que resultou no desencadeamento do segundo fator mais pontuado pelos discentes que foram as deficiências da Instituição e suas bibliotecas na divulgação dos livros eletrônicos.

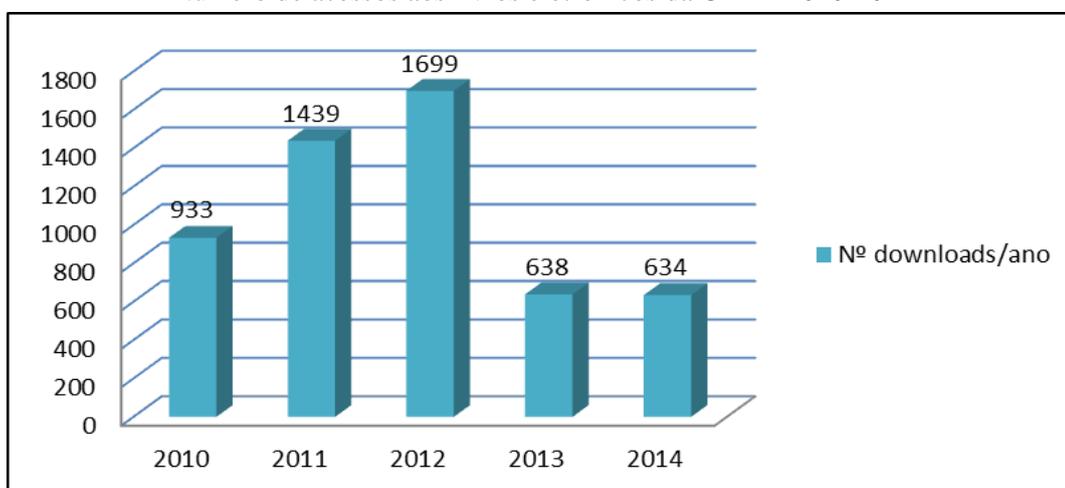
Considerando-se que, mesmo em um número limitado, há uma parcela de estudantes que já efetuaram a leitura de livros eletrônicos, observou-se a pertinência em verificar com que frequência se faz uso desse dispositivo, resultados estes que se apresentam na próxima subseção.

#### 4.3 FREQUÊNCIA DE USO DO LIVRO ELETRÔNICO NAS DISCIPLINAS DOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE

Ao investigar sobre a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA, considerou-se oportuno verificar, primeiramente, as estatísticas de uso da coleção, visto que, como já identificado na subseção anterior, a grande maioria dos discentes que participaram desta pesquisa informaram desconhecer a existência dos livros eletrônicos da área de saúde da UFBA, assim como, os docentes entrevistados.

O início da oferta dos livros eletrônicos da área de saúde ocorreu a partir do ano de 2010, desde então, o número de acessos aos livros eletrônicos nos três primeiros anos, de 2010 a 2012, foi significativo, porém após este período, mais especificamente em 2013 e 2014, verificou-se um decréscimo no número de acessos, conforme se visualiza no Gráfico 1.

Gráfico 1  
Número de acessos aos livros eletrônicos da UFBA 2010-2014



Fonte: *Dot.Lib* (2015).

No ano de 2010, conforme aponta o Gráfico 1, foram realizados 933 (novecentos e trinta e três) acessos, já em 2011, ocorreram 1439 (um mil quatrocentos e trinta e nove) acessos, ou seja, um crescimento de 35,16% em um ano de disponibilização dos livros eletrônicos. Em 2012, foram registrados 1699 (um mil seiscentos e noventa e nove) acessos, sendo que foram 15,30% a mais do que no ano anterior.

Porém, nos dois anos subsequentes, 2013 e 2014, ocorreu um decréscimo significativo no número de acessos aos livros eletrônicos da UFBA. Essa redução de acessos pode ter relação com diversas variáveis, inclusive de acordo com a hipótese desta pesquisa, de que há uma deficiência quanto à divulgação da coleção de livros eletrônicos, assim como um baixo interesse do discente em relação a vários acessos, já que se num primeiro acesso o discente realizou o *download* dos títulos de interesse, não necessitará mais acessá-los. Essa redução do acesso também é reforçada pelo fato de não ter mais ocorrido renovação dos títulos já consultados ou a inclusão de novos títulos à coleção.

O acesso às estatísticas de uso dos livros eletrônicos ocorreu mediante solicitação do SIBI/UFBA ao fornecedor *Dot.Lib*, visto que não há uma ferramenta ou *link* no Portal de Pesquisa da *Dot.Lib* que direcione os usuários para obtenção dessas estatísticas de forma autônoma. Além disso, esse mecanismo de controle de acesso gera uma distorção dos resultados apresentados no Gráfico 1, já que a contabilização das estatísticas de acesso realizada pela *Dot.Lib* ocorre capítulo a capítulo, ou seja, cada vez que o usuário acessa um título de livro eletrônico, caso este livro possua 10 capítulos e o usuário realize o *download* de todos os 10, serão computados 10 acessos, sendo esta frequência registrada, ampliando a contagem a cada capítulo, por esta razão, os resultados apresentados no Gráfico 1 são bem maiores daqueles que realmente correspondem à realidade, confirmando que há um uso reduzido da coleção de livros eletrônicos da UFBA.

A partir das estatísticas de *download* da coleção de livros eletrônicos buscou-se verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA por parte dos discentes e docentes. O resultado obtido junto aos discentes apontou que 22 (12,6%) deles, de um total de 28 estudantes que declararam conhecer os livros eletrônicos da área de saúde da UFBA, já fazem uso desse dispositivo, enquanto 109 (62,6%) ainda não fizeram uso dessa coleção, sendo que 43 (24,7%) nem mesmo responderam a esta questão. Ao se realizar uma comparação entre os cursos de Medicina e Nutrição constatou-se que houve um maior percentual de estudantes que usam os livros eletrônicos no Curso de Nutrição 15 (16,1%), em relação àqueles pertencentes ao Curso de Medicina (7 – 8,6%) como pode ser visualizado na Tabela 19.

Tabela 19  
Distribuição percentual dos estudantes que fazem uso dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA em atividades acadêmicas e/ou de pesquisa

Uso dos livros eletrônicos da UFBA	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	7	8,6	15	16,1	22	12,6
Não	55	67,9	54	58,1	109	62,6
Não responderam	19	23,5	24	25,8	43	24,7
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Buscando alcançar uma compreensão mais clara sobre o uso do livro eletrônico da área de saúde na UFBA, considerou-se pertinente verificar a frequência de uso desses livros pelos estudantes, sendo que dentre os 22 (12,6%) discentes do curso de Nutrição e Medicina que informaram fazer uso dos livros eletrônicos da área de saúde apenas 4 (2,3%) o fazem **sempre**, enquanto que 12 (6,9%) deles fazem uso **algumas vezes** e 6 (3,4%) usam muito **esporadicamente** o livro eletrônico, conforme se verifica na Tabela 20.

Tabela 20  
Distribuição percentual da frequência de uso dos livros eletrônicos da UFBA

Frequência de uso dos livros eletrônicos da UFBA	Medicina		Nutrição		Total geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sempre	3	3,7	1	1,1	4	2,3
Algumas vezes	1	1,2	11	11,8	12	6,9
Esporadicamente	1	1,2	5	5,4	6	3,4
Não responderam	76	93,8	76	81,7	152	87,4
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

O número de discentes que não respondeu a esta questão foi na ordem de 152 (87,4%), ou seja, um número acentuado deles que, por desconhecerem a existência dos livros eletrônicos no acervo da UFBA, não fazem uso destes.

Os resultados apontam que mesmo para aqueles discentes que indicaram conhecer os livros eletrônicos da área de saúde da UFBA, o uso desse dispositivo não ocorre com frequência, o que leva a duas inferências: este discente ainda não incorporou completamente o livro eletrônico da área da saúde como fonte de estudo ou os títulos de livro eletrônico que integram o acervo não atendem o desejado pelas disciplinas da área de saúde, para as quais estes foram adquiridos.

Os docentes também foram indagados sobre o uso dos livros eletrônicos da UFBA em suas atividades acadêmicas, mas como todos os entrevistados desconhecem essa iniciativa, essa questão teve resposta negativa pela totalidade dos docentes.

Após verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas desses Cursos, também, se considerou importante identificar as facilidades e dificuldades percebidas pelos discentes e docentes para utilização do livro eletrônico.

#### 4.4 FACILIDADES E DIFICULDADES DE UTILIZAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO PELOS DISCENTES E DOCENTES

O livro eletrônico é uma tecnologia que demanda a adaptação do usuário e, nesse processo, ele lidará com as facilidades e dificuldades envolvidas nesse novo dispositivo da informação. Nesse sentido, a primeira pergunta realizada visando adentrar na esfera das facilidades e dificuldades de utilização dos livros eletrônicos, buscou verificar qual a percepção dos discentes sobre a leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets*. A essa questão 102 (58,6%) deles informaram ser essa leitura cansativa, como demonstra a Tabela 21. Há que se destacar que a amostra pesquisada é composta por discentes entre a faixa etária de 21 a 25 anos (Tabela 1), ou seja, que possuem uma predisposição para utilizar os recursos das TIC, contudo, este público, mesmo diante das mais variáveis inovações tecnológicas, ainda tem por preferência o formato de texto impresso (Tabela 6).

Dos 174 discentes pesquisados 48 (27,6%) disseram ser a leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets* confortável. Esse resultado pode estar relacionado à questão da posse de dispositivo de leitura apropriado para a leitura em tela, visto que os *e-readers*, na atualidade, proporcionam bastante conforto para a realização de leitura de textos eletrônicos.

Tabela 21  
Distribuição percentual das percepções dos discentes sobre a leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets*

Percepção	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição		Nº	%
	Nº	%	Nº	%		
Confortável	32	39,5	16	17,2	48	27,6
Cansativo	40	49,4	62	66,7	102	58,6
Não há visão geral da página	9	11,1	6	6,4	15	8,6
Não respondeu	0	0	9	9,7	9	5,2
<b>Totais parciais</b>	<b>(81)</b>	<b>100,00</b>	<b>(93)</b>	<b>100,00</b>	<b>(174)</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Já 15 (8,6%) dos discentes apontaram que na tela do computador o leitor não tem uma visão geral da página, apresentando essa como uma dificuldade na leitura desse tipo de material. Mais uma vez, essa questão está relacionada ao aspecto da tecnologia, pois nos dispositivos específicos para realização de leitura de textos eletrônicos é possível ao leitor ter uma dimensão real da página, dos números de páginas lidas e de quantas faltam para alcançar o final do texto.

Ao observar os dados numéricos e percentuais da Tabela 21, verifica-se ainda que entre os Cursos de Medicina e Nutrição há uma diferença significativa quanto à percepção do conforto na realização de leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets*. No Curso de Medicina 32 (39,5%) dos discentes apontaram que a leitura em tela é confortável, já no Curso de Nutrição apenas 16 (17,2%) afirmaram ter tal percepção.

Quanto aos outros dois aspectos relativos à percepção sobre a leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets*, que foram o cansaço e a falta de visão geral da página, verificou-se que 62 (66,7%) dos estudantes do Curso de Nutrição informaram que a leitura em tela é cansativa, enquanto que entre os estudantes do Curso de Medicina apenas 40 (49,4) se posicionaram quanto a esta percepção. No aspecto falta de visão geral da página não foram notadas diferenças significativas entre os Cursos de Medicina (9 – 11,1%) e Nutrição (6 - 6,4%).

A percepção que o discente tem sobre a leitura em tela, seja em um computador, *e-reader* ou *tablet* influencia como estes compreendem e identificam as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico. Ao se buscar conhecer a percepção dos discentes, foi proposto a eles que apontassem qual ou elencassem quais facilidades percebiam existir na realização da leitura do livro eletrônico. Entre as opções mais citadas, a que teve maior indicação foi a facilidade de acesso e compartilhamento do conteúdo, com 131 (75,3%), conforme demonstra a Tabela 22. Essa percepção foi ratificada por alguns relatos feitos pelos discentes, nos quais estes informaram que não fazem *download* dos livros eletrônicos da UFBA, mas que conseguem ter acesso através de colegas que baixaram os livros e enviaram cópias a eles através de *e-mail*. Nessa indicação, verificou-se um equilíbrio entre os discentes dos Cursos de Medicina (66 – 82,5%) e Nutrição (65 - 80,2%).

Tabela 22  
Percepção dos discentes quanto às facilidades da leitura de livros eletrônicos

Facilidades da leitura do livro eletrônico	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Facilidade de acesso e compartilhamento do conteúdo	66	82,5	65	80,2	131	75,3
Facilidade de deslocamento físico de um grande número de textos	61	76,3	46	56,8	107	61,5
Possibilidade de acesso sem restrição ao um número de títulos	36	45	24	29,6	60	34,5
Facilidade de busca por palavras, acesso a outros textos citados e hipertextos	43	53,8	46	56,8	89	51,1
Alteração de fonte para melhor leitura	18	22,5	19	23,5	37	21,3
Leitura mais rápida	2	2,5	5	6,2	7	4
Leitura menos cansativa	0	0	0	0	0	0
Outro(s)	2	2,5	1	1,2	3	1,7
Não respondeu	1	1,3	12	14,8	13	7,5
<b>Número de participantes</b>	<b>(80)</b>		<b>(81)</b>		<b>(174)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

A segunda opção destacada, com 107 (61,5%) das indicações foi a facilidade de deslocamento físico de um grande número de textos, sendo apontada por 61 (76,3%) dos discentes do Curso de Medicina e por 46 (56,8%) dos discentes do Curso de Nutrição, evidenciando-se que há uma distinção entre as percepções quanto às facilidades do uso do livro eletrônico entre os dois grupos estudados.

Quanto à terceira indicação mais realizada está a facilidade de busca por palavras, o acesso a outros textos citados e hipertextos, com 89 (51,1%) das indicações, sem que tenham sido reveladas diferenças significativas entre os grupos dos discentes analisados (Curso de Medicina 43 – 53,8% e Curso de Nutrição 46 – 56,8%).

Ainda na Tabela 22, observa-se os dados relativos às opções “possibilidade de acesso sem restrição ao um número de títulos”, que obteve 60 (34,5%) das indicações e a “alteração de fonte para melhor leitura”, com 37 (21,3%) delas.

A utilização dos livros eletrônicos suscita algumas dificuldades que interferem na incorporação deste dispositivo no cotidiano dos discentes da área de saúde da UFBA, como pode ser observado na Tabela 23. Entre as dificuldades mais apontadas está o fato do livro eletrônico provocar uma leitura mais cansativa, com 121 (69,5%) das indicações realizadas.

Nesta situação de dificuldades relativas à leitura de livros eletrônicos, tanto os discentes do Curso de Medicina, com 61 (76,3%), quanto os do Curso de Nutrição, com 60 (74,1%) indicaram em maior número a leitura mais cansativa, confirmando, inclusive, os resultados demonstrados na Tabela 21.

Tabela 23  
Percepção dos discentes quanto às dificuldades da leitura de livros eletrônicos

Dificuldades quanto ao uso do livro eletrônico	Curso				Total geral	
	Medicina		Nutrição			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Leitura mais lenta	24	30	15	18,5	39	22,4
Leitura mais cansativa	61	76,3	60	74,1	121	69,5
Demanda um equipamento para efetuar a leitura dos livros	19	23,8	24	29,6	43	24,7
Perda da sensação física do livro	44	55	34	42	64	36,8
Consumo de energia	15	18,8	21	25,9	36	20,7
Pouca quantidade de títulos disponíveis em determinadas áreas do conhecimento	6	7,5	16	19,8	24	13,8
Não respondeu	1	1,3	12	14,8	13	7,5
<b>Número de participantes</b>	<b>(80)</b>		<b>(81)</b>		<b>(174)</b>	

Fonte: Dados da pesquisa.

A segunda dificuldade quanto à leitura de livros eletrônicos foi atribuída à perda da sensação física do livro, com 64 (36,8%) das indicações realizadas. Essa perda é apontada por 44 (55%) dos discentes do Curso de Medicina e 34 (42%) dos discentes do Curso de Nutrição revelando que às relações existentes entre o leitor e a obra impressa são significativas e relacionadas a hábitos de leitura em suporte impresso já enraizados.

Ainda na Tabela 23, verificam-se três outras dificuldades que obtiveram indicações bastante próximas, sendo a primeira a demanda por um dispositivo para efetuar a leitura dos livros eletrônicos, com 43 (24,7%) das indicações, a leitura mais lenta, com 39 (22,4%) entre as opções e o consumo de energia elétrica, com 36 (20,7%) das indicações. Não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos de discentes estudados no que se referem as três dificuldades da leitura do livro eletrônico elencadas.

As facilidades e dificuldades quanto à utilização dos livros eletrônicos não estão restritas ao corpo de discentes, mas afetam também os docentes que participaram desta pesquisa, que também apresentaram suas percepções positivas e negativas a respeito do livro eletrônico. Entre as percepções positivas foram citadas o “fácil acesso”; a “facilidade de deslocamento físico do livro eletrônico”, pois este pode ser armazenado em dispositivos

móveis; as “informações atualizadas” e “tendência à boa aceitação por parte dos discentes”, que esses docentes acreditam existir. (Quadro 4).

Quadro 4  
Percepção dos docentes sobre a leitura de textos em formato eletrônico

<b>Docentes</b>	<b>Percepções positivas</b>	<b>Percepções negativas</b>
Medicina 1	Fácil acesso	Falta de títulos que apresentem conteúdo teórico de determinados temas em formato eletrônico
Medicina 2	Boa aceitação por parte dos alunos	A leitura efetuada na tela do computador às vezes cansa
Medicina 3	Facilidade de deslocamento físico	A leitura na tela do computador provoca cansaço visual
Medicina 4	Boa aceitação por parte dos alunos	A leitura efetuada no suporte impresso é mais confortável
Nutrição 1	-----	A leitura efetuada na tela do computador é cansativa
Nutrição 2	-----	Falta de títulos que apresentem conteúdo teórico de determinados temas em formato eletrônico
Nutrição 3	Informações atualizadas	-----

Fonte: Dados da pesquisa.

As percepções negativas apontadas pelos docentes residem em dois aspectos centrais, sendo o primeiro a leitura cansativa, elemento bastante pontuado também pelos discentes; e o segundo é a falta de títulos que apresentem conteúdos teóricos de determinados temas em formato eletrônico, o que acarreta a prevalência do uso do livro em formato impresso.

Identificadas as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes, procurou-se verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos.

#### 4.5 AÇÕES MEDIADORAS DESENVOLVIDAS PELOS BIBLIOTECÁRIOS PARA ESTIMULAR O USO DOS LIVROS ELETRÔNICOS

Conhecido o contexto que envolve a incorporação do livro eletrônico, a sua frequência de uso e identificada às facilidades e dificuldades na sua utilização por parte dos docentes e discentes, buscou-se verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos. Nesse sentido, foram entrevistadas as bibliotecárias do Setor de Referência da Biblioteca Universitária de Saúde Prof. Álvaro Rubim de Pinho, visto que são essas profissionais que desenvolvem as ações buscando o cumprimento das políticas institucionais determinadas pelo SIBI/UFBA no que se refere à área de saúde.

Para alcançar este objetivo foi indagado às profissionais bibliotecárias se a Biblioteca Universitária de Saúde já desenvolveu alguma ação mediadora para estimular o uso do livro eletrônico pelos discentes e docentes da UFBA. Em resposta, essas profissionais foram afirmativas, informando que essas ações consistem na realização de treinamentos de usuários, quando estes são solicitados pelos docentes. Nesses treinamentos, o bibliotecário apresenta a Biblioteca Universitária de Saúde, seus serviços e produtos, o Portal de Periódicos da CAPES, as bases de dados nacionais e estrangeiras da área de saúde, os livros eletrônicos disponíveis nesse portal, assim como, os que fazem parte do acervo da área de saúde da UFBA, demonstrando para o estudante como ele pode efetuar a busca e ter acesso a esse dispositivo de informação.

Os treinamentos de usuários são realizados pelas bibliotecas da UFBA e fazem parte da política de formação de usuário do SIBI, que tem por objetivo desenvolver ações de mediação da informação junto à comunidade de suas bibliotecas. Conforme os depoimentos das bibliotecárias, esses treinamentos, inicialmente, eram oferecidos centralizadamente pela Biblioteca Central Reitor Macedo Costa. Mas, à medida que cresceu a demanda por parte dos usuários, como também, ao tempo em que foi se configurando a estrutura do SIBI em bibliotecas universitárias por área do conhecimento, como é o caso da Biblioteca Universitária de Saúde, esses treinamentos passaram a ser descentralizados, com cada biblioteca assumindo a responsabilidade quanto à promoção dessas ações mediadoras.

Buscando obter mais informações sobre as ações mediadoras desenvolvidas pelas bibliotecárias da BUS no que diz respeito aos livros eletrônicos, foi solicitado a elas que relatassem se já haviam desenvolvido alguma ação mediadora voltada ao estímulo do uso do livro eletrônico. Em resposta, as bibliotecárias informaram que entre as ações praticadas por elas, está a divulgação de materiais informativos que recebem por *e-mail* de algumas editoras, no qual são veiculadas informações sobre *e-books*, treinamentos em bases de dados e outras informações que acreditam ser de interesse do usuário. Essa divulgação é realizada a partir de cartazes que as bibliotecárias confeccionam e expõem na biblioteca, como também, através do envio de *e-mails* para a comunidade da UFBA, conforme depoimento dessas bibliotecárias:

Nossa intenção é que o usuário do ensino superior tenha, além do treinamento, alguma ação de marketing, um cartaz, uma divulgação, principalmente quando tem divulgações das editoras, quando estas mandam pra gente informações sobre a disponibilização de *e-books*. Nessa situação nós colocamos cartazes, além de mandar e-mail. (Bibliotecária 1).

Todas as vezes que eu atendo um usuário não só na sala de aula, em

treinamento, como individualmente, eu sempre estou incentivando os estudantes, pois eu percebi [...] eles, às vezes, esquecem dessa questão do livro eletrônico, e com o tempo eu vim percebendo que o livro está lá, mas não o utilizam. (Bibliotecária 2).

Percebe-se no depoimento das bibliotecárias que, além das ações que estas empreendem na tentativa de divulgar informações relativas aos livros eletrônicos, há uma menção ao uso reduzido dos livros eletrônicos da área de saúde da UFBA, conforme o depoimento da Bibliotecária 2, o que mais uma vez confirma que a frequência de uso deste material é reduzida.

As iniciativas relatadas pelas bibliotecárias são identificadas por elas como uma função própria do fazer bibliotecário, um papel a ser desempenhado no cotidiano de suas atividades como ressalta a Bibliotecária 1:

Eu acho que o sentido de trabalhar diretamente com o usuário é divulgar os produtos e serviços, não somente nos treinamentos, mas em ações pontuais que venham a estimular o estudante de ensino superior a ter autonomia. Ele tem acesso, ele tem uma mediação direta ali a partir daquele cartaz, ele pode acessar ou não. Está ao alcance das mãos a informação se ele precisar fazer uso. (Bibliotecária 1).

Individualmente, as bibliotecárias da BUS assumem a tarefa de promover ações mediadoras voltadas para a divulgação dos livros eletrônicos e de outros dispositivos de informação, porém não são ações que foram planejadas de modo sistêmico e que tiveram o seu resultado avaliado e, posteriormente, relatado oficialmente ao SIBI/UFBA. Pelo contrário, o SIBI desconhece essas práticas das bibliotecárias da BUS, com exceção de uma das ações promovidas em período não especificado, no qual ocorreu o envio de cópia de cartazes ao SIBI para que se efetivasse o registro da atividade desenvolvida pelas bibliotecárias, porém esta ação foi pontual.

Como se pode verificar, são limitadas as ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos, se reduzindo a exposição de cartazes, informações pontuais em treinamentos de usuários e abordagens espontâneas em orientações dadas diretamente aos usuários. Portanto, ainda há um longo caminho a ser trilhado para que esse tipo de livro seja conhecido e utilizado pela comunidade acadêmica da UFBA. Entretanto, para que essa iniciativa de introdução de uso dos livros eletrônicos na comunidade acadêmica da UFBA alcance êxito, ou outras que se pretenda empreender, é necessário que sejam discutidas e estabelecidas políticas institucionais voltadas ao desenvolvimento dessa relação, associada ao planejamento, implantação e avaliação

permanente e sistemática das atividades e ações mediadoras voltadas à divulgação e uso dos diversos dispositivos de informação existentes no acervo, além da realização de práticas de mediação das bibliotecas da UFBA junto aos docentes para ampliar a interlocução com eles, facilitando ações conjuntas, capazes de criar esta nova cultura.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo é realizada a discussão dos resultados da pesquisa apresentados no capítulo anterior, destacando-se os pontos principais e confrontando-os à luz da literatura e dos objetivos previamente definidos. Nesse sentido, para demonstrar melhor a compreensão alcançada, a discussão apresenta-se dividida em três subseções que compreendem: os hábitos informacionais e a incorporação do livro eletrônico; livro eletrônico: facilidades e dificuldades; e o bibliotecário e o seu papel no uso dos dispositivos de informação digital.

### 5.1 OS HÁBITOS INFORMACIONAIS E A INCORPORAÇÃO DO LIVRO ELETRÔNICO

Os hábitos informacionais dos discentes e docentes da área de saúde da UFBA foram analisados nesta pesquisa a fim de avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas, visto que, a princípio, há uma tendência desses sujeitos transferirem os hábitos de leitura e uso da informação por meio do suporte papel para o formato eletrônico. Ao analisar o uso da biblioteca pelos discentes, os resultados mostraram que quase a totalidade dos discentes (91,4%) utiliza as bibliotecas da UFBA, fato esse também constatado por Silva (2009), em pesquisa desenvolvida junto a estudantes de diversas áreas do conhecimento da UFBA.

Embora os números indiquem que há um uso efetivo do dispositivo biblioteca pelos discentes da área de saúde, buscou-se identificar qual a finalidade deste uso, observando-se que 69,2% dos discentes informaram utilizar a biblioteca para fins de identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura, enquanto que 36,5% utilizam o espaço físico da biblioteca para realização de encontros para elaboração de trabalho em equipe. A partir desses dados pode-se inferir que a biblioteca é utilizada para fins de estudo e pesquisa, atividades essenciais nos processos de ensino, pesquisa e extensão da universidade, conforme destaca Gomes (2008).

Associando a necessidade de verificação do uso das bibliotecas da UFBA e a finalidade dessa utilização, constatou-se que ocorreu inexpressível uso dos equipamentos de informática disponíveis nestes espaços, já que apenas 5,7% dos discentes informaram fazer uso frequente desses recursos, enquanto 41,4% usavam algumas vezes e 52,9% utilizam esporadicamente. Sendo que, os motivos para a não utilização foram diversos, contudo, o mais indicado pelos discentes (26,4%), foi o fato deles ingressarem no espaço da biblioteca portando equipamento próprio de informática, sendo essa uma realidade no cotidiano das

bibliotecas universitárias, inclusive, exigindo destas adaptações de suas estruturas físicas para atender a essa demanda de usuários, que por vezes, vai buscar na biblioteca um local confortável, silencioso e com estrutura física (pontos de energia elétrica, climatização e *wifi*) para realizar leituras e estudos com material próprio, de forma individual ou em grupo.

O fato dos discentes, na sua grande maioria, mesmo no espaço da biblioteca não utilizarem os computadores disponíveis, não quer dizer que eles não tenham uma frequência de uso do recurso computador, por que como foi visto anteriormente, eles ocupam o espaço da biblioteca com o seu próprio computador, fazendo uso dele, o que significa que eles estão inseridos no contexto das TIC, tanto que 99,4% afirmam usar diariamente o computador, o que dá a eles um desenvolvimento razoável, já que 60,9% indicaram ter conhecimento intermediário e 25,3% consideram que tem um conhecimento avançado desse recurso e do funcionamento dele.

Correlacionando, o uso frequente do computador é que permitirá o desenvolvimento das habilidades dos discentes com esse recurso, considerado por eles de nível intermediário, porém que aponta para um comportamento também identificado por Zimerman (2012) e Serra (2014), em estudo no qual observaram que há uma parcela significativa de estudantes que têm acesso a tecnologias digitais, fazendo uso destas com grande habilidade, pois integram uma geração nascida a partir dos anos de 1980, denominados de nativos digitais, que nasceram e cresceram manuseando as TIC, que se sentem inclusos, motivados e até mesmo mais confortáveis utilizando um computador do que dispositivos impressos. Contudo, se por um lado esses discentes interagem com as tecnologias digitais, por outro desconhecem os serviços, produtos e recursos providos pelas bibliotecas, limitando assim, a sua capacidade de desenvolvimento de práticas em informação, essenciais à pesquisa, leitura e construção textual, conforme observam Silva (2009) e Gomes (2008).

Considerando as práticas em informação e a importância destas no contexto das atividades acadêmico-científicas, verificou-se que 43,7% dos discentes da área de saúde da UFBA realizam a leitura integral de 5 a 10 textos acadêmicos por mês e 28,5% deles realizam a leitura integral de até 5 textos ao mês. Quando se cruza esses resultados com aqueles relacionados à frequência de uso do computador pode-se inferir que, apesar dos discentes da área de saúde possuírem habilidades no manuseio de computadores e realizarem atividades relacionadas ao uso deste recurso, eles não são hábeis em práticas informacionais como a pesquisa, leitura e construção textual, uma vez que informaram realizar a leitura integral de textos acadêmicos com uma frequência reduzida. Essa situação pode ser interpretada como deficiência ou até mesmo ausência de práticas mediadoras voltadas à promoção da leitura de

textos técnico-científicos, com a ausência de ações e programas para o desenvolvimento de competências de leitura, realizados pelas bibliotecas da UFBA. A biblioteca, nesta situação, não poderia se abster em realizar essas atividades, pois a biblioteca universitária está diretamente ligada com a formação de profissionais qualificados, de pesquisadores e do sujeito que produzirá conhecimento. Nesse sentido, essas ações mediadoras e o desenvolvimento da competência em informação são de extrema importância, visto que essas atividades fazem parte da missão da biblioteca, do papel que ela tem em apoiar o ensino, pesquisa e extensão, conforme reacentua Dudziak (2001) ao explicar que as atividades de uma biblioteca universitária precisam estar em consonância com os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados dentro da instituição, por isso a realização de ações mediadoras são fundamentais para que ela cumpra verdadeiramente o seu papel e que ela tenha um sentido para o usuário.

Assim, é possível afirmar, como também é necessário pontuar que há uma falta de integração entre as atividades realizadas em sala de aula e aquelas desenvolvidas pela biblioteca, situação constatada por Gomes (2008), através de pesquisa realizada nesta Universidade, de que esta falta de integração pode ocasionar uma lacuna na produção de conhecimento pelos discentes, que revelam limites em suas competências em informação. Tal situação terá reflexo na frequência e experiência de uso da biblioteca, como também, no desenvolvimento de atividades profissionais ou cotidianas que envolvam o processo de busca, identificação, avaliação e uso da informação.

Ao se analisar os hábitos informacionais dos discentes, de modo a avaliar o processo de incorporação dos livros eletrônicos, verificou-se que os discentes, ao realizarem a leitura de livros acadêmico-científicos, em sua maioria (131- 75,3%) apontaram preferir realizar a leitura no formato impresso, confirmando os resultados obtidos por Duarte e colaboradores (2013), de que dos usuários do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando foram colocados à frente da possibilidade de uso do formato impresso ou eletrônico optaram por acessar e efetuar a leitura do livro no formato impresso. Já Barrocas e Pinto (2014), constataram que 70% dos discentes de pós-graduação que participaram da pesquisa que realizaram também informaram ter preferência pelo livro impresso. Assim, embora sejam estudantes de graduação da UFMG e de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), respectivamente, os resultados obtidos nesta pesquisa reafirmam os resultados desses estudos quanto ao comportamento de uso do livro impresso e eletrônico.

Em estudo desenvolvido pela JISC e-book Observatory no Reino Unido, realizado

entre junho de 2008 e junho de 2009, no qual participaram 40.000 estudantes, também foi verificada a preferência deste público pelo formato impresso. (STELLE; WOODWARD, 2009). Logo, os resultados aqui apontados e comparados demonstram a preferência pelo livro impresso, independentemente dos discentes estarem no nível de graduação ou pós-graduação, ou ainda do seu país de origem. E, em uma análise mais ampliada, também verifica-se que a faixa etária dos discentes e, de serem ou não categorizados como nativos digitais não tem interferido nos hábitos de leitura e informacionais.

Justificadamente, o levantamento dos hábitos informacionais e do uso da biblioteca pelos discentes da área de saúde da UFBA, especificamente daqueles pertencentes aos Cursos de Medicina e Nutrição ocorreu por se considerar que, para o discente ter acesso aos livros eletrônicos da área de saúde constitui-se elemento fundamental que este estudante faça uso das bibliotecas da Instituição, assim como de seus equipamentos de informática disponibilizados nesses espaços, nas unidades de ensino ou até mesmo daquele de uso pessoal, desde que esteja conectado à rede UFBA ou, em última instância, que pertença a algum grupo de pesquisa para que assegure o acesso remoto à rede através do VPN. Visto que, na ocorrência de uma destas situações enumeradas haverá uma grande possibilidade deste discente conhecer os serviços, produtos e recursos ofertados pela biblioteca e/ou participar de atividades de treinamento que levem ao conhecimento da existência dos livros eletrônicos do acervo da UFBA.

Os docentes que integraram a amostra desta pesquisa também foram analisados sob o ponto de vista dos seus hábitos informacionais, constatando-se que estes já efetuaram leituras de textos em formato eletrônico, sendo que 3 deles informaram, inclusive, ter preferência pelo texto eletrônico, enquanto 3 não têm preferência determinada, em contraponto há apenas 1 que prefere utilizar o formato impresso. Assim, observou-se que entre os docentes há uma forte tendência para o uso de textos eletrônicos nas suas atividades acadêmicas, considerando-se que para aqueles que apontaram não ter preferência quanto ao formato de texto, a leitura no formato eletrônico é uma possibilidade. Esse comportamento de uso da informação digital, muito provavelmente, está relacionado ao fato de que, em razão da grande proliferação de revistas, jornais e publicações oriundas de eventos científicos disponíveis em meio eletrônico no ambiente virtual conduzam esses profissionais a buscarem com frequência as informações científicas em meio eletrônico. Esses resultados confirmam aqueles obtidos no estudo desenvolvido por Velasco (2008), no qual a pesquisadora investigou as alterações ocasionadas pelo uso do livro eletrônico no comportamento informacional de docentes, tendo constatado que 88,6% deles preferem o meio eletrônico para buscar informações científicas.

A realização da leitura de textos eletrônicos é um passo importante para que haja, gradativamente, a incorporação do livro eletrônico, inclusive, nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas. Sendo que, essa incorporação se realizará passo a passo, primeiramente, o discente inicia a leitura de textos curtos na tela do computador e, à medida que vai se habituando, aumenta o número de páginas a tal ponto de conseguir realizar a leitura de um livro em tela. E, os docentes que fazem buscas dessas informações científicas em meio eletrônico, também vão se habituando à leitura na tela do computador, encontrando fontes de informações como livros e textos teoricamente mais densos que possam a vim a ser incluídos aos programas das disciplinas, assim, por um lado, quem indica os textos se habituou aos textos e livros eletrônicos, e os discentes lendo, passam a praticar esse hábito de leitura com mais frequência.

Ainda que, a preferência de realização de leitura dos discentes seja no formato impresso, essa rotina de uso do ambiente eletrônico conforme revelado por eles, juntamente com o grau de abertura dos docentes que já estão se habituando à leitura na tela do computador, vem, de certa forma, contribuindo para a naturalização dessa leitura digital, haja vista que, embora os discentes desconheçam os livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA, relacionados às disciplinas que eles cursam, 81% já realizam algum tipo de leitura de livro eletrônico, sendo que desse percentual, 91,5% das indicações correspondem à leitura de livros de natureza acadêmico-científica. No entanto, a busca do discente pelo livro eletrônico não reflete no uso desse dispositivo no acervo da Instituição, pois eles desconhecem a existência desse tipo de material, portanto o não uso do livro eletrônico do acervo da UFBA não tem relação direta com qualquer resistência de uso por parte dos discentes ou de qualquer dificuldade relativa a esse uso.

A frequência de leitura de livros eletrônicos também foi verificada, havendo quase que uma equivalência de uso constante (38,3%) e eventual (37,6%). A relação estabelecida entre a frequência de uso do livro eletrônico e o tempo dedicado à leitura na tela do computador chamou bastante a atenção, pois além do discente fazer uso frequente do livro eletrônico, 65 (46%) deles dedicam cerca de 60 minutos a esse tipo de leitura, o que contraria os resultados obtidos pelo JISC e-book Observatory, que apontam que os estudantes não costumam fazer leitura continuada de textos eletrônicos, apenas folheando capítulos soltos, por um tempo de 13 minutos por sessão. (STELLE; WOODWARD, 2009).

Contudo, o fator que favorece a exposição do discente por um tempo maior de leitura em tela é a posse de equipamentos específicos para este fim, de propriedade do estudante, como os *tablets*, *ipads*, *macbooks* e outros. No entanto, deve-se ponderar que a pesquisa

realizada no Reino Unido, pelo JISC e-book Observatory ocorreu entre 2008 e 2009, a partir daí passaram-se 6 anos, o desenvolvimento tecnológico é bastante intenso e, possivelmente, os dispositivos de leitura na atualidade facilitem esse conforto físico na realização da leitura em tela, talvez por isso, essa variável pode ter interferido nos resultados alcançados nesta pesquisa, já que 65,5% dos discentes da área de saúde da UFBA que participaram da amostra informaram possuir algum tipo de dispositivo dessa natureza. Dentre estes dispositivos os *tablets* foram os mais citados, por 40,4% dos discentes, os *notebooks* por 37,5% e os computadores por 35,6% deles, entre outros que também foram citados com menor frequência como *ipads*, o *Kindle* e o *Macbook*.

Inclusive, há resultados de estudos como o desenvolvido pelo Grupo de Investigación E-Lectra, da Universidad de Salamanca (2012 *apud* CORDÓN-GARCIA, 2013?), que relaciona a posse do *tablet* e a frequência de leitura de livros eletrônicos, chegando a considerar que estes usuários que possuem equipamentos leitores costumam ler, tanto quanto os leitores de livros impressos, já que estes dispositivos são mais apropriados para a leitura interativa.

Destaca-se que alguns dispositivos citados pelos discentes não foram criados especificamente para a leitura em ambiente digital, a exemplo do celular, *notebook* e o computador, não contando com recursos de exibição de conteúdo do *e-reader*, que é um dispositivo voltado para a leitura em meio digital, que tornariam a leitura, nesses dispositivos, mais confortável como observou Procópio (2010).

O percurso realizado até aqui teve por objetivo traçar o comportamento e hábitos informacionais dos discentes da área de saúde a fim de entender como estes se relacionam com os livros eletrônicos da UFBA. Nesse sentido, os resultados mostraram que apenas 28 (16,1%) estudantes, de um total de 174 discentes informaram conhecer os livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA, o que demonstra a existência de uma situação crítica, visto que depois de transcorrido mais de 4 (quatro) anos do início do processo de aquisição da coleção de livros eletrônicos na UFBA, este acervo permaneceu desconhecido por grande parte dos discentes e da totalidade de docentes participantes da amostra desta pesquisa, o que indica que ainda não houve uma incorporação, de fato, do dispositivo livro eletrônico ao cotidiano acadêmico da comunidade da área de saúde da UFBA. Esse resultado vai ao encontro das evidências encontradas no trabalho de Barocas e Pinto (2014), quando estas autoras identificaram o mesmo nível de desconhecimento dos discentes de pós-graduação da UFC em relação à política de aquisição de livros eletrônicos da instituição.

Entre os 28 (16,1%) discentes que afirmaram ter conhecimento da existência de

livros eletrônicos no acervo da área de saúde da UFBA, 14 (53,8%) das indicações realizadas por eles foram referentes à tomada de conhecimento por meio de informação de um colega, enquanto 13 (50%) pela indicação do docente, contra apenas 8 (30,8%) que tiveram essa informação acessando a *homepage* do SIBI. Como visto, as relações interpessoais consistem em uma das variáveis que interferem no processo de busca informacional por parte do sujeito, como afirmam Wilson e Walsh (1996). A questão mais crítica em relação a este estudo é que, no caso analisado, as indicações pessoais e pontuais superam a eficácia dos canais de comunicação formal, quando estes poderiam e deveriam ser utilizados pela Instituição para promover a divulgação da coleção de livros eletrônicos.

Por outra perspectiva, o discente atribui ao docente à responsabilidade quanto ao desconhecimento a respeito dos livros eletrônicos, porém, de acordo com os dados da pesquisa apresentados em capítulo anterior, os docentes também não possuíam conhecimento sobre a existência dos livros eletrônicos adquiridos e disponibilizados pela UFBA. Dessa forma, pode-se até inferir que a pequena parcela de discentes que informou conhecer os livros eletrônicos do acervo da UFBA obteve essa informação através de outros colegas e professores e, dentre eles, alguns afirmaram ter sido o docente da disciplina de metodologia da pesquisa que realizou essa indicação.

O acesso à *homepage* do SIBI apresentou-se irrisório entre os participantes desta pesquisa, o que nos leva a inferir que a comunidade UFBA desconhece a *homepage* do SIBI/UFBA, e para aqueles que a conhecem, não há um acompanhamento contínuo das informações veiculadas através desse canal de comunicação. Essa realidade difere totalmente daquela encontrada no estudo de Barrocas e Pinto (2014), na qual o principal canal por meio do qual 58% dos discentes tomaram conhecimento dos livros eletrônicos foi a página *web* da biblioteca da UFC.

A comunidade discente que informou conhecer os livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA realizou o acesso a essas obras através do *download* do livro completo, com 8,6% e 3,4% apenas dos capítulos de interesse pessoal. Os resultados obtidos se assemelham, em parte, aos encontrados nos estudos do JISC e-book Observatory, no qual 70% dos discentes realizavam a visualização de capítulos soltos de livros eletrônicos, enquanto que nesta pesquisa ainda há uma parcela que realiza o *download* da obra completa. (STELLE; WOODWARD, 2009).

Uma vez realizado o *download* do livro eletrônico, o discente pode realizar a leitura desse dispositivo de diversas formas, porém, 6,3% deles fazem a leitura do texto completo na tela do computador ou *e-reader*, contra 2,9% que realizam a leitura de apenas alguns capítulos

soltos de livros eletrônicos. Embora os dados informados indiquem um número pequeno de discentes que realizam a leitura do livro eletrônico, pode-se inferir que essa leitura demanda dos estudantes o que Barreto (2009) nomeia de fluência digital, pois a leitura realizada na tela de um computador ou em outro dispositivo eletrônico vai além do saber usar os recursos tecnológicos disponíveis, ela exige do sujeito, também, uma capacidade cognitiva para que venha acessar, usar e apropriar-se de qualquer tipo de informação no formato eletrônico.

Sobre a ocorrência de indicação de livros eletrônicos nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas, 49,4% dos discentes informaram que não houve a indicação dos livros eletrônicos nas disciplinas dos cursos da área de saúde, enquanto que 12,1% afirmaram ter ocorrido essa indicação. Esse resultado é um indicativo de que não ocorreu a incorporação dos livros eletrônicos nas bibliografias básicas e complementares registradas nos programas das disciplinas. Assim como, o processo de aquisição dos livros eletrônicos foi realizado sem que houvesse um diagnóstico das necessidades reais da área de saúde e a participação da Comissão de Biblioteca, que tem a responsabilidade quanto à seleção dos materiais bibliográficos e especiais, conforme recomenda a Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções do SIBI/UFBA (2010).

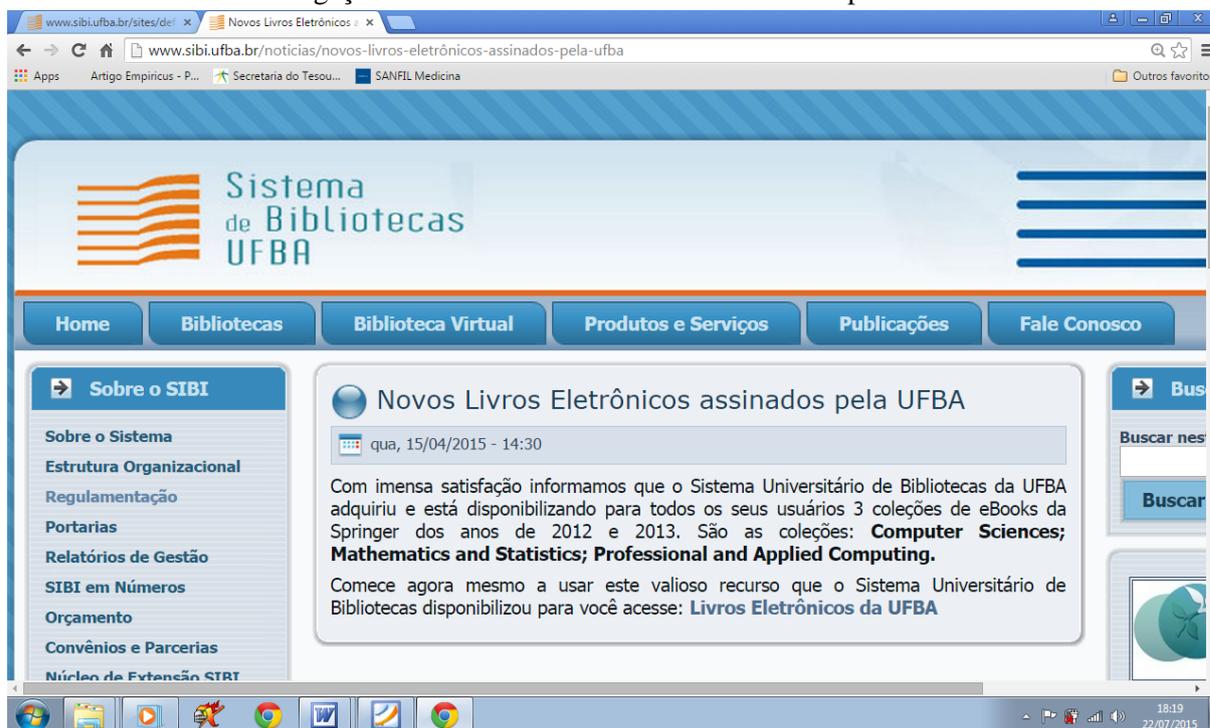
Os fatores apontados pelos discentes para justificar o desconhecimento quanto à existência dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA foram variados, porém o que teve maior ocorrência foi a falta de divulgação por parte dos docentes, com 86% das indicações. O docente tem papel de extrema importância na formação e desenvolvimento do discente na universidade, pois ele orienta o aluno no processo de descobertas, construção do conhecimento e, para isso, faz uso de fontes informacionais que serão indicadas posteriormente aos seus discentes para fins de consulta, pesquisa e estudo. Uma vez que há o desconhecimento quanto à existência dos livros eletrônicos no acervo da UFBA pelos docentes, certamente esses livros não serão indicados para leitura, conseqüentemente, também não farão parte dos programas das disciplinas.

Dentre as demais indicações dos discentes para justificar o desconhecimento quanto aos livros eletrônicos do acervo da UFBA, 66% delas apontam a deficiência da Instituição e suas bibliotecas na divulgação desses livros. Esse mesmo fator foi identificado nos estudos de Barrocas e Pinto (2014), com 47% dos discentes e esses resultados são alarmantes para as instituições envolvidas, UFBA e UFC, pois indicam uma fragilidade na política de desenvolvimento de coleções, assim como, nas ações de divulgação desses livros eletrônicos, sendo que este aspecto deve ser trabalhado no plano de marketing das bibliotecas universitárias.

A falta de divulgação por parte dos bibliotecários obteve 62% das indicações realizadas pelos discentes, sendo esse fator extremamente preocupante, pois revela que os bibliotecários da UFBA não estão cumprindo sua missão de mediadores da informação, promovendo ações que propiciem o acesso, o uso e a devida apropriação da informação através dos registros do conhecimento humano em seus formatos impressos e digitais como ressalta Perrotti e Pieruccini (2007).

O descumprimento da missão do bibliotecário se dá tanto no plano da mediação direta ou explícita, quanto da mediação indireta ou implícita. Na mediação direta há dois aspectos que podem estar dificultando, ou até mesmo inviabilizando, o conhecimento por parte dos discentes e docentes acerca da existência dos livros eletrônicos da área de saúde, sendo a primeira relacionada à escassez de ações de promoção e divulgação desses livros, ficando essa divulgação restrita a notícias na *homepage* do SIBI, a exemplo do que se pode observar na Figura 6.

Figura 6  
Divulgação dos novos livros eletrônicos assinados pela UFBA



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (2015).

A divulgação dos livros eletrônicos ocorre de forma incipiente e limitada, visto que a grande maioria dos discentes e docentes desconhece a *homepage* do SIBI, sendo esta pouco conhecida e utilizada. Por outro lado, a simples divulgação da disponibilização de livros eletrônicos não é suficiente para que ocorra o acesso e uso desse dispositivo. É indispensável

que ocorram práticas mediadoras próprias para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao uso do livro eletrônico, pois como observa Pieruccini (2007), a construção do conhecimento implica aprendizagens complexas e múltiplas para que se realize e não é a divulgação de uma notícia na *homepage* do SIBI que fará com que esse processo se concretize.

Em entrevista realizada junto à Superintendente do SIBI, do período de 2009-2010, questionou-se sobre os canais de comunicação utilizados para informar a comunidade UFBA a respeito da aquisição dos livros eletrônicos, sendo estes, além da divulgação na *homepage* do SIBI, ocorreu o encaminhamento de *e-mails* aos docentes, porém ao confrontar essas informações com as colhidas junto aos docentes, verificou-se uma contradição, pois estes relatam desconhecer a iniciativa dos livros eletrônicos e informam que não receberam *e-mail*, informativo impresso ou qualquer outro veículo de comunicação constando de informação relacionada.

O outro aspecto relacionado à mediação direta ou explícita da informação diz respeito às ações de treinamento de usuários. Os treinamentos voltados aos discentes da área de saúde são realizados na BUS, porém, sem uma periodicidade pré-determinada e regular, visto que estes ocorrem a partir de uma demanda anunciada pelos docentes, normalmente, aqueles responsáveis pela disciplina de metodologia da pesquisa. Em decorrência disso, os treinamentos não atingem, de fato, a um número significativo de discentes da área de saúde. Porém, conforme relato das bibliotecárias entrevistadas, estas trabalham no treinamento e orientação individual dos discentes que se dirigem ao setor de referência da biblioteca. Ao realizarem essa atividade, acabam divulgando os livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA. Ainda assim, essa divulgação permanece se dando apenas por demanda.

No que se refere à mediação indireta da informação, que são atividades que ocorrem mesmo que não haja a presença física ou remota do usuário, como a catalogação, classificação, indexação, construção de base de dados bibliográfica, entre outras, verificou-se uma deficiência do SIBI quanto à execução desse tipo de mediação, visto que os livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA foram adquiridos em 2009 e disponibilizados para acesso da comunidade acadêmica em 2010, através da *homepage* do SIBI. Contudo, somente no final do segundo semestre de 2014 que ocorreu a representação descritiva dos livros eletrônicos no Catálogo *on-line* da UFBA, sendo esta base de dados a primeira opção de busca por parte do usuário quando necessita realizar uma pesquisa bibliográfica. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008).

Assim, os livros eletrônicos permaneceram quase que completamente, desconhecidos

e inacessíveis aos usuários, pois no período compreendido entre 2010 e 2014 os usuários só tiveram conhecimento sobre a existência desses livros através dos treinamentos realizados pelas bibliotecárias da BUS ou mediante visita à *homepage* do SIBI. Entretanto, há que se esclarecer que nenhuma das duas ações são frequentes, primeiro porque os treinamentos, como já explicitado, ocorrem mediante demanda do docente e, segundo, porque a *homepage* do SIBI é desconhecida por muitos docentes e discentes, conforme pôde ser constatado pela pesquisadora no momento da coleta de dados junto aos participantes desta pesquisa.

No contexto, ora apresentado, não há dúvidas de que a incorporação do livro eletrônico às bibliografias básicas e complementares das disciplinas ainda é lenta ou quase inexistente, visto que ao se incorporar algo novo ao acervo o primeiro movimento que o SIBI deve fazer é de dar divulgação à existência do material para que o usuário não o localize ao acaso, mas que ele seja conscientizado da existência de forma sistemática. Este é o passo inicial, para que depois dessa tomada de consciência se pudesse vir a levantar a possibilidade de incorporar esses títulos de livros eletrônicos às bibliografias básicas e complementares das disciplinas. Desta forma, como os docentes poderiam incorporar e indicar esses livros se essa primeira etapa de tomada de consciência não foi cumprida?

A divulgação dos livros eletrônicos não quer dizer a mera informação em um boletim ou em uma tela da *homepage*, conforme se observou na Figura 6. Inclusive, se questiona a inclusão tardia da representação descritiva desses livros no Catálogo *on-line* da UFBA, pois esse fato pode ter causado uma repercussão quanto ao número de acessos a esses livros e de discentes que informaram conhecer a existência desses livros. Apesar, que promover a divulgação dos livros eletrônicos por si só é insuficiente para que ocorra o acesso e uso dos livros eletrônicos, pois uma segunda turma do Curso de Medicina foi analisada em 2015 e a grande maioria desses discentes também informaram desconhecer os livros eletrônicos da área de saúde, o que indica a necessidade de ações de mediação explícita para a promoção da leitura, na qual haja uma interlocução direta entre o bibliotecário e o usuário. (SANTOS, 2012).

Os reflexos advindos das dificuldades de acesso ao livro eletrônico e o desconhecimento dos usuários quanto à disponibilidade deste dispositivo no acervo das bibliotecas da UFBA são sentidos quando da avaliação das estatísticas de uso desses livros. O levantamento das estatísticas de acesso e *downloads* dos livros eletrônicos da área de saúde foi realizado junto ao fornecedor *Dot.Lib* e os resultados obtidos revelaram que nos três primeiros anos de disponibilização dos livros eletrônicos da área de saúde (2010-2012) houve uma demanda crescente por estes livros, partindo de 933 acessos, em 2010, para 1699, em

2012. Porém, após este período foi constatada uma queda progressiva desses acessos, tendo ocorrido 638 acessos no ano de 2013 e 634 acessos em 2014.

A coleção de livros eletrônicos da área de saúde foi o primeiro projeto da UFBA no que se refere às coleções eletrônicas, porém de 2010 a 2014 não foram adquiridos novos títulos, nem realizada a atualização quanto à edição dos títulos existentes. Esse fato pode ter algum nível de influência na redução do número de acessos aos livros eletrônicos, já que os usuários informaram ter realizado o *download* daqueles livros de interesse e não ocorreram novas aquisições, o que deve ter motivado a redução dos acessos. Aliado a isto, percebe-se que as deficiências ocorridas no processo de mediação direta e indireta da informação têm ocasionado um distanciamento entre a biblioteca e os responsáveis pelo ensino, que são os docentes. Do mesmo modo, também têm distanciado os estudantes da biblioteca que a visualizam cada vez menos como espaço de informação.

Conhecido os hábitos informacionais dos discentes e docentes, assim como eles se relacionam à incorporação dos livros eletrônicos nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas, também foi necessária a análise das facilidades e dificuldades quanto ao uso desses livros. Dessa maneira, na próxima subseção é apresentada a discussão dos resultados quanto às facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico identificadas pelos discentes e docentes.

## 5.2 LIVRO ELETRÔNICO: FACILIDADES E DIFICULDADES QUANTO AO SEU USO

As facilidades e dificuldades relativas ao uso dos livros eletrônicos interferem no uso desse dispositivo. Neste estudo, as percepções apontadas pelos docentes e discentes foram diversas, entretanto, a mais recorrentemente citada, independente do público, é que a leitura na tela do computador, *e-readers* ou *tablets* é cansativa, sendo esse resultado apresentado por mais da metade dos discentes e docentes. Já uma parcela menor informou que na tela destes dispositivos não há uma visão geral da página como ocorre com o livro impresso. Por outro lado, 48 (27,6%) dos discentes apontaram que esta leitura realizada em tela é confortável. Como observado, apesar das percepções tenderem para o desconforto da leitura em tela esta é realizada com frequência pelo estudante universitário, pois eles necessitam dos textos acadêmicos para estudo e essa demanda nem sempre é suprida pela biblioteca universitária, pois conforme relato desses discentes há poucos exemplares dos títulos nos acervos das bibliotecas da UFBA e os existentes nem sempre estão atualizados.

Diante de tal realidade, os discentes buscam como alternativa realizar pesquisas na

internet, sendo nesse ambiente que eles se deparam com livros eletrônicos gratuitos, artigos científicos e também, textos de qualidade e confiabilidade duvidosas. Porém, é dessa forma que os estudantes experienciam a leitura de textos e livros eletrônicos, fundamentando a opinião que eles têm sobre as facilidades e dificuldades quanto ao uso deste dispositivo.

É necessário pontuar que a leitura de textos e livros eletrônicos é diferente, pois o hábito da leitura de textos acadêmicos em formato eletrônico pode facilitar a leitura dos livros eletrônicos, no entanto, a leitura que um estudante realiza de um artigo eletrônico não vai determinar que ele faça a leitura integral de um livro eletrônico, ele pode até estender esse hábito de leitura de 10 a 20 páginas de um artigo em tela, mas o livro eletrônico tem um texto mais denso, longo, que exigirá do estudante maior tempo e atenção para a realização dessa leitura. Inclusive, há um número de discentes (5 – 2,9%) que indicaram realizar a leitura de alguns capítulos de livros eletrônicos na tela do computador, *e-reader* ou *tablet*, confirmando assim, que o acesso ao livro eletrônico não significa que o discente realizará a leitura integral do texto, fato esse que também ocorre com o livro impresso.

Ao analisar as respostas dos discentes quanto às facilidades da utilização dos livros eletrônicos, observou-se que a facilidade de acesso e compartilhamento do conteúdo representa a maior indicação apontada (131 – 75,3%). Certamente, essa facilidade figura como a mais citada pelo fato dos dispositivos de informação e comunicação estarem voltados para facilitar cada vez mais as trocas de informação e conteúdo através dos diversos aplicativos criados para este fim, sem falar no uso dos dispositivos de comunicação da *web* que fomentam ainda mais essa cultura de compartilhamento de informações.

Procópio (2010) considera os livros eletrônicos um dispositivo importante para promover a disseminação do conhecimento, por possibilitar ao leitor acesso rápido através da *web* ao seu conteúdo informacional, rompendo assim, as barreiras geográficas que interferem no acesso a informação. Contudo, apesar das facilidades atribuídas ao livro eletrônico é importante considerar que o acesso a um dispositivo de leitura e a um arquivo de texto não garante, por si só, que as pessoas farão uso proficiente da informação, empregando-a nos mais diversos contextos, pois o acesso às mídias não assegura por si só o uso potencial das mesmas, dado que “a capacidade intelectual e profissional de cada usuário para usufruir ao máximo de cada uma das tecnologias de comunicação e informação é tão importante quanto o próprio acesso.” como afirma Sorj (2008, p. 62, tradução nossa).

A facilidade de deslocamento físico de um grande número de livros foi a segunda indicação, (107 – 61,5%), mais realizada pelos discentes quanto às facilidades do livro eletrônico. Anteriormente ao advento das tecnologias digitais o usuário só poderia carregar

consigo a quantidade de livros ou textos compatíveis com a sua capacidade física e, se tratando de livros pertencentes à biblioteca, só seria possível retirar por empréstimo a quantidade de livros permitida pelo regulamento da biblioteca. Contudo, o que é importante, na atualidade, não é a capacidade física do usuário, mas a capacidade de armazenamento dos *e-readers*, dos *pendrives* e discos rígidos, o que faz com que o usuário possa ter em mãos centenas e até milhares de livros salvos em seus dispositivos e carregá-los consigo para qualquer lugar.

Outra facilidade atribuída pelos discentes quanto ao uso dos livros eletrônicos foi a facilidade de busca de tópicos temáticos no interior dos textos por meio da busca por palavras-chave, além de ser possível o acesso a outros textos citados e hipertextos. Essa facilidade é, sem dúvida, o que torna possível um arquivo de texto ser transformado em um livro eletrônico. Apesar de ter ocorrido essa indicação por parte dos discentes dos Cursos de Medicina e Nutrição da UFBA, é necessário explicar que essa não é uma facilidade a ser atribuída aos livros eletrônicos do acervo da UFBA, talvez esses discentes estivessem se referindo aos livros e textos que eles acessam na internet, pois os livros eletrônicos da UFBA estão no formato PDF e nele o usuário pode realizar a pesquisa por palavras-chave, porém não terá agregado ao texto *hyperlinks*, imagens multidimensionais, vídeo, som ou até mesmo a interatividade através de exercícios e jogos.

Na realidade, o formato de arquivo PDF reproduz o texto impresso, garante a fixação do formato do *layout* do livro, mas sem agregar a inclusão de elementos multimídia como o permitido pelo formato ePUB. Infelizmente, o formato PDF é o mais adotado por 81,8% das bibliotecas universitárias brasileiras, conforme apontou pesquisa realizada por Magalhães (2013).

Como visto, as facilidades atribuídas aos livros eletrônicos são muitas e a biblioteca universitária não pode perder de vista a oportunidade para explorá-las em benefício dos usuários e da melhoria dos serviços e produtos por ela oferecidos, pois a biblioteca está voltada a um tipo de usuário que mais frequentemente interage com as tecnologias digitais. Segundo Kelsey, Knapp e Richards (2012 *apud* SERRA, 2014), os livros eletrônicos e os dispositivos de leitura alteram a forma como as pessoas acessam a informação e os bibliotecários devem aprender mais sobre esses dispositivos, como eles funcionam, como os livros eletrônicos podem ser acessados através da plataforma dos fornecedores e entender como estes tendem a impactar o futuro das bibliotecas, sob a perspectiva da gestão de conteúdos eletrônicos, da política da formação e desenvolvimento de coleções, dos modelos de negócios existentes, dos direitos autorais, das ações mediadoras e outros aspectos

relacionados.

Ao explorar as facilidades do livro eletrônico também é necessário se deter um pouco nas dificuldades de uso desse dispositivo. A maior dificuldade apontada pelos discentes e docentes da UFBA quanto à leitura de livros eletrônicos foi o cansaço visual provocado por essa leitura em tela, seguida pela perda da sensação física do livro, a necessidade de equipamentos para efetuar a leitura dos livros e o consumo de energia elétrica. Esses resultados também foram encontrados por Bottentuit Junior e Coutinho (2007), em estudo realizado na Universidade do Porto, Dziekaniak e colaboradores (2010) e Alonso-Arévalo, Cordón-García e Gómez Díaz (2011).

Muitos discentes e docentes reportaram o desconforto ao realizar a leitura em tela, preferindo a utilização de livros impressos, mas infelizmente essa é uma questão que não pode ser solucionada pela biblioteca. Entretanto, nos últimos anos ocorreu uma melhoria das tecnologias digitais voltadas a facilitar a leitura de textos em tela e a qualidade dos dispositivos voltados a esse fim aumentou de forma significativa. Logo, o inconveniente relacionado ao cansaço visual deverá ser superado, até porque cada vez mais os dispositivos de leitura estão sendo fabricados com recursos como controle de luminosidade, adaptação para tinta eletrônica, que é uma tinta que faz com que o usuário tenha a impressão de está realizando a leitura no suporte papel, devido à ausência de iluminação própria. Também têm sido desenvolvidas telas que permitem a realização da leitura sob a luz do sol, com ângulos de visão de 180° graus, ou seja, uma série de melhorias que tendem a tornar a leitura, sob o aspecto físico, mais confortável.

É evidente que, a sensação física proporcionada pela leitura do livro impresso nunca será a mesma proporcionada na leitura por meio do livro eletrônico, pois não se trata apenas de aspectos físicos como o folhear das páginas ou sentir o cheiro do livro, mas envolve questões culturais que conforme Borges (1999 *apud* ALVES, 2010) faz com que o livro não seja somente um instrumento como o microscópio, que é a extensão da visão ou do telefone que é a extensão da voz, mas esse livro é a extensão da memória e da imaginação, que talvez, o livro eletrônico não consiga superar.

Por outro lado, entre os resultados deste estudo se identificou mais uma dificuldade relacionada ao uso dos livros eletrônicos, que é a ausência de livros eletrônicos que apresentem conteúdos relacionados ao conhecimento científico, dificuldade apontada pelos docentes, a exemplo dos depoimentos desses 2 docentes do Curso de Medicina e Nutrição:

Senti falta de conteúdo teórico do tema e tenho de recorrer a um livro

[impresso] ou texto especialmente. (Docente de Medicina 1)  
Tem textos acadêmicos que ainda não há em formato eletrônico [...].  
(Docente de Nutrição 2)

Essa dificuldade apontada pelos docentes faz com que os livros impressos permaneçam ainda como preferência não somente por se tratar de um canal formal de comunicação da ciência, mas porque as teorias científicas estão documentadas nesse tipo de suporte. Os docentes informam que os conteúdos das áreas que poderiam estar nas bibliografias básicas não estão ainda publicados no formato de livros eletrônicos e, além disso, há um outro fator que dificulta a introdução desses títulos à bibliografia das disciplinas dos cursos de graduação da área de saúde, é que daqueles que existem, a maior parte está escrita em língua estrangeira. No entanto, isso que foi apontado como dificuldade pelos docentes não é pertinente ao caso UFBA, já que os livros eletrônicos adquiridos para a área de saúde estão todos na língua portuguesa.

Uma vez identificadas essas facilidades e dificuldades relativas ao uso do livro eletrônico por discentes e docentes, cabe ao SIBI e aos profissionais bibliotecários da UFBA trabalharem em cima dessas facilidades e dificuldades para encontrar ações de mediação que eliminem cada vez mais as dificuldades e ressaltem as facilidades, fazendo com que a maioria dos discentes e docentes veja essas facilidades, colaborando assim, para o cumprimento do papel do bibliotecário para tornar o uso do livro eletrônico mais efetivo. Nesse sentido, é necessário discutir esse papel desempenhado pelos bibliotecários para promover o acesso e uso do livro eletrônico do acervo da área de saúde da UFBA.

### 5.3 O BIBLIOTECÁRIO E O SEU PAPEL NO USO DOS DISPOSITIVOS DE INFORMAÇÃO DIGITAL

O processo de mediação da informação realizada pelo profissional bibliotecário é de suma importância para que ocorra o acesso, uso e apropriação da informação pelos sujeitos, visto que o bibliotecário não é somente o intermediador entre o conteúdo informacional e o usuário, mas ele é o comunicador, o gestor da informação, é ele quem analisa os conteúdos, possibilitando sua posterior recuperação e que tem a responsabilidade quanto ao desenvolvimento de ações mediadoras voltadas ao acesso e uso da informação.

A ação mediadora, seja ela direta ou indireta é que possibilitará o acesso e uso da informação pelos sujeitos, permitindo a biblioteca acadêmica o cumprimento do seu papel no processo educacional, apoiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão próprios da universidade. Contudo, para que a biblioteca universitária cumpra com a sua missão, além de

prover o acesso à informação, deve oferecer serviços voltados para a aprendizagem de métodos e técnicas de busca e uso da informação e exploração dos recursos informacionais tanto para atendimento das necessidades educacionais, quanto da vida profissional. (CAREGNATO, 2000).

Nesse trabalho observou-se a ocorrência de tentativas incipientes de ações mediadoras voltadas à promoção do acesso e uso do livro eletrônico da área de saúde do acervo da UFBA, promovidas pelas bibliotecárias do Setor de Referência da BUS. Essas ações, conforme indicou os depoimentos, referem-se aos treinamentos de usuários realizados no espaço da biblioteca aos discentes, orientação individual para a realização de pesquisa bibliográfica e demais demandas solicitadas pelos usuários. Especificamente quanto aos treinamentos de usuários, estes ocorrem somente quando surge uma demanda por parte do docente, quando ele procura os serviços de treinamento da BUS para atendimento de suas turmas. Ressalta-se que, a maioria dos docentes que solicita esse tipo de serviço é responsável pela disciplina de metodologia da pesquisa e, que por essa razão, busca introduzir os discentes ao ambiente da biblioteca, seus produtos, serviços e recursos.

Os treinamentos de usuários realizados pela BUS focalizam o uso do Catálogo *online* da UFBA, da *homepage* do SIBI, seus produtos e serviços disponíveis na página, entre eles os periódicos e livros eletrônicos do acervo da UFBA, a apresentação do Portal de Periódicos da CAPES, as bases de dados nacionais e estrangeiras voltadas à área de saúde e outras orientações demandadas pelos discentes. Entre as atividades realizadas pelas bibliotecárias da BUS, a que obteve maior ênfase quanto ao estabelecimento de contato direto com o discente, foi o treinamento de usuários prestado por elas, porém estas são insuficientes para promover no sujeito o desenvolvimento de competências em informação e integrar a biblioteca universitária no processo de construção do conhecimento científico, conforme destaca Silva (2009).

Além dos treinamentos de usuários, ocorrem também orientações individuais aos usuários que se dirigem ao Setor de Referência da Biblioteca. Conforme informaram as bibliotecárias, nesses momentos em que o usuário está no espaço físico da biblioteca é que elas procuram fornecer informações sobre os livros eletrônicos e incentivar o acesso e uso desse dispositivo.

Outra prática informada pelas bibliotecárias entrevistadas relaciona-se a confecção de anúncios para chamar a atenção dos usuários da Biblioteca quanto à disponibilização de *e-books*. Essa prática, apesar de constituir uma iniciativa das bibliotecárias da BUS, é muito restrita em termo de ação de mediação da informação, pois, na maioria das vezes, os usuários

das bibliotecas não dedicam atenção às informações que são dispostas nos murais, assim, essa prática está muito distante do que se almeja como ação de mediação da informação.

Como visto, as ações realizadas pelas bibliotecárias do Setor de Referência da BUS estão longe de alcançar o cumprimento da missão da biblioteca universitária, pois como observa Targino (2010) não basta que a instituição tenha boas condições de funcionamento, instalações físicas confortáveis, equipamentos, armazene grandes acervos e até mesmo mantenha conexão com a internet à disposição dos usuários, se os serviços que oferece estão distantes da ação cultural no sentido estrito do termo, em que o bibliotecário e o público são atores e agentes sociais nas ações empreendidas por eles, dentro e além do espaço da biblioteca.

Mesmo se tratando de uma ação espontânea, um anúncio, um cartaz ou um folheto tem a mera função de chamar a atenção, e, ainda assim esse objetivo nem sempre é alcançado, pois quando há um excesso de informação, há uma grande possibilidade do usuário não prestar atenção ao que é veiculado. Nestas situações, a informação captada acaba sendo zero, devido ao usuário buscar somente aquilo que é de seu interesse imediato. Conclui-se, portanto, que a mera divulgação dos livros eletrônicos é insuficiente. Nesse sentido, é indispensável que o SIBI crie mecanismos e estratégias eficazes para divulgar os livros eletrônicos, assim como para desenvolver competências em informação entre os usuários para que estes se sintam motivados em acessar e usar os livros eletrônicos de forma proficiente, assim como os serviços e produtos oferecidos pela biblioteca.

Mas, para que as bibliotecas da UFBA consigam desenvolver adequadamente esses mecanismos e estratégias de divulgação e estímulo ao uso do livro eletrônico, é mister que elas entendam como fazer essas atividades, como trabalhar os códigos coletivos de forma adequada junto a esses usuários, visto que a biblioteca é um conjunto de meios técnicos, linguagens e universo simbólico (documentos, fotografias, livros, revistas) que elas armazenam, organizam e tratam para possibilitar o acesso, uso e apropriação da informação. Para o usuário, a biblioteca é um todo complexo, de difícil assimilação, que demanda a compreensão da sua lógica de uso, saberes desconhecidos para ele, exigindo assim, um domínio ou orientação necessária para que esse usuário venha apropriar-se dos dispositivos de informação. (PEURICINI, 2007).

Assim, tanto a biblioteca tem de ensinar os usuários a usar os códigos coletivos, as novas formas de apresentação da informação, quanto tem de pensar em uma forma de realizar esse diálogo, essa mediação com o usuário, pois como explicita Peixoto e Carvalho (2011), a mediação da informação está presente em todo o desenvolvimento do sujeito histórico e ela se

concretiza por intermédio da cultura, com seus diferentes signos e dispositivos produzidos.

A mediação da informação necessita ser uma ação planejada pela biblioteca, visto que nenhuma atividade deve ser realizada sem que seja pensado como os usuários buscam informação, qual o perfil desses usuários, quais as facilidades e dificuldades que eles identificam ao realizar uma pesquisa bibliográfica, ao utilizar o livro eletrônico, ou seja, ao estabelecer estratégias que venham minimizar as suas dificuldades, maximizando as facilidades que eles visualizam. Isso implica em conhecimento das necessidades e comportamento informacional dos sujeitos e das variáveis que intervêm no processo de busca informacional, conforme alertam Wilson e Walsh (1996).

Enquanto ação planejada, a mediação da informação tem de ser concebida e desenvolvida tanto no plano implícito quanto no plano explícito. Nesse trabalho, constatou-se deficiências no processo de mediação da informação aplicadas ao uso do dispositivo livro eletrônico nos dois planos. Ao analisar o processo de mediação implícita da informação, foi verificado que não se assegurou o cumprimento adequado dessa mediação, visto que a primeira etapa do processo, que constituiu na seleção dos títulos de livros eletrônicos, não foi realizada de forma planejada e articulada com a comunidade acadêmica, uma vez que não houve o levantamento das necessidades informacionais dos discentes e docentes, assim como não foi assegurada à participação desses últimos no processo de seleção, como revelou o depoimento da Superintendente do SIBI, quando a mesma fez a seguinte afirmação:

A seleção [dos livros eletrônicos] foi da minha responsabilidade. Eu fechei essa compra sob a minha responsabilidade. Eu vi que ali tinham clássicos da literatura médica, clássicos da literatura da área de saúde e fechei a compra, mas eu não recebi respaldo de professores. (Superintendente do SIBI/UFBA).

Como se pode observar, a seleção dos livros eletrônicos da área de saúde foi realizada sob a estrita responsabilidade da Superintendente do SIBI no período. Ressalta-se, no entanto, que os critérios para seleção de documentos em formato eletrônico foram estabelecidos na Política de formação e desenvolvimento de coleções do Sistema de Bibliotecas da UFBA, publicada somente em agosto de 2010, período posterior à seleção, aquisição e disponibilização dos livros eletrônicos à comunidade acadêmica da UFBA.

A ausência de uma política de formação e desenvolvimento de coleções, reconhecida pela direção, não impediu a seleção do material bibliográfico pela UFBA, porém, sem esse instrumento respaldando e orientando as decisões relacionadas à coleção, sem atendimento aos interesses dos usuários, distanciou-se dos parâmetros e diretrizes referentes à formação de

coleções de livros eletrônicos, conforme argumenta Magalhães (2013).

Após realizada a aquisição dos livros eletrônicos da área de saúde, estes permaneceram praticamente desconhecidos por mais de 4 anos (2010-2014) pela comunidade acadêmica da UFBA, pois nesse período ainda não havia sido realizada a representação descritiva e temática dos livros eletrônicos no seu Catálogo *on-line*, sendo o acesso a esses livros realizado apenas pela *homepage* do SIBI, que também é desconhecida pela comunidade acadêmica. Somente no final do ano de 2014, a representação descritiva e temática dos livros eletrônicos foi realizada no Catálogo *on-line* da UFBA, porém essa ação ainda é insuficiente, já que não repercutiu em aumento de uso da coleção, visto que uma parte da amostra dos discentes do Curso de Medicina foi analisada no primeiro semestre de 2015 e estes ainda informaram desconhecer os livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA.

Por outro lado, constatou-se que a mediação implícita da informação relativa aos livros eletrônicos da área de saúde não foi realizada adequadamente, o que ocasionou impacto direto no processo de mediação explícita da informação, já que uma decorre da outra. A mediação implícita subsidia a explícita.

Outro aspecto que parece não ter sido considerado pelo SIBI/UFBA é que a mediação explícita da informação exige um alto grau de interlocução entre o bibliotecário e o usuário, contato esse que deve ser amigável e prazeroso entre as partes. (SANTOS, 2012). Além disso, essa interlocução, conforme defende Gomes (2014), exige um entendimento por parte do bibliotecário de algumas dimensões, entre elas as dimensões éticas e estéticas que envolvem a mediação da informação.

Na dimensão ética é importante observar o papel que o bibliotecário tem enquanto facilitador do acesso às fontes informacionais, pois no seu exercício profissional ele lida com demandas oriundas dos sujeitos que podem causar desconforto relacionado a questões políticas, ideológicas, religiosas e morais e, nessa situação, o bibliotecário necessita ter consciência de que o seu fazer profissional não ocorre sem interferências, mas que elas devem ser minimizadas e, entendidas no sentido de possibilidade, clareza e consciência na atividade de mediação implícita e explícita da informação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008; GOMES, 2014). Assim, seu trabalho de mediação da informação deve envolver todo o universo de necessidades informacionais e possibilidades de acesso e uso da informação, independentemente, inclusive, do suporte.

Outro viés relacionado à dimensão ética da mediação da informação relaciona-se a questão dos direitos autorais, pois quando o bibliotecário realiza atividades buscando desenvolver no sujeito uma competência em informação, ele deve realizá-la fundamentada em

preceitos éticos, ensinando e conscientizando os seus usuários da importância do respeito à autoria, visto que o uso de livros eletrônicos e de outros documentos disponíveis na internet não dispensa a menção ao autor na citação ou utilização de seus conteúdos. Contudo, para que o sujeito alcance esse entendimento é necessário o exercício do papel pedagógico do bibliotecário, pois embora a internet traga mais agilidade, rapidez e facilidade de comunicação, contribuindo para a disseminação da informação, por outro lado, facilita a ocorrência do plágio e da pirataria, conforme explícita Reis e Rozados (2013).

Dentro da dimensão estética da mediação da informação visualizou-se a preocupação das bibliotecárias do Setor de Referência da BUS com relação ao cumprimento do papel de mediadoras da informação, entretanto, mesmo havendo um esforço empreendido por essas bibliotecárias no sentido de realizarem os treinamentos de usuários, estes não têm sido suficientes para favorecer o acesso e uso dos livros eletrônicos, por não atingirem a maioria dos discentes dos cursos da área de saúde da UFBA.

Numa ação mediadora explícita, como a que deveria ocorrer entre bibliotecárias e usuários da BUS, espera-se que a interlocução com os sujeitos seja acolhedora e estimuladora da cooperação, compartilhamento, trocas, com abertura a crítica e criatividade, tomando-se como referência as reflexões de Gomes (2014) quando esta autora assinala que na ocorrência desses momentos abre-se espaço para o diálogo, para a “beleza” da mediação da informação, que não se encontra em meros monólogos denominados de treinamento de usuários, mas se constitui em acolhimento e reconhecimento do usuário como sujeito participante do processo de mediação da informação, que para ocorrer demanda uma escuta e “percepção sensível” do bibliotecário quanto aos sentimentos e necessidades informacionais dos usuários.

É óbvio que no contexto da mediação implícita e explícita da informação existem códigos e linguagens que precisam ser considerados por quem realiza a mediação. Esses códigos precisam ser conhecidos e dominados pelos sujeitos da ação mediadora, que também estão inseridos no contexto dos novos meios de comunicação e informação.

O bibliotecário ao planejar ações mediadoras voltadas para o acesso e uso do livro eletrônico deve observar que esse dispositivo de informação demanda práticas mediadoras próprias para o desenvolvimento de habilidades e competências relativas a materialidade desse objeto, pois tanto o conteúdo é dialógico, já que os discentes ressaltam a facilidade de acesso e compartilhamento, quanto o uso dos recursos (computadores e internet) permite uma interação mais efetiva dos sujeitos com o livro eletrônico.

Assim, o bibliotecário, na prática da mediação da informação, precisa observar que a competência em informação, na atualidade, demanda o desenvolvimento do letramento

digital, que segundo Barreto (2009) configura-se em duas esferas, primeiro em ter domínio dos dispositivos de acesso aos conteúdos digitais e em segundo, saber buscar, acessar e construir “coisas significativas” com esses conteúdos. Desta forma, deve-se pensar em um conjunto de ações interligadas, por meio das quais a biblioteca ofereça um repertório diversificado no seu acervo informacional (impresso, audiovisual e eletrônico), representando e organizando a informação com a observação da perspectiva do usuário, para que essa linguagem e esses códigos sejam facilmente compreendidos por eles, vinculando estas ações aos novos meios de comunicação e informação.

Nesse sentido, para que os bibliotecários da UFBA cumpram o seu papel de mediadores da informação, auxiliando no processo de incorporação dos livros eletrônicos do acervo da área de saúde ao ensino e aprendizagem é indispensável que seja construído um programa de formação e desenvolvimento de habilidades e competência em informação por parte dos usuários, pois como observa Chartier (1998) o texto vive uma pluralidade de existências, a eletrônica é apenas uma delas e no contexto das TIC, as bibliotecas não perderam o seu sentido e função, elas continuam sendo centros do saber, mas que precisam despertar para o cumprimento de sua missão diante dessa nova dinâmica exigida pelo livro eletrônico.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados desta pesquisa indica que, apesar do Sistema de Bibliotecas da UFBA ter realizado a aquisição de 42 títulos de livros eletrônicos voltados a área de saúde no ano de 2009, ainda em 2015 não há o uso efetivo dessa coleção pela comunidade acadêmica.

Entretanto, um dos fatores que contribui para que não haja o uso efetivo da coleção de livros eletrônicos reside na não incorporação desses livros às bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA. As razões para tal ocorrência são as deficiências na divulgação dos livros eletrônicos, a não realização da representação descritiva e temática dos livros eletrônicos no Catálogo *on-line* da UFBA, no período de 2010 a 2014 e a falta de participação dos docentes no processo de seleção dos títulos de livros eletrônicos.

Apesar de terem sido utilizados diversos mecanismos para realização da divulgação dos livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA junto ao público discente e docente, as ações empreendidas, a exemplo de informativo veiculado na *homepage* do SIBI, anúncios confeccionados pelas bibliotecárias do Setor de Referência e expostos na BUS, *e-mails* encaminhados aos professores da área de saúde e treinamentos realizados juntos aos discentes, estes ainda foram incipientes, não permitindo o alcance do objetivo proposto de dar ampla divulgação aos livros eletrônicos existentes no acervo.

O informativo veiculado na *homepage* do SIBI constituiu-se em uma ação válida, porém de pequeno alcance, pois a *homepage*, infelizmente, é desconhecida pela maioria dos discentes e docentes da Instituição, o que permite inferir que o informativo praticamente não foi visualizado pela comunidade de usuários das bibliotecas da UFBA. Da mesma forma, pode-se dizer que os anúncios confeccionados pelas bibliotecárias do Setor de Referência da BUS, apesar de ser uma iniciativa autônoma, é insuficiente e limitada para o objetivo a ser alcançado, visto que na maioria das vezes, os usuários de bibliotecas dedicam pouca ou nenhuma atenção à leitura das informações expostas em anúncios ou murais.

Por outro lado, os docentes que participaram desta pesquisa informaram desconhecer a existência de livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA, indicando também que não receberam qualquer comunicado a respeito desses livros, logo os *e-mails* encaminhados aos docentes pelo SIBI não atingiram o resultado pretendido de dar conhecimento dessa coleção aos professores da área de saúde.

Além disso, foram citados os treinamentos de usuários como ações de mediação da

informação e mecanismos de divulgação dos livros eletrônicos. Contudo, ressalta-se que esses treinamentos ocorrem sem uma periodicidade e regularidade pré-determinadas, pois ocorrem de acordo com demandas anunciadas pelos docentes, quando estes solicitam este serviço por parte da biblioteca, para atendimento das necessidades de pesquisa de suas turmas. Logo, os mecanismos de divulgação utilizados pelo SIBI não foram eficazes para favorecer a incorporação dos livros eletrônicos às bibliografias básicas e complementares das disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA.

Através desta investigação também se constatou que, no período de 2010-2014, não foram realizadas as representações descritiva e temática dos livros eletrônicos da área de saúde no Catálogo *on-line* da UFBA, ação que ocorreu somente no final do ano de 2014. O Catálogo *on-line* da UFBA é a primeira opção de busca por parte do usuário quando este necessita realizar uma pesquisa bibliográfica e, uma vez que os livros eletrônicos não estavam descritos no catálogo, o acesso a eles tornou-se bastante limitado, restringindo-se apenas ao conhecimento da *homepage* do SIBI que apresenta a lista desses livros com *link* para acesso aos mesmos.

O espaço para participação e contribuição dos docentes no processo de seleção dos títulos de livros eletrônicos da área de saúde do acervo da UFBA não foi assegurado pela então superintendente do SIBI, o que ocasionou o desconhecimento pelos docentes quanto a essa coleção de livros eletrônicos, o que teve por consequência, também, a falta de divulgação da coleção por parte destes, fato este de suma importância para a ocorrência da incorporação dos livros eletrônicos no processo de ensino-aprendizagem, pois são os docentes que realizam a indicação de fontes de leitura em sala de aula e que influenciam os discentes quanto à escolha de determinada literatura para estudo e pesquisa.

Neste sentido, uma parcela significativa de discentes atribuiu o desconhecimento da existência dos livros eletrônicos da UFBA à falta de divulgação por parte dos professores. Esse resultado chama ainda mais a atenção para a necessidade do envolvimento dos docentes nas comissões responsáveis pelo processo de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas da UFBA. Esse envolvimento pode contribuir para que esses livros sejam adquiridos visando atender a uma necessidade real das disciplinas dos cursos, deixando de ser resultado de uma ação isolada do SIBI/UFBA, como se a incorporação de novas modalidades de livros, a aquisição por si só, pudesse colocar as bibliotecas e a comunidade acadêmica da UFBA em parâmetros contemporâneos de uso dos diversos dispositivos de acesso à informação.

Por meio da trajetória investigativa dos mecanismos utilizados para divulgação do

livro eletrônico foi possível verificar e confirmar que não ocorreu a incorporação do livro eletrônico às disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA, em função de não ter sido garantido aos docentes e discentes o conhecimento e acesso adequado a esses livros.

Na perspectiva da frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde, os resultados obtidos nessa pesquisa apontaram que o uso é bastante reduzido. Contudo, este resultado não tem relação direta com qualquer resistência ao uso desse dispositivo por parte dos discentes ou com qualquer dificuldade relativa a esse uso, pois, como a pesquisa revelou, os discentes pesquisados possuem um bom nível de habilidades com o manuseio das tecnologias da informação e comunicação, a exemplo do computador e outros dispositivos voltados à leitura de textos eletrônicos.

Na realidade, a reduzida frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde está diretamente relacionada ao desconhecimento dos usuários quanto à existência dessa coleção, pois como foi identificado na pesquisa, mais de 90% dos discentes utilizam as bibliotecas da UFBA, sendo grande parte destes para fins de identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura. Pode-se dizer que, esses estudantes são usuários reais dos serviços das bibliotecas da UFBA e, em potencial, dos livros eletrônicos do acervo da área de saúde, bastando para isso que ocorram ações de mediação da informação desenvolvidas pelos bibliotecários que focalizem, de fato, o acesso e uso efetivo desses livros, não somente em estatísticas de acesso, mas para o real desenvolvimento de atividades de estudo e pesquisa.

Através do exame dos hábitos informacionais dos discentes e docentes, constatou-se que esse público é receptivo a leitura de textos eletrônicos, principalmente de textos acadêmico-científicos. Inclusive, entre os discentes foi verificado que, em sua grande maioria, já realizam a leitura de livros eletrônicos, o que mais uma vez confirma que a frequência reduzida de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde ocorre devido ao desconhecimento dos usuários a respeito da existência dessa coleção.

Mesmo havendo deficiências na divulgação dos livros eletrônicos do acervo da área de saúde da UFBA e uma frequência reduzida dos livros dessa coleção, os discentes e docentes indicaram possuir a experiência de leitura de textos eletrônicos. Este fato leva à conclusão de que os estudantes e professores acessam e utilizam livros e textos eletrônicos a partir de fontes disponíveis na *web*, provavelmente pela facilidade de acesso e compartilhamento de conteúdo, contudo, esse acesso ocorre de forma não orientada, sem o apoio da biblioteca na busca e seleção desses materiais, a partir de fontes de recuperação da informação na *web* com maior grau de confiabilidade. Isso reforça a necessidade de se estabelecer um conjunto de ações as quais introduzam o discente de graduação no uso

eficiente da biblioteca, desenvolvendo nele competências associadas ao uso das tecnologias da informação e comunicação para a busca e o acesso a informações de qualidade na *web*, pois esta é uma demanda da sociedade contemporânea, caracterizando-se, inclusive, como uma grande oportunidade para os bibliotecários fomentarem o acesso e uso aos livros eletrônicos do acervo da UFBA.

De acordo com os dados obtidos, o acesso e compartilhamento de conteúdos configuraram-se como a maior indicação dos discentes relativa às facilidades de uso do livro eletrônico. Sendo assim, esta é mais uma razão para que os bibliotecários trabalhem a competência em informação com um foco para as fontes informacionais eletrônicas, visto que os discentes necessitam saber avaliar com critérios de qualidade as fontes informacionais disponíveis na *web* e o uso ético desses conteúdos. O bibliotecário tem pleno domínio quanto a estes aspectos e pode atuar no desenvolvimento dessa competência em informação.

A mediação bibliotecária no desenvolvimento da competência em informação poderá conduzir os discentes não somente ao acesso e uso proficientes da informação, mas a adquirirem um olhar diferenciado quanto a biblioteca, seus produtos e serviços, pois o discente perceberá que a biblioteca está atenta as suas necessidades de informação e, ao mesmo tempo, acompanha as mudanças oriundas das TIC.

Nos depoimentos dos docentes foram identificadas percepções positivas sobre a leitura de textos em formato eletrônico, entre estas foram apontadas a boa adesão por parte dos discentes a esse tipo de leitura, a existência de textos atualizados, o fácil acesso e a facilidade de deslocamento físico dos textos, o que sugere que os docentes constituem-se em utilizadores em potencial de livros eletrônicos. Alguns deles chegaram a afirmar que, ao selecionar textos para as disciplinas que ministram, são favoráveis a indicação de textos em formato eletrônico, ainda que outra parcela tenha indicado não ter preferência quanto a esse formato de texto.

Esses resultados também indicam que é indispensável observar que o uso dos livros eletrônicos envolve substancialmente o aspecto cultural, pois apesar de haver uma disseminação acentuada de conteúdos em formato digital, os discentes preferem realizar a leitura de textos acadêmico-científicos em formato impresso, justificando essa preferência em função da dificuldade para a leitura do livro eletrônico, que gera o cansaço visual e a perda da sensação física do livro.

Contudo, há uma outra dificuldade indicada pelos docentes que é relevante e de outra ordem relacionada à falta de títulos que apresentem conteúdo teórico de determinados temas em formato eletrônico. Essas questões são passíveis de solução, ser houver uma seleção

criterosa dos títulos de livros eletrônicos a compor as bibliografias básicas e complementares das disciplinas, assim como, um envolvimento dos usuários em potencial dos livros eletrônicos em atividades voltadas ao uso desse dispositivo, para que eles se habituem a pesquisar, acessar e utilizar textos nesse formato. Já o desconforto visual é uma dificuldade que não está sob o controle estrito da biblioteca, pois para ser superado exige o uso por parte dos usuários de dispositivos específicos para a leitura de livros eletrônicos, no entanto, pode-se investir na aquisição desse tipo de equipamento para adequar a infraestrutura material da biblioteca quanto ao atendimento dessa demanda.

As ações mediadoras praticadas pelas bibliotecárias da Biblioteca Universitária de Saúde parecem tímidas e insuficientes à divulgação dos livros eletrônicos e o direcionamento dos discentes para o acesso e uso desse dispositivo. Todavia, a ação que mais se aproxima dos usuários é o treinamento, contudo estes não são constantes e pró-ativos, necessitando ser redimensionados, ampliados e realizados sistematicamente para que, de fato, proporcionem uma compreensão aos discentes, não somente da lógica de organização e funcionamento da biblioteca, seus produtos e serviços, mas também, desperte no usuário um interesse em explorar a biblioteca em todas as suas potencialidades. Mas, para que isso ocorra é indispensável que seja estabelecido o diálogo, em detrimento do monólogo, pois somente quando é estabelecida uma interação ou uma troca é que o usuário entende e percebe a biblioteca como um espaço que é seu, explorando todos os seus recursos, produtos e serviços.

Os resultados alcançados apontaram à ausência de um projeto político-informacional traçado e de responsabilidade do SIBI/UFBA, que seja voltado para os livros eletrônicos, pois as ações mediadoras desenvolvidas pelas bibliotecárias da BUS, embora válidas, são limitadas e carentes de um direcionamento e gestão por parte do SIBI. Nesse sentido, para que ocorra o acesso e uso dos livros eletrônicos do acervo da UFBA é indispensável que seja concretizado não somente um projeto político, mas também a formação de uma equipe qualificada para o desenvolvimento de ações de mediação da informação voltadas, inclusive, para o uso dos livros eletrônicos.

Assim, concluiu-se que a mera disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA não tem resultado em uso efetivo dessa coleção pela comunidade acadêmica. Entretanto, por este estudo ter se limitado aos discentes matriculados nas disciplinas cujos programas indicam os títulos de livros eletrônicos no formato impresso, não foi investigado o uso desses livros eletrônicos na totalidade dos 14 cursos da área de saúde, o que sugere a necessidade da realização de outros estudos, de modo a preencher e enriquecer as lacunas deixadas por esta pesquisa, e que possam diagnosticar

com maior profundidade as dificuldades e limitações que podem também estar impedido o uso efetivo do livro eletrônico pelos discentes da UFBA, inclusive, debruçando-se sobre a disciplina de metodologia da pesquisa, por se tratar de uma disciplina comum a diversos cursos.

Ainda que se tenha observado uma postura receptiva por parte dos docentes quanto à possibilidade de adoção do livro eletrônico, o que aponta para um importante avanço nesta questão, também torna-se clara a necessidade de aprofundar os estudos a partir da construção e implantação de um projeto político voltado ao acesso e uso dos livros eletrônicos. Nesse sentido, o SIBI poderia realizar um projeto piloto com um grupo de docentes que tenha maior disponibilidade de participação, a exemplo daqueles que contribuíram com esta pesquisa, visando à realização de um trabalho integrado para a introdução do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares, o estímulo do seu uso por parte dos discentes e o desenvolvimento de uma cultura mais positiva em relação a esse importante dispositivo de informação.

Por fim, espera-se que esta dissertação represente uma contribuição e uma etapa de novas investigações que ampliem o horizonte de compreensões acerca do uso e das potencialidades do livro eletrônico.

## REFERÊNCIAS

### FONTES CITADAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>>. Acesso em: 25 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Mediações tecnossociais e mudanças culturais na sociedade da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 113-130, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/12972>>. Acesso em: 16 out. 2013.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008a. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/2008.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008b. p. 41-54.

ALONSO-ARÉVALO, Julio; CORDÓN-GARCÍA, José Antonio. El libro electrónico en el ecosistema de información. **Ciencias de la Información**, v. 41, n. 2. p. 58-68, maio/ago. 2010. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/14891/1/Libro\\_electronico\\_%28Ciencais\\_de\\_la\\_Informaci%C3%B3n%29.pdf](http://eprints.rclis.org/14891/1/Libro_electronico_%28Ciencais_de_la_Informaci%C3%B3n%29.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2014.

ALONSO-ARÉVALO, Julio; CORDÓN-GARCÍA, José Antonio; GÓMEZ DÍAZ, Raquel. El libro electrónico en la biblioteca universitaria y de investigación. **Biblios**, v. 42, p. 1-22, jan./mar. 2011.

ALVES, Elisângela Aparecida. **Convergência digital e o futuro do livro**. 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Orientação de: Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia.

AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-livro, 2008.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mediações digitais. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 4, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago09/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago09/Art_01.htm)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BARROCAS, Amélia Landim; PINTO, Virgínia Bentes. Avaliação do uso dos livros eletrônicos do acervo da Universidade Federal do Ceará pelos estudantes dos programas de pós-graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/581-2149.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

BELLINI, Carlo Gabriel Porto; GIEBELEN, Edwin; CASALI, Richélita do Rosário Brito. Limitações digitais. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 25-35, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4393>>. Acesso em: 25 set. 2013.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. A problemática dos *e-books*: um contributo para o estado da arte. In: CONFERÊNCIA IBERO-AMERICA EM SISTEMAS, CIBERNÉTICA E INFORMÁTICA, 6., 2007, Orlando, EUA. **Anais eletrônicos...** Orlando, EUA: Cisci, 2007. v. 2. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6717>>. Acesso em: 25 set. 2014.

BRETON, Phillippe; PROULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

CASARIN, Helen de Castro Silva; OLIVEIRA, Etienne Siqueira de. O uso da informação no âmbito acadêmico: o comportamento informacional de pós-graduandos da área de educação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 17, n. esp. 1, p. 169-187, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p169>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.

CORDÓN-GARCIA, Jose Antonio. **La revoluciona del libro electrónico**. UOC: Barcelona, 2011.

CORDÓN-GARCÍA, José Antonio; ALONSO ARÉVALO, Julio; MARTÍN RODERO, Helena. Los libros electrónicos: la tercera ola de la revolución digital. **Anales de Documentación**, Norteamérica, v. 13, p. 53-80, ene. 2010. Disponível em: <<http://revistas.um.es/analesdoc/article/view/106991>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

DANTAS, Taísa Rodrigues. **Letras eletrônicas: uma reflexão sobre os livros digitais**. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media)-Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Orientação de: Maria Manoel Borges e José António Cordón Garcia.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, Porto, n. 4,

2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/645/pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

DEBRAY, Régis. **Transmitir**: o segredo e a força das ideias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DOT.LIB. **Estatística de uso da coleção de livros eletrônicos da UFBA**. 2015.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal *et al.* Livro eletrônico: o que dizem os bibliotecários da Universidade Federal de Minas Gerais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1413/1414>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientação de: Sueli Mara Soares Pinto Ferreira.

ERES FERNÁNDEZ, Gretel M.; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao Século XXI. O que mudou?. **Revista UFG**, ano 13, n. 11, p. 135-144, dez. 2011. Disponível em: <<file:///G:/MESTRADO/TEXTOS%20PARA%20DISSERTA%C3%87%C3%83O/A%20leitura%20da%20antiguidade%20ao%20s%C3%A9culo%20XXI.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

FACHINETTO, Eliane Arbust. O hipertexto e as práticas de leitura. **Revista Letra Magna**, ano 2, n. 3, p. 1-19, 2º sem. 2005. Disponível em: <[http://www.letramagna.com/Eliane\\_Arbusti\\_Fachinnetto.pdf](http://www.letramagna.com/Eliane_Arbusti_Fachinnetto.pdf)>. Acesso em: 27 maio 2014.

GAMA RAMÍREZ, Miguel. El uso dos libros electrónicos. In:\_\_\_\_\_. (Coord.). **El libro electrónico em la universidad**: testimonios y reflexiones. México: Colégio Nacional de Bibliotecários; Buenos Aires: Alfagrama, 2006. p. 63-98.

GOMES, Henriette Ferreira. **Oralidade, escrita e outras tecnologias na educação universitária**: utilização nas práticas de transferência e processamento da informação. 2000. 390 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000. Orientação de: Eulina da Rocha Lordelo.

\_\_\_\_\_. Mediações para a leitura na universidade: ações docentes e a da biblioteca. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008a. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/2008.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2013.

\_\_\_\_\_. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 1, p. 1-16, fev. 2008b. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/fev08/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/fev08/Art_01.htm)>. Acesso em: 27 maio 2013.

\_\_\_\_\_. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 46-59, out. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>>. Acesso em: 27 maio 2015.

JESUZ, Vilma Aparecida Feliciano de; JOVANOVICH, Eliane M. S. *E-books*, livro eletrônico ou livro digital: análise de uso na área da saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25. 2013, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1413/1414>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

LE COADIC, Yves-Francois. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2003.

MAGALHÃES, Carolina de Souza Santana. **Coleções de livros eletrônicos nas universidades públicas brasileiras**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Orientação de: Suely Moraes Ceravolo.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MATHIAS, Arlete Aparecida. **A questão do livro**: do formato impresso ao eletrônico. 2011. 86 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade de Marília, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/F9E6EE7DE65442FBD2DA5A5A9AE97FD5.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012. Orientação de: Roberto Reis de Oliveira.

MORIN, Edgar. Os três graus. In: \_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 75-85.

OLIVA MARAÑÓN, Carlos. Bibliotecas digitales universitarias en España y TIC como paradigmas de las necesidades de información para docentes y discentes. **Biblios**, Norteamérica, n. 49, p. 65-75, 2012. Disponível em: <<http://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/69>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

ORTEGA Y GASSET. **Missão do bibliotecário**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

PAVIANI, Jayme; POZENATO, José Clemente. **A universidade em debate**. 3. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

PEIXOTO, Joana; CARVALHO, Rose Mary Almas de. Mediação pedagógica midiaticizada pelas tecnologias. **Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/15671/8499>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PERROTTI, Edmir; VERDINI, Antonia de Sousa. **Estações do conhecimento: espaços e saberes informacionais**. Texto apresentado para a série A aventura de conhecer. Programa Salto para o Futuro. TVE-MEC, setembro de 2008.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

PINHEIRO, Carlos. **Dicionário do ebook**. [S. l.]: Ler Ebooks, 2011. Disponível em: <<https://lerebooks.files.wordpress.com/2011/12/dicionc3a1rio-do-ebook.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

PLATAFORMA *Dot.Lib* UFBA. 2015. Disponível em: <<http://ufba.dotlib.com.br/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz editorial, 2010.

REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. O livro digital o direito autoral à luz do *copyleft*, *creative commons* e *digital right management*. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 2, p. 63-77, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/103437>>. Acesso em: 12 maio 2014.

\_\_\_\_\_. O livro digital e a tríade bibliotecas, mercado editorial e governo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/581-2149.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

RIBEIRO, Fernanda. Da mediação passiva à mediação pós-custodial: o papel da Ciência da Informação na sociedade em rede. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 63-70, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4440>>. Acesso em: 25 set. 2013.

SANTOS, Manuella. **Direito autoral na era digital: impactos, controvérsias e possíveis soluções**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTOS, Raquel do Rosário. **Espaço virtual e a comunicação com os usuários para a mediação da informação: utilização pelas bibliotecas das universidades federais e estaduais brasileiras**. 2012. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Orientação de: Henriette Ferreira Gomes.

SANZ DOMINGO, Pedro. **Libros electrónicos, el nuevo concepto del libro**. 2007. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/8751/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

SHAPIRO, C.; VARIAN, H. R. **Economia da informação**. 9. ed. São Paulo: Campus, 2003.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1564/1179>>. Acesso em: 13 maio 2014.

SILVA, Lúcia Vera da. **Competências em informação dos estudantes de graduação para elaboração dos trabalhos acadêmicos**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Orientação de: Henriette Ferreira Gomes.

SILVA, Armando Malheiro da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 9, p. 1-37, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/700/pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

SILVA, Ronaldo Alves da. E-books em bibliotecas: novos desafios para os bibliotecários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1398>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

SORJ, B. **Information societies and digital divides**. Milão: Polimetrica, 2008. Disponível em: <[http://www.bernardosorj.com.br/pdf/Information\\_Societies\\_and\\_Digital\\_Divides\\_ebook.pdf](http://www.bernardosorj.com.br/pdf/Information_Societies_and_Digital_Divides_ebook.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2013.

SOUSA, Margarida Maria de. **A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior**. 2009. 90 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Orientação de: Asa Fujino.

SPRINGER. **Ebooks: the end user perspective**. 2009. Disponível em: <<http://static.springer.com/sgw/documents/608298/application/pdf/eBooks+-+the+End+User+Experience>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

STELLE, Lorraine; WOODWARD, H. **Understanding how students and faculty really use e-books: the UK national e-books observatory**. 2009. Disponível em: <[http://elpub.scix.net/data/works/att/79\\_elpub2009.content.pdf](http://elpub.scix.net/data/works/att/79_elpub2009.content.pdf)>. Acesso em: 2 jun. 2014.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do Século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/2645>>. Acesso em: 25 set. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conselho Universitário. **Resolução nº 3**, de 8 de agosto de 2009. Cria o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia e dá outras providências. Palácio da Reitoria, Salvador, BA, 8 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.sibi.ufba.br/sites/default/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Sistema%20de%20Bibliotecas.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Política de formação e desenvolvimento de coleções do Sistema de Bibliotecas da UFBA**. Versão 1, de 5 de agosto de 2010. Salvador, 2010. Disponível em: <<http://www.sibi.ufba.br/sites/default/files/Politica%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Desenvolvimento%20Colecoes.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Histórico Universidade Federal da Bahia: primeira do Brasil**. 2014a. Disponível em: <<http://www.sibi.ufba.br>>. Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Sistema universitário de bibliotecas da UFBA SIBI/UFBA**. 2014b. Disponível em: <<http://www.sibi.ufba.br>>. Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_.\_\_\_\_\_. 2015. Disponível em: <<http://www.sibi.ufba.br>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

VARELA, Aida Varela; BARBOSA; Marilene Lobo Abreu; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação em múltiplas abordagens. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 138-170, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 11 maio 2015.

VELASCO, Juliana Oliveira. **O uso do livro eletrônico na prática científica**. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Orientação de: Nanci Oddone.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, 1993. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/1208>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual. In: LEONTIEV, A *et al.* **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Moraes, 1991.

WILSON, Tom D. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v. 37, n. 1, p. 3-15, 1981. Disponível em: <<http://www.informationr.net/tdw/publ/papers/1981/infneeds.html>> Acesso em: 7 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Human information behavior. **Informing Science**, v. 3, n. 2, p. 49-55, 2000.

WILSON, Tom D.; WALSH, Christina. Information behaviour: an inter-disciplinary perspective. **British Library Research and Innovation Report**, n. 10, 1996. Disponível em: <<http://www.informationr.net/tdw/publ/infbehav/chap4.html>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

ZIMERMAN, Martin. Digital natives, searching behavior and the library. **New Library World**, v. 113, n. 3-4, p. 174-201, 2012. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/03074801211218552>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

## FONTES CONSULTADAS

BUFREM, Leilah Santiago; SORRIBRAS, Tidra Viana. Práticas de leitura em meio eletrônico. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 11, n.1, p. 298-326, jul./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=00000082\\_02&dd1=b325b](http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=00000082_02&dd1=b325b)>.

Acesso em: 7 out. 2013.

CASTRO, Jaqueline Ferreira Silva de; CALIL JUNIOR, Alberto. Nativos digitais: um novo perfil de usuário. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt3>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

CORDÓN-GARCIA, Jose Antonio *et al.* Prácticas de consumo electrónico: los lectores ante los nuevos soportes. In: SEMINARIO E-LECTRA, 1., 2012, Salamanca, Espanha. **Anais eletrônicos...** Salamanca, Espanha, 2012. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/18249/>>. Acesso em: 9 mar. 2015.

CORRAL, Milagros del. A cultura do escrito na era da globalização: qual futuro para o livro? In: PORTELLA, Eduardo (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. Tradução Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO; Moderna, 2003. p. 193-204.

ECO, Humberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ELOY, Rodney. **O bibliotecário e a leitura conectada**: competência informacional digital na era dos *e-books*, *e-readers* e *tablets*. São Paulo: Perse, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Henriette Ferreira; PRUDÊNCIO, Deise Sueira; CONCEIÇÃO, Adriana Vasconcelos da. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na web. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 145-156, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2543/1/9047-11220-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2013.

LARRAÑAGA RUBIO, Julio. Economía de los ebooks. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Norteamérica, v. 33, jul. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN1010110124A>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

MULLER, Suzana P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Títulos de livros eletrônicos adquiridos pelo SIBI/UFBA

Nº	TÍTULOS	AUTOR	ANO	ISBN
1	Abdômen agudo: clínica e imagem	LOPES, Antonio Carlos; REIBSCHEID, Samuel; SZEJNFELD, Jacob	2006	85-7379-687-1
2	Aleitamento materno: passagens e transferências mãe-filho	DEL CIAMPO, Luiz Antonio; RICCO, Rubens Garcia; ALMEIDA, Carlos Alberto Nogueira de	2006	85-7379-647-2
3	Alergias alimentares: tentando entender porque existem pessoas sensíveis a determinados alimentos	ANGELIS, Rebeca Carlota de	2005	85-7379-664-2
4	Anestesia para pacientes com obesidade mórbida	FERES, David <i>et al.</i>	2005	85-7379-755-X
5	Avaliação clínica e da aptidão física dos atletas paraolímpicos brasileiros - conceitos, métodos e resultados	MELLO, Marco Túlio de	2004	85-7379-713-4
6	Cinesiologia clínica e funcional	MOREIRA, Demóstenes; RUSSO, André Faria	2005	85-7379-769-X
7	Cirurgia cardiovascular	OLIVEIRA, Sérgio Almeida de; LISBOA, Luiz Augusto Ferreira; DALLAN, Luís Alberto Oliveira	2005	85-7379-443-7
8	Diabetes Mellitus: clínica, diagnóstico, tratamento multidisciplinar	OLIVEIRA, José Egídio Paulo de; MILECH, Adolpho	2006	85-7379-659-6
9	Dinâmica cardiovascular: do miócito à maratona	GOTTSCHALL, Carlos Antonio Mascia	2005	85-7379-745-2
10	Do mito ao pensamento científico: a busca da realidade, de Tales a Einstein	GOTTSCHALL, Carlos Antonio Mascia	2005	85-7379-721-5
11	Doença cardiovascular no climatério	ALDRIGHI, José Mendes; FALUDI, André Arpad; MANSUR, Antonio de Pádua	2004	85-7379-715-0
12	Doença de Parkinson: prática clínica e terapêutica (Série Neurologia)	SANVITO, Wilson Luiz; FERRAZ, Henrique Ballalai	2005	85-7379-760-6
13	Dor e saúde mental	FIGUEIRÓ, João Augusto Bertuol; ANGELOTTI, Gildo; PIMENTA, Cibele Andrucioli de Mattos	2004	85-7379-722-3
14	Endocrinologia ginecológica: aspectos contemporâneos	ALDRIGHI, José Mendes.	2004	85-7379-717-7
15	Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: realidade, questões, soluções	SANTOS, Iraci dos <i>et al.</i>	2004	85-7379-638-3
16	Farmacêuticos em oncologia: uma nova realidade	ALMEIDA, José Ricardo Chamhum de	2006	85-7379-559-X
17	Fisiopatologia cardiovascular Vol.1 - Série Fisiopatologia Clínica	SILVA, Mauricio da Rocha e	2005	85-7379-270-1

18	Ginecologia fundamental	CONCEIÇÃO, José Carlos de Jesus; SILVA, Juraci Ghiaroni de Albuquerque e	2005	85-7379-806-8
19	Guia de medicamentos em enfermagem	BOMFIM, Érica; BOMFIM, Graziela	2004	85-7379-729-0
20	HPV na prática clínica	ROSENBLATT, Charles <i>et al.</i>	2005	85-7379-820-3
21	Manual de dietoterapia e avaliação nutricional – Serviço de Nutrição e Dietética do Instituto do Coração - HCFMUSP	ISOSAKI, Mitsue; CARDOSO, Elisabeth	2004	85-7379-682-0
22	Manual de medida articular	OLIVEIRA, Leda Magalhães de; ARAUJO, Pola Maria Poli de	2006	85-7379-770-0
23	Medicina, saúde e sociedade	JANETE, Adib	2005	85-7379-782-7
24	Metodização cirúrgica: conhecimento e arte	TOLOSA, Erasmo Magalhães Castro de; PEREIRA, Paulo Roberto Bueno; MARGARIDO, Nelson Fontana	2005	85-7379-829-7
25	Monitorização ambulatorial da pressão arterial - MAPA - 3ª edição	MION JR., Décio; OIGMAN, Wille; NOBRE, Fernando	2006	85-7379-679-0
26	Nutrição e doenças cardiovasculares	FARRET, Jacqueline Faria	2006	85-7379-723-1
27	Nutrição e metabolismo aplicados à atividade motora	LANCHA JUNIOR, Antonio Herbert	2006	85-7379-526-3
28	Nutrição no envelhecer	FRANK, Andréa Abdala; SOARES, Eliane de Abreu	2005	85-7379-541-7
29	O coração sente, o corpo dói: como reconhecer e tratar a fibromialgia	GOLDENBERG, Evelin	2005	85-7379-774-6
30	O médico, seu paciente e a doença	BALINT, Michael; MUSACHIO, Roberto; NUNES, E. Portella	2006	85-7379-743-6
31	Obstetrícia: testes selecionados para o TEGO	ALPEROVITCH, David; ALPEROVITCH, Suely Karaguelian	2005	85-7379-814-9
32	Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética	SANTOS, Iraci dos <i>et. al.</i>	2005	85-7379-708-8
33	Procedimentos especializados em enfermagem	ROGANTE, Maria Marilene; FURCOLIN, Márcia Inês Rodrigues	2007	85-7379-042-3
34	Psicofisiologia: as bases fisiológicas do comportamento	BRANDÃO, Marcus Lira	2005	85-7379-203-5
35	Psicologia na fisioterapia	MARINHO, Ana Paula; FIORELLI, José Osmir	2006	85-7379-666-9
36	Reanimação neonatal	REGO, José Dias	2004	85-7379-683-9
37	Rotinas ilustradas de unidade clínica de emergência do Instituto do Coração - INCOR	MANSUR, Antonio de Padua; RAMIRES, José Antonio Franchini	2006	85-7379-808-4
38	Semiotécnica do recém-nascido	BARROS, Cristiane Elisabeth Schmidt de; INÁCIO,	2006	85-7379-836-X

		Kátia Lopes; PERIN, Terezinha		
39	Sepse manual	SILVA, Eliézer	2006	85-7379-834-3
40	Terapia nutricional parenteral	KFOURI FILHO, Michel; AKAMINE, Dirce	2005	85-7379-813-0
41	Urgências urológicas	SROUGI, Miguel; DALL'OGGIO, Marcos; CURY, José	2005	85-7379-812-2
42	XENON São Paulo - O Livro de Concursos Médicos do Estado de São Paulo	XENON, William James	2004	85-7379-702-9

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para a Superintendente do SIBI/UFBA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A SUPERINTENDENTE DO SIBI/UFBA**

1. Em que ano ocorreu a 1ª compra de livros eletrônicos pela UFBA?
2. Qual a motivação para realização desta compra?
3. De onde partiu a iniciativa de aquisição de livros eletrônicos do acervo do SIBI/UFBA?
4. Quais os critérios para a escolha da área de saúde como primeira área a ser contemplada com esse processo de compra?
5. Como ocorreu a seleção dos títulos a compor essa primeira compra?
6. Quais os agentes envolvidos na seleção dos títulos dessa compra?
7. Como foi planejada a inserção da descrição dos títulos de livros eletrônicos no Catálogo *on-line* da UFBA?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para a Servidora Técnico-Administrativa do Setor de  
Aquisição do SIBI/UFBA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O SETOR DE AQUISIÇÃO DO SIBI/UFBA**

1. Como ocorreu o processo de seleção dos títulos de livros eletrônicos da área de saúde da UFBA?
2. Quais os agentes responsáveis pela seleção dos títulos de livros eletrônicos da área de saúde da UFBA?
3. Ocorreu um período de teste para verificar a aceitação do público docente e discente quanto aos livros eletrônicos da área de saúde adquiridos pela UFBA?
4. Quais as dificuldades ocorridas no processo de seleção e aquisição dos livros eletrônicos da área de saúde da UFBA?
5. O procedimento de encaminhamento dos livros impressos para o setor de processamento técnico também foi adotado para os livros eletrônicos?
6. Você pode descrever esse procedimento?
7. Se negativo, por que os livros eletrônicos não são encaminhados ao setor de processamento técnico?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista para as bibliotecárias



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS BIBLIOTECÁRIAS**

1. Quais as vantagens e desvantagens que você identifica em relação à incorporação dos livros eletrônicos ao acervo do SIBI/UFBA?
2. Qual a percepção que você tem sobre as facilidades e dificuldades do livro eletrônico por parte dos leitores?
3. E, você, individualmente, já teve oportunidade de ler algum livro eletrônico?
4. Caso tenha tido oportunidade, qual a sua percepção?
5. A biblioteca da área de saúde já desenvolveu alguma ação mediadora para o uso do livro eletrônico por parte dos discentes e docentes da UFBA?
6. Essas ações mediadoras fazem parte de algum plano determinado pelo SIBI/UFBA?
7. Você como bibliotecário desenvolveu espontaneamente alguma ação mediadora voltada a estimular o uso do livro eletrônico?
8. Por que você teve essa iniciativa?
9. Como foi que você fez?
10. Você avaliou o resultado dessa ação?
11. Você relatou oficialmente essa ação ao SIBI/UFBA?

## APÊNDICE E - Roteiro de entrevista para os docentes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS DOCENTES**

1. Ao selecionar textos para as disciplinas que você ministra tem preferência por textos em formato impresso ou eletrônico?
2. Você alguma vez teve a oportunidade de efetuar a leitura de textos acadêmicos /científicos em formato eletrônico?
3. Caso tenha, qual a sua percepção sobre a leitura nesse tipo de material?
4. Você tem feito indicação de leitura de textos em formato eletrônico para os estudantes das disciplinas que ministra?
5. Qual a sua percepção sobre as dificuldades e facilidades da leitura do livro eletrônico por parte dos estudantes?
6. Você tomou conhecimento dos títulos de livros eletrônicos da área de saúde que já estão disponíveis na biblioteca?
7. Caso tenha respondido afirmativamente como obteve esta informação?
8. Você sabe como se dá o acesso aos títulos de livros eletrônicos já existentes na UFBA?
9. Você já utilizou alguns desses livros eletrônicos adquiridos pela UFBA para as suas atividades acadêmicas?
10. Quantos livros eletrônicos do acervo da UFBA você utilizou neste ano?
11. Você já incorporou ou vê possibilidade de incorporar títulos de livros eletrônicos à bibliografia básica e complementar das disciplinas que ministra?
12. Você considera que a incorporação de livros eletrônicos no âmbito acadêmico representa uma alteração significativa nas práticas de leitura e pesquisa científica?
13. Você já tomou conhecimento ou participou de alguma atividade realizada pela biblioteca no que se refere à utilização dos livros eletrônicos?

## APÊNDICE F – Termo de autorização para o docente

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a mestranda Lívia Santos de Freitas a utilizar as informações que forneci ao responder as questões de entrevista para a elaboração da sua dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto a minha identificação pessoal.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura do docente

## APÊNDICE G – Questionário dos discentes

**QUESTIONÁRIO (DISCENTE)**

Prezado (a) discente,

Convidamos você a participar da pesquisa em andamento desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA), pela mestranda Lívia Santos de Freitas, sob a orientação da Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes. A pesquisa objetiva verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material.

Esperamos que você se sinta motivado a colaborar! O questionário é de fácil preenchimento e leva em torno de 10 a 20 minutos para ser completado.

Salientamos que será assegurado o sigilo em relação às informações e dados fornecidos.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação indispensáveis à conclusão desta pesquisa.

**DADOS PESSOAIS:**

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Matrícula: \_\_\_\_\_

3. Sexo:

( ) Feminino            ( ) Masculino

4. Idade:

( ) menos de 20 anos    ( ) 31-35 anos  
( ) 21-25 anos            ( ) acima de 36 anos  
( ) 26-30 anos

5. Curso:

( ) Medicina  
( ) Nutrição

**HÁBITOS INFORMACIONAIS**

6. Qual sua frequência de leitura integral de texto acadêmico/científico?

( ) Menos de 5 textos por mês  
( ) Entre 5 a 10 textos por mês  
( ) Entre 10 a 20 textos por mês

- Acima de 20 textos
- Não sei informar

7. Como você avalia seu nível de habilidades com o computador?

- Básico
- Intermediário
- Avançado
- Não sei informar

8. Com que frequência você utiliza o computador?

- Raramente
- Algumas vezes na semana
- Todos os dias
- Não uso computador

9. Você utiliza as bibliotecas da UFBA?

- Sim
- Não

10. Com qual finalidade você usa as bibliotecas da UFBA?

- Para identificar, localizar e obter textos para estudo e leitura
- Apenas para utilizar o espaço físico da biblioteca para estudo com material próprio
- Uso o espaço físico da biblioteca para realização de encontros de trabalho em equipe
- Outros. Por favor, especifique: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

11. Caso frequente as bibliotecas do Sistema da UFBA, você também utiliza os equipamentos de informática que são disponibilizados nesses espaços?

- Sim
- Não

Caso tenha respondido sim, com que frequência utiliza:

- Sempre
- Algumas vezes
- Esporadicamente

Caso não utilize, informe o(s) motivo(s): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

12. Você já efetuou a leitura de algum livro eletrônico?

- Sim
- Não

13. Caso você tenha realizado a leitura de algum livro eletrônico, por favor, informe a natureza do texto:
- Texto acadêmico/científico
  - Literatura de ficção (poesia, contos, romance, outros etc.)
  - Textos/livros de referência (dicionários, guias, enciclopédias, outros etc.)
  - Outro(s). Especifique: \_\_\_\_\_
14. Ao realizar leituras de livros acadêmico-científicos, qual tipo de formato de texto prefere utilizar?
- Impresso
  - Eletrônico (lendo texto integralmente na tela do computador)
  - Sem preferência
15. Caso você tenha lido vários livros eletrônicos, por favor, informe a frequência com que realiza esse tipo de leitura:
- Sempre
  - Algumas vezes
  - Esporadicamente
16. Quando você efetua a leitura de livros eletrônicos, quantos minutos sequenciais você costuma dedicar a esse tipo de leitura diretamente no computador:
- No máximo 15 minutos
  - De 15 a 30 minutos
  - De 30 a 45 minutos
  - Acima de 60 minutos
17. Você possui equipamento próprio de leitura para livros eletrônicos?
- Sim    Não
- Se respondeu sim, por favor informe qual(ais)? \_\_\_\_\_
18. A leitura na tela do computador, dos *e-readers* ou *tablets* lhe parece:
- Confortável
  - Cansativo
  - Na tela não temos uma visão geral da página
19. Qual(is) facilidade(s) você percebe em realizar a leitura do livro eletrônico:  
(Nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa)
- Facilidade de acesso e compartilhamento do conteúdo
  - Facilidade de deslocamento físico de um grande número de textos
  - Possibilidade de acesso sem restrição ao um número de títulos
  - Facilidade busca por palavras e de acesso a outros textos citados e hipertextos
  - Alteração de fonte para melhor leitura

- Leitura mais rápida
- Leitura menos cansativa
- Outro(s). Especifique: \_\_\_\_\_

20. Qual(is) a(s) dificuldade(s) considerada(s) quanto ao uso do livro eletrônico:  
(Nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa)

- Leitura mais lenta
- Leitura mais cansativa
- Demanda um equipamento para efetuar a leitura dos livros;
- Perda da sensação física do livro
- Consumo de energia (eletricidade, linha telefônica e baterias)
- Pouca quantidade de títulos disponíveis em determinadas áreas do conhecimento

### LIVROS ELETRÔNICOS DA UFBA

21. Caso você leia livros eletrônicos, tem conhecimento se o Sistema de Bibliotecas da UFBA disponibiliza livros eletrônicos nos temas relacionados ao seu curso:

- Sim    Não

22. Caso tenha respondido sim, como tomou conhecimento dos livros eletrônicos disponibilizados pelo Sistema de Bibliotecas da UFBA?

- Acessando a *homepage* do Sistema de Bibliotecas
- Indicação de um colega
- Indicação do docente
- Indicação do bibliotecário da seção de referência
- Através de treinamento de usuário oferecido pela Biblioteca de saúde da UFBA
- Outros. Por favor, especifique: \_\_\_\_\_

23. Por favor, informe se já fez uso de alguns desses livros eletrônicos em suas atividades acadêmicas e/ou de pesquisa?

- Sim    Não

24. Se fez, por favor indique a frequência de uso desses livros eletrônicos:

- Sempre
- Algumas vezes
- Esporadicamente

25. Caso faça ou tenha feito uso dos livros eletrônicos que o Sistema de Bibliotecas disponibiliza para os discentes da UFBA, como utilizou esse material:

- Fez *download* do livro completo
- Fez *download* apenas do(s) capítulo(s) indicado(s) pelo docente
- Fez *download* apenas do(s) capítulo(s) do seu interesse

26. Caso faça ou tenha feito uso dos livros eletrônicos que o Sistema de Bibliotecas disponibiliza para os estudantes da UFBA, como ocorreu a leitura desse material?

- Do texto completo na tela do computador, *e-reader* ou *tablet*
- Do texto completo impresso por meio de *download*
- Apenas de alguns capítulos na tela do computador, *e-reader* ou *tablet*
- Apenas alguns capítulos, impresso por meio de *download*
- Fez a impressão do texto para proceder a leitura
- Apenas uma leitura de conhecimento para avaliação do conteúdo do texto

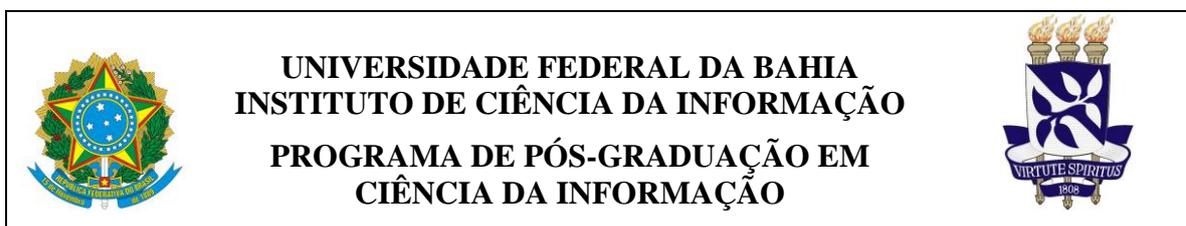
27. Nas bibliografias das disciplinas de seu curso constam livros eletrônicos do acervo da UFBA?

- Sim    Não

28. Caso você desconheça os livros eletrônicos que o Sistema de Bibliotecas disponibiliza para os estudantes da UFBA, por favor, indique o(s) fator(e)s que você considera que contribuem para este fato:

- Falta de divulgação por parte dos docentes
- Falta de divulgação por parte dos bibliotecários
- Deficiências da Instituição e suas bibliotecas na divulgação dos livros eletrônicos
- Não se sente motivado para buscar informações de serviços e acervo da biblioteca
- Outro(s). Especifique: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos discentes

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Efeitos da utilização de livros eletrônicos: estudo de caso da Biblioteca Universitária de Saúde, UFBA”, sob a responsabilidade da pesquisadora Lívia Santos de Freitas, sob orientação da Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes, a qual pretende “Verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material; Especificamente: avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas; verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA; identificar as facilidades e dificuldades de utilização do livro eletrônico pelos discentes e docentes; verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos”.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista ou aplicação de questionário, não havendo possibilidade de desconforto ou risco físico aos sujeitos dessa pesquisa. Contudo, o sujeito pode sentir-se incomodado para responder questões relacionadas aos hábitos informacionais de ordem pessoal. Caso aceite participar, estará contribuindo para a construção da dissertação de mestrado em conformidade com o tema apresentado, assim como ajudará o Sistema de Bibliotecas da UFBA a sistematizar práticas voltadas à divulgação dos seus acervos eletrônicos à comunidade.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Sendo os dados coletados bem como os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido mantidos sob a guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, pela Profa. Pesquisadora Henriette Ferreira Gomes e Livia Santos de Freitas. Após este período, os dados serão incinerados.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Campus Canela – Instituto de Ciência da Informação, pelo telefone (71) 8751-6513.

O Comitê de Ética em Pesquisa ao qual foi submetido o projeto de pesquisa apresentado é:

Comitê de Ética em Pesquisa  
Escola de Enfermagem da UFBA  
Endereço: Rua Augusto Viana, s/n., 4º andar, sala 432-437, Canela.  
Salvador, Bahia  
CEP: 40110-060  
Tel: 71 3283-7615  
E-mail: ceppe.ufba@ufba.br

### **Consentimento Pós-Informação**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Dou autorização ao pesquisador para realizar publicações dos resultados obtidos a partir da minha colaboração na pesquisa.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador responsável

## APÊNDICE I - Minuta de e-mail para professores

Ilm. Senhor xxxxxxxx  
Professor de xxxxxxxx

Prezado Professor,

Chamo-me Livia Santos de Freitas, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFBA e Bibliotecária do quadro de servidores da Universidade Federal da Bahia SIAPE: 019728654. Venho, através desta, solicitar sua colaboração no sentido de participar de uma entrevista, com duração de 15 minutos, para que eu possa coletar informações para a elaboração de dissertação de mestrado, cujo objetivo é verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material.

Estou à disposição para que agende um horário e local para realização desta entrevista e, se possível, me informe um número telefônico para que possamos estabelecer comunicação. Esta entrevista é de fundamental importância para a continuidade da minha pesquisa de mestrado. Assim espero contar com a sua atenção e breve disponibilidade.

Informo que todas as informações serão utilizadas unicamente para essa pesquisa, sendo que os dados de identificação pessoal dos respondentes serão preservados em sigilo utilizando-se nomes fictícios no caso de citações dessas informações na dissertação. O resultado final desse estudo estará à disposição dos participantes da amostra da pesquisa, após a conclusão e defesa da dissertação.

Certa do seu breve retorno, agradeço desde já.

Livia Santos de Freitas  
Mestranda do PPGCI-UFBA

## APÊNDICE J – Carta de Apresentação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Ilma. Senhora Rosemary da Rocha Fonseca  
Colegiado de Nutrição

Prezada Coordenadora,

Solicito sua colaboração no sentido de autorizar a mestrandia Livia Santos de Freitas – PPGCI-ICI/UFBA, a obter junto ao Colegiado de Nutrição a relação dos alunos matriculados nas Disciplinas NUT-136, NUT-138, NUT-172, NUT-157 e NUT-167, para aplicação de questionário com o objetivo de coletar informações para a elaboração de sua dissertação de mestrado, cujo objetivo é verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material.

Todas as informações serão utilizadas unicamente para essa pesquisa, sendo que os dados de identificação pessoal dos respondentes serão preservados em sigilo utilizando-se nomes fictícios no caso de citações dessas informações na dissertação. O resultado final desse estudo estará à disposição dos participantes da amostra da pesquisa, após a conclusão e defesa da dissertação.

Salvador, 22 de outubro de 2014.

Dra. Henriette Ferreira Gomes  
Professora Orientadora PPGCI  
ICI-UFBA

## APÊNDICE K – Carta de Apresentação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Ilma. Senhora Sumaia Boaventura André  
Colegiado de Medicina

Prezada Coordenadora,

Solicito sua colaboração no sentido de autorizar a mestranda Lívia Santos de Freitas – PPGCI-ICI/UFBA, a obter junto ao Colegiado de Medicina a relação dos alunos matriculados nas Disciplinas MED B28 - Ética e Conhecimento Humanístico V; MED 225 - Neonatologia; MED 231 - Internato I em Pediatria e MED B19 - Medicina Social, para aplicação de questionário com o objetivo de coletar informações para a elaboração de sua dissertação de mestrado, cujo objetivo é verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material.

Todas as informações serão utilizadas unicamente para essa pesquisa, sendo que os dados de identificação pessoal dos respondentes serão preservados em sigilo utilizando-se nomes fictícios no caso de citações dessas informações na dissertação. O resultado final desse estudo estará à disposição dos participantes da amostra da pesquisa, após a conclusão e defesa da dissertação.

Salvador, 22 de outubro de 2014.

Dra. Henriette Ferreira Gomes  
Professora Orientadora PPGCI  
ICI-UFBA

## APÊNDICE L – Termo de autorização para a bibliotecária

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a mestranda Lívia Santos de Freitas a utilizar as informações que forneci ao responder as questões de entrevista para a elaboração da sua dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto a minha identificação pessoal.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura da Bibliotecária

## APÊNDICE M – Termo de autorização para a Superintendente

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a mestranda Lívia Santos de Freitas a utilizar as informações que forneci ao responder as questões de entrevista para a elaboração da sua dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto a minha identificação pessoal.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura da Superintendente

APÊNDICE N – Termo de autorização para a servidora técnico-administrativa

### **AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a mestranda Lívia Santos de Freitas a utilizar as informações que forneci ao responder as questões de entrevista para a elaboração da sua dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto a minha identificação pessoal.

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Assinatura da servidora técnico-administrativa

## **ANEXO**

## ANEXO A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Efeitos da utilização de livros eletrônicos: estudo de caso da Biblioteca Universitária de Saúde, UFBA

**Pesquisador:** LIVIA SANTOS DE FREITAS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 39687314.7.0000.5531

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 964.172

**Data da Relatoria:** 03/02/2015

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de dissertação de Livia Santos de Freitas apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do ICI da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Henriette Ferreira Gomes.

**Objetivo da Pesquisa:**

A pesquisa tem por objetivo geral "verificar se a iniciativa de disponibilização de livros eletrônicos à comunidade de estudantes de graduação da área de saúde da UFBA tem resultado em uso efetivo desse material" e por objetivos específicos: "avaliar o grau de incorporação do livro eletrônico nas bibliografias básicas e complementares das disciplinas; Verificar a frequência de uso do livro eletrônico nas disciplinas dos cursos da área de saúde da UFBA; Identificar as dificuldades e facilidades de utilização do livro eletrônico por professores e alunos; Verificar a existência de ações mediadoras desenvolvidas pelos bibliotecários para estimular o uso dos livros eletrônicos".

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo a autora, "não há riscos para os participantes desta pesquisa uma vez que todos e quaisquer dados de identificação pessoal serão mantidos sob sigilo". Ela também indica que "não há benefício direto para o participante desse estudo. Somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício. Porém, os resultados obtidos com este estudo poderão

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
**Bairro:** Canela **CEP:** 41.110-060  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



Continuação do Parecer: 964.172

ajudar a o Sistema de Bibliotecas da UFBA a sistematizar práticas voltadas a divulgação dos seus acervos eletrônicos à comunidade, assim como de treinamento de usuários. Fundamentar o processo de desenvolvimento de coleções da Biblioteca Universitária de Saúde - UFBA". Julgo que os benefícios superam os riscos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto bem escrito e recortado. Pesquisa relevante sobre a efetividade da política de leitura digital da biblioteca universitária de saúde.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta toda a documentação exigida pelo CEP/EE-UFBA

**Recomendações:**

Nenhuma

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pelo fato de não se tratar de pesquisa bio-médica ou bio-clínica; pelo fato da resolução sobre as pesquisas das ciências humanas envolvendo seres humanos ainda encontrar-se em tramitação na CONEP, pelo fato do TCLE ser escrito em linguagem clara e garantir aos participantes da pesquisa os princípios que consubstanciam a Resolução 466/12, pelo fato dos currículos da pesquisadora e orientadora evidenciarem as melhores credenciais para conduzir a pesquisa, sou de parecer favorável à aprovação desse protocolo.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado homologa o PARECER DE APROVAÇÃO emitido pelo relator.

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
**Bairro:** Canela **CEP:** 41.110-060  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



Continuação do Parecer: 964.172

SALVADOR, 25 de Fevereiro de 2015

---

**Assinado por:**  
**Dra DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
**Bairro:** Canela **CEP:** 41.110-060  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br